HENRIQUE DE SOUSA E MELO

O CAMINHO DOS HERÓIS

ROMANCE

EDIÇÃO DO AUTOR

1950

DEDICO ESTE LIVRO

AOS

HERÓIS DESCONHECIDOS DE PORTUGAL.

ÀQUELES

QUE SENTINDO BROTAR DO PEITO

A CHAMA SAGRADA DO PATRIOTISMO,

SOUBERAM,

SEM ESPERANÇA DE QUALQUER RECOMPENSA,

DIGNIFICAR A TERRA

QUE LHES DEU A LUZ

Todos os personagens desta narrativa são fictícios. Qualquer semelhança entre elas e pessoas que existam ou tenham existido significa mera coincidência.

AO LEITOR

A sombra da tragédia que um dia cobriu Timor, sempre despertou em mim o eco de um desejo.

Sabia, todos sabiam, que se lutara naquela longínqua colónia, que por toda aquela terra invadida o sangue português se vertera generosamente. Ocorreu-me, então, a ideia de prestar uma modesta homenagem a tantos heróis desconhecidos e resolvi, em conformidade com essa ideia, escrever um livro, um romance que traduzisse o meu respeito por todos os Portugueses que tombaram na Oceania distante.

Fi-lo de jacto, no curto espaço de um mês. Eu tinha o desejo intenso, a febre dominadora de o acabar bem depressa.

E, ao terminar esta curta explicação, tenho esperança de que o motivo que me levou a escrevê-lo possa diminuir a gravidade dos erros que porventura cometi e atrair sobre mim a benevolência dos que me lerem.

O AUTOR

CAPÍTULO I

Num extremo do arquipélago de Sonda, bem longe do Continente, nos seus antípodas, vibra sob o sol do Oriente, apontando o limite do Império Colonial Português, a terra que Fr. António Taveira descobriu: Timor!

A 125 graus de longitude Este, a 8 graus de latitude Sul, dorme esse baluarte último da Pátria de Camões, embalado pelas águas de vários mares, num polvilhar de possessões holandesas, procurando vislumbrar na imensidão da distância a vasta e arrogante Austrália.

Herança de um passado de grandeza, pedaço de uma epopeia de navegação e de conquista, mira-se agora nas recordações que ficaram no rodar de quatro séculos de gloriosa história.

E que mais pode ela fazer do que recordar, ou no remanso das suas plantações quando o Sol aquece e as doces sombras inclinam ao sono, ou nas poéticas noites da selva, quando a Lua pairando lá no alto arrasta pela terra mil visões desse Oriente perfumado e misterioso?

Timor! Símbolo último de Império absoluto do mar das Índias não tem, no entanto, a história sangrenta de outras colónias. O seu hálito quente, a sensualidade dos seus per-

fumes violentos convidaria mais, talvez, à meditação e à poesia do que à fúria e à luta. O certo é que a penetração portuguesa foi fluente, foi fácil. Desenvolveu-se mais a acção do missionário e do mercador do que brilhou a espada do guerreiro. A mentalidade do timorense não é complicada, deseja uma vida fácil e agradável e é tudo. Não absorveu o Cristianismo tão bem como os outros povos coloniais e manteve-se em grande parte pagão porque, naturalmente, os seus raciocínios primitivos se casassem melhor com as ancestrais superstições do que com os princípios suaves da religião Cristã.

Sulcado de belas ribeiras, alteado de fortes montanhas, ricas as entranhas abrindo-se em bocas de muitas minas, vestido de frondosa selva, selva querida do solo Timorense que o cobre em grandes extensões de admiráveis árvores, rasgado por caminhos e estradas envolvidas numa poesia de soledade, permitindo que se avistem ao longe os rebanhos pastando ou mãos indígenas na colheita — tal é Timor.

Quatro séculos Timor vivera sob a bandeira do Império Português. Por quatro séculos Timor se habituara a ser, pròpriamente, uma parte de Portugal. Acabada a luta com os holandeses; decorridas as campanhas de 1912; ele, sentinela portuguesa da Oceania, mirou-se para além, nas ondas verdes do mar de Arafura e aquietou-se como padrão eterno dum passado sem igual.

Mas estavam para vir as mais trágicas horas de toda a sua história!

* * *

Ao seu redor travava-se naquele ano de 1941 a mais violenta luta de todos os tempos. Aconchegado entre dois mares, apoiado sobre a ferrugem das tradições das armas

de Albuquerque, mantinha-se calmo guiado como sempre pela acção do governo continental.

Mas no dia 9 de Dezembro de 1941 aviões estrangeiros, australianos, sobrevoaram Timor, nomeadamente Dili. Tal se repetiu nos dias 11 e 12, colocando em grave perigo a neutralidade portuguesa.

No dia 17 de Dezembro, às primeiras horas da manhã um corpo de tropas holandesas e australianas desembarcou na baía da capital. Movia-as, disse-se, o objectivo de defender a colónia de uma próxima e iminente agressão nipónica. Esta atitude fatalmente tinha que desagradar a todos os portugueses, pelo menos a todos aqueles em cujo coração ardia ainda a chama do santo amor pela Pátria.

A posição de Timor e o risco que corria na conflagração tinha sido discutida em 4 de Novembro pelo Secretário do Estado Britânico para os Negócios Estrangeiros com o Embaixador Português. Ficara estabelecido que o auxílio britânico só devia ter lugar em caso de efectivo ataque japonês e não preventivamente ou por receio. Porém, o aparecimento de alguns submarinos japoneses nas costas de Timor, veio precipitar os acontecimentos.

* * *

Situemo-nos algum tempo depois (1 de Fevereiro de 1942) em plena Dili. A cidade desenvolve-se nas bermas da selva, ela própria é selva com casas. A exuberância da vegetação tudo invade dando-lhe um aspecto exótico e original. As ruas rectas, limpas, embora rudimentares, marginam-se de edifícios de pobre estrutura. Sobressaem, na sua grandeza os edifícios oficiais. A longa e romântica baía de Dili num cenário de palmares e de coqueiros faz

lembrar qualquer país de sonho quando o Sol, num triunfo sangrento, se arrasta para poente e se perde no mar. Ao longe, esmaltam o horizonte as coloridas encostas recamadas de coqueiros e de palmeiras que erguem para o azul desbotado do firmamento os braços elegantes. Centenas de indígenas descem constantemente essas encostas a caminho de Dili e dos bazares. Bazares de Dili! Onde naquele tormentoso ano se falava o português, o chinês, o malaio, a sua variante indígena que é o «této» ou «tetum», as línguas das tropas desembarcadas e ainda outras línguas e dialectos.

O dia corria quente e doentio. Nas águas da baía esbatiam-se ao entardecer as silhuetas dos barcos de pesca e de um ou outro cruzador australiano. O litoral ensombrecia-se, vislumbrando-se, através das silhuetas elegantes dos coqueiros, os magníficos recifes de coral. O dia fora de bazar, mas ia terminando na lentidão dos últimos oferecimentos e das últimas compras. Em várias barraquinhas ainda se trocavam bugigangas, panos, garrafas de álcool e tilintavam florins, patacas, escudos, etc. Os restos das frutas saborosas, dos ananases, das bananas, das ameixas, das mangas, iam sendo recolhidos pelos mercadores.

Cruzam-se enormes, os australianos e os holandeses, mas os soldados timorenses, os expedicionários de Moçambique, «landins», estes não menos enormes, passam altivos adivinhando-se a musculatura formidável sob o caqui amarelo do fardamento. Surgem também alguns portugueses continentais, funcionários públicos descidos de Laane — que fica perto de Dili e tem melhor clima. Raramente, vê-se um ou outro soldado, sargento ou, muito mais raro ainda, algum oficial do continente. São esses todos que mais

solenes e atrevidos passam ombro a ombro com os australianos e holandeses, embora também com eles acamaradem.

Sigamos um continental — 2.° sargento de Infantaria, pele torrada pelo Sol dos trópicos, olhos bem abertos, fitando direito, onde passa por vezes o clarão de uma saudade, saudades de alguém, saudades da terra natal, dessa Lisboa tão longe que o vira nascer, mas que talvez o não visse morrer. A estatura acima do normal não receia confronto com os avantajados australianos, na sua farda de caqui correcta e limpa sobre cujas platinas brilham as três divisas. Pisa com segurança aquela terra que também é sua, passa indiferente pelos mercadores que lhe oferecem várias cousas desde o fetiche ancestral à máquina fotográfica importada de Singapura. Seus passos dirigem-se para o Café árabe cujos guarda-ventos se abrem ao contacto dos seus ombros. Foi o barbudo Ali, falador e mentiroso na sua estatura de boneco, que o conduziu ao andar superior. Aí, num pseudo gabinete, sentados a uma mesa repleta de garrafas e de copos, estavam cinco homens. Um furriel imberbe — o pequeno João das conquistas estrondosas; Nunes da Silveira, funcionário da Câmara, bem como outro colega e mais dois indivíduos nos quais o recém-chegado reconheceu incontinenti, Alfredo Tristão — o Pinheiro Maluco de Dili e, um indígena com quem muito se dava. — Reunião, hein? Para que me chamaram vocês?

Um silêncio ficou pairando.

Andava naquelas feições a sombra vaga do terror.

Foi o Tristão que bradou lançando os braços para o ar e mostrando os punhos raquíticos:

— É a despedida das nossas tão agradáveis reuniões. De agora em diante finis... os malditos amarelos!...

Raimundo Velúzio lançou um olhar para João que baixou os olhos.

— Foste tu que trouxeste boatos?

Ele jurou que não. Todos sabiam o que se tramava. Os australianos e os holandeses preparavam-se para a retirada.

— Senta-te e bebe! — rosnou Tristão.

— Vocês sabem que eu raramente bebo.

Mas bebeu, bebeu um largo trago de cerveja e acendeu um cigarro. Tinha vinte e quatro anos, ardia-lhe no sangue a chama da vida, mas nunca os seus companheiros o consideravam alegre. Também nenhum tinha razão de queixa dele. Com risco da vida salvara-os um dia numa tremenda zaragata, entrando a soco para dentro de um café, arrastando consigo alguns vátuas e landins e expulsando os brutos holandeses.

Sob a pele queimada tinha uma roseta de fogo e todo ele ardia por vezes como preso de uma febre interior. Ali trouxe bolos de mel e mais cervejas.

— Que farão vocês quando os japoneses vierem? — inquiriu Nunes da Silveira.

— É boa — redarguiu Tristão — o mesmo que fizeram com estes que cá estão.

Um relâmpago pairou pelos olhos de Raimundo Velúzio.

— É diferente! — protestou — estes são nossos aliados e não nos prejudicam como os japoneses o farão. A nossa soberania mantém-se. E quando chegarem as tropas que vêm a caminho tudo se acomodará e poderemos defender pela força a nossa integridade. Tal não acontecerá com os japoneses.

A velha ventoínha deu um estalo e parou.

Imediatamente Nunes da Silveira esmurrou a mesa e bradou por Ali:

— Velho infernal! Trata do nosso gabinete!

O outro correu numa pressa.

— E, afinal — bradou Nunes da Silveira — para que queremos nós isto, para que queremos Timor? Valerá a pena sacrificarmos vidas por esta terra encalacrada?

Raimundo levantou-se dum pulo.

— As suas palavras, senhor, — disse ele — são próprias de um cobarde!

O outro levantou-se também.

— Atreve-se!

— Cobarde! Sem outro nome!

— Então, que diabo, sempre fomos amigos!

Mas a atitude do furriel não colheu bons frutos.

Raimundo Velúzio não se acalmava fàcilmente.

Abriu a persiana. Sobre um edifício oficial sacudia-se ao vento a bandeira verde e vermelha.

— Olhe ali! Jurei defender aquela bandeira e defendê-la-ei até à última gota do meu sangue. Aquele símbolo existia antes de eu nascer, por ele morreram muitos homens, continuará a existir mesmo depois de eu ter desaparecido e muitos homens continuarão dispostos a morrer.

O outro sentara-se lamentàvelmente.

— Que lucra você com isso? — resmungou.

Raimundo pousou um pé sobre a cadeira que estremeceu e disse:

— Ensinaram-me na escola primária e no liceu, ensinaram-me no seio da família, que defender a Pátria é um dever e uma honra. Lamento que não tenha sucedido o mesmo consigo. Lembro-me como se fosse hoje dum livro que usávamos no Passos Manuel — havia lá um trecho

admirável a incitar o cidadão-soldado. Nunca o esqueci, tenho-o todo gravado na memória e no coração. E depois, as gerações que nos precederam, que num caminho de martírio trilharam a vida lutando por Portugal, tudo isso nada vale? Nunca sentiu dentro de si um fogo líquido a correr-lhe nas veias quando escuta o hino da sua Pátria? Ah! poltrão! Mil vezes poltrão! Aos olhos do estrangeiro o senhor podia definir uma nação e isso seria péssimo, porque, felizmente, ainda há muitos conhecedores dos seus deveres. Eram outros tempos, senhor, mas se tivessem pensado assim outrora, seríamos hoje uma colónia da Espanha.

— Sois um sonhador! — grunhiu Nunes da Silveira — o mundo hoje mudou, nem os anglo-saxões se batem por outra cousa senão o poder financeiro. Na base de tudo está a infra-estrutura económica.

— O mundo de hoje é como o mundo de ontem, como o mundo de amanhã será como o mundo de hoje. Dia virá em que os malditos que confundem Pátria e governo, política e patriotismo se afundarão no lodo e na mentira das suas execráveis opiniões. Lutarei por Portugal hoje, amanhã e sempre.

— Ita bote, estou convosco! — disse o indígena erguendo-se e indo na direcção de Raimundo.

Foi então que o colega de Nunes da Silveira, um homem de cinquenta e cinco anos, robusto, se ergueu e bradou:

— Lutei em África contra os alemães, passei à França e vivi as horas amargas de La Lyz, mas pela minha Pátria entregaria, ainda hoje, a vida que salvei outrora.

E um a um todos se passaram para o lado de Velúzio.

Na mesa quedavam destroçadas pontas de cigarro, pedaços de bolos, garrafas e copos vazios onde esquadrilhas de moscas se banqueteavam.

Um estrondo violentíssimo abalou nesse instante o edifício e arrancou caliça das paredes e tetos arrombados já pelo rodar dos tempos.

Todos correram à janela.

— São os australianos que estão a destruir pontos que possam servir aos japoneses — elucidou Velúzio.

— Quer dizer que... — murmurou Tristão.

— Que horas graves se vão chegar — respondeu o sargento. E seguido de João abandonou o café e correu ao aquartelamento.

Não era ainda noite, mas as sombras adensavam-se. As pontas de aço de algumas estrelas brilhavam. Cheirava a canela e madeira queimada. Os coqueiros balouçavam levemente à suave brisa da baía.

Cantos hindús e canções javanesas perpassavam como lamentos de sonho.

Ao longe, a bandeira nacional começou a ser descida com o toque solene.

O aquartelamento está na frente dos dois militares. As mãos erguem-se aos chapéus do fardamento em rígida continência enquanto a bandeira é arreada.

Ao findar do toque um vátua correu ao encontro de Raimundo e disse-lhe que o tenente Gonçalves o chamava.

* * *

Pela janela aberta via-se a leste, numa pequena baía, a vila de Manatuto. Os últimos clarões do dia iluminavam ainda Dili.

Num compartimento ao lado uma melodia que fizera furor elevava aos ares os seus acordes românticos.

Raimundo Velúzio fez a continência, fechou a porta e

com os olhos inquiriu da razão daquela música. Estava lívido.

O tenente sorriu.

— Tenho convidados — explicou — um casal de portugueses que se dirige para a Austrália.

E ficaram ouvindo o disco até final.

O oficial acendeu um cigarro e ofereceu outro ao subordinado. Depois mirou as unhas como se esperasse fazer nelas estranhas descobertas. Era um homem novo — trinta e poucos anos. — Deixara no continente mulher e filhos e as saudades deles pareciam acompanhá-lo a toda a hora. Estava mais magro do que à sua chegada e já não tinha pela farda o primitivo cuidado.

— Ainda está disposto a levar para diante o plano que me anunciou?

Raimundo perfilou-se.

— Então, sentemo-nos.

Aquele «à vontade» cativou o sargento.

— Tenho aqui à mão a sua folha de serviços... «Raimundo Velúzio, classe 1940, arma Infantaria, recenseado pelo 3.º Bairro de Lisboa, habilitações profissionais militares: curso de sargentos milicianos terminado com a classificação de 15 valores no Centro de Instrução de Infantaria de Tavira...» Tavira! — e Gonçalves sorriu — dera lá instrução uma vez. Havia um rio a dividir ao meio a cidade, grandes palmeiras, salinas, e um ar todo sarraceno que impressionava o nortenho. «... habilitações literárias: 7.º ano dos liceus. Em 1941 solicitou passagem às forças de Moçambique, em Setembro do mesmo ano foi promovido a 2.º sargento miliciano e destacado para a possessão de Timor. Serviço na Metrópole classificado de bom no Bata-

lhão de Caçadores número 5.» Enfim... é o homem que convém.

As luzes tinham sido acesas e ouvia-se o toque de formar para o rancho.

— Tenho tudo preparado — prosseguiu o oficial — num ponto da selva que indico na carta estão escondidas armas e munições para muito tempo. Partireis daqui com os dez homens que nomeastes. Dentro de menos de oitenta horas os japoneses desembarcarão em força. Os aliados começaram já a retirar. Devereis partir amanhã de madrugada.

Os dois homens ergueram-se. Brilhava-lhes nos olhos a mais ousada resolução.

— Sargento! O que vamos fazer não é positivamente legal. São deserções e furtos de armas, mas tal é exigido pelas antigas virtudes da nossa raça. Estou certo que no íntimo do coração todos os membros do Governo aprovariam a nossa atitude. Só razões de ordem diplomática impedem de dar qualquer carácter de publicidade ao que se vai passar. Tudo tem que permanecer no mais absoluto segredo. Não lhos escondo, e você adivinha-os bem, os riscos da sua missão. Vai ser um guerrilheiro, um franco atirador, sujeito ao fuzilamento. Lamento não o poder acompanhar. A minha presença é exigida pelos soldados que ficam.

Acendeu o cigarro que se tinha apagado e prosseguiu:

— Você tem poucas probabilidades de voltar — uma contra mil. Nem sabe, sequer, o tempo aproximado que a guerra durará, nem qual o vencedor. Quanto ao aspecto prático da questão: — em pontos indicados na carta que leva e em certas datas, haverá possibilidade de submarinos australianos irem abastecer as suas guerrilhas... você poderá ir lá também. E... há aqui nesta bolsa uma pequena

bandeira nacional. Tem por divisa algo de Camões: «e julgareis qual é mais excelente se ser do mundo rei, se de tal gente».

Raimundo teve um agradecimento e afirmou que ia fazer o possível por merecer tal honra.

— Quanto ao armamento — prosseguiu o tenente: 2 metralhadoras ligeiras «Dreyse», 8 espingardas, 12 pistolas, 12 punhais e 5 pistolas metralhadoras que me foram cedidas pelos australianos.

A lua surgira dos coqueiros e das palmeiras e toda a baía de Dili se espelhava na sua claridade leitosa.

Alguns cruzadores saiam a barra em retirada.

— Ficamos sós — murmurou o tenente com um sorriso de tristeza — para isto escusavam de ter desembarcado... Que pena os nossos não chegarem a tempo... mil raios! Ainda havíamos de dar que fazer a esses malditos amarelos.

Raimundo concordou que era pena. O oficial fitou-o.

— Conte-me porque é que pediu passagem às tropas coloniais.

A *esta pergunta*, inesperada e disparada à queima-roupa, o graduado levou algum tempo a responder:

— Nada que interesse, meu tenente!

— Escusa de me contar — interveio logo o oficial espantado com a palidez que se espalhara no rosto de Raimundo — mas como tenho uns dez anos mais que você...

A noite caíra completamente. Um ou outro canto indígena elevava-se ao espaço para depois cair num cântico de ignota saudade.

As palmeiras mostravam as suas folhas no céu leitoso brincando no mesmo horizonte que a lua.

O perfume subtil do sândalo e dos cafezais passava, embriagador, no correr da brisa macia como veludo.

Além, a selva tranquilizava-se nas suaves sombras que a vestiam.

Os pensamentos dos dois homens eram serenos. Chegaram à janela. Milhares de estrelas cravejavam a colcha nocturna formando o cortejo à luminosa lua.

— A vida é estranha, sargento! Quem sabe se nos voltaremos a ver... Não lhe ocorrem neste momento as recordações de outras idades, um canto, um passeio, um rostinho que amámos... um simples livro?

Raimundo sorriu com estranha leveza.

— É verdade. Tudo vem à memória! Que estarão agora fazendo em Lisboa?

— O mesmo que sempre. Nós é que mudámos, sargento, e como mudámos...

Branca sob o luar dos trópicos, Dili parecia possuída de um aspecto tranquilo de menina dormindo em doce noite de paz. Mas, não muito longe, milhares de homens caíam pelas mais diversas bandeiras.

— É estranha, mil vezes estranha, a vida — gemeu o tenente — há dois anos vivia eu em paz nalgum recantozinho da linda Beira fazendo um tranquilo «oficial de dia». Que fazia há dois anos, sargento...

— Amava!... e a resposta escapou-lhe da boca inadvertidamente.

— Outro cigarro, sargento...? Estou fumando imenso.

E acenderam-nos numa chama quente que a quase ausência de brisa deixou numa quietude vertical.

* * *

Ainda pairavam os derradeiros rumores de Dili quando Raimundo, após singela refeição, se dirigiu a uma barraca de madeira situada perto do paiol. Era o seu laboratório

como lhe chamava. Lá dentro brilhava uma luz forte e cruzavam-se apressadas sombras.

A porta rangeu e ele entrou. No chão, em fila indiana, dez ou onze capacetes de aço secavam da fresquidão da tinta verde com que os haviam pintado.

Dez homens ocupavam o casinhoto. Foram eles que conduzindo a bandeira bicolor de Portugal, desencadeando a mais terrível luta de guerrilhas, fizeram tremer os japoneses desde Dili à costa do mar de Timor; foram eles — heróis desconhecidos — que por aquelas paragens ergueram bem alto o facho de uma nação que não pode morrer. O mundo desconhecê-los-ia, embriagado com os feitos brutais de exércitos inteiros em choque, mas as suas acções gloriosas não foram esquecidas pela terra, pela selva, pelas montanhas, pelas ribeiras dessa pequena ilha pela qual lutaram e pela qual morreram.

Entre eles avultavam as figuras de dois soldados das margens do Zambeze — épicos nas suas fardas de caqui, mais adiante, remexendo em caixas, com o tronco nu mostrando a musculatura de Hércules, via-se um esplêndido exemplar dos «vátuas». Os dois primeiros eram os irmãos Santana, o terceiro chamava-se sòmente Abel. Limpando os carregadores das metralhadoras «Dreyse» atarefavam-se quatro brancos, um 1.° Cabo — o Laguinho — que nascera na Serra do Marvão, um 2.° Cabo — o Ferreira — pequenino e vivo, natural dos Açores, dois soldados — o Baptista e Sidónio que tinham servido em Infantaria 6, e dois Timorenses: Bóote que conhecia Timor como os seus dedos e Mané que fora encarregado de esconder as munições; pequenos, vivos, ardentes, como os outros pareciam ansiosos por entrar em luta. O décimo era o furriel que naquela tarde falara com Raimundo—João Bonito que, do Ba-

talhão de Caçadores número 1, passara ao Regimento de Infantaria 2 e daí às Colónias. Tratava das bússolas e de outros aparelhos mais delicados como o rádio de pilhas. Raimundo olhou-os com agrado. Tinha a certeza de que eles iam dar que falar. Pigarreou um pouco, deu duas voltas com as mãos atrás das costas e anunciou:

— Partimos de madrugada! Os japoneses chegam por estes dias. É necessário que nessa altura já estejamos afeitos à selva e às montanhas. Que cada um leve os objectos pessoais que entender contanto que façam pouco volume e não pesem. O nosso furriel já tem a lista do armamento que conduzimos. Aproveitai as horas que nos restam para uma despedida silenciosa a Dili, mas ninguém se atreva a anunciar, mesmo a um gato, a nossa partida. Serei eu próprio que os acordarei às quatro da manhã. Escusado será dizer que seremos dados como desertores e consequentemente sujeitos a Tribunal Militar. Nosso Tenente Gonçalves mandou bordar na bandeira estas palavras sacrossantas: «E julgareis qual é mais excelente, se ser do mundo rei se de tal gente». Quero (e a sua voz elevou-se) que estas palavras hoje ou àmanhã, como ontem, correspondam à verdade.

Depois cruzou os braços, encheu o peito de ar e fitando aqueles homens de quem Albuquerque se orgulharia exclamou:

— E que quem sinta o ânimo fraquejar o confesse, porque não irá, e nada sofrerá com a sua recusa.

E olhou-os. Nem um músculo se alterou naqueles rostos e um largo silêncio se seguiu. Brilhavam os olhos. — Excelente! — murmurou comovido o rígido graduado saindo da barraca.

Ao passar perto da sentinela viu o tenente Gonçalves que o chamou. Perguntou-lhe se estava tudo arrumado.

— Tudo! Partimos à volta das quatro da madrugada.

— Consultou o mapa que leva? Está certo dos pontos de abastecimento e de municiamento?

— De tudo, meu tenente.

— Tem confiança absoluta nos seus homens?

— A moral é superior. Quanto às condições físicas, como sabe, treinei-os durante dois meses nos mais ásperos exercícios. Escalaram montanhas, passaram ribeiras, saltaram precipícios. Garanto-lhe, estão ali dez homens!

Gonçalves olhou-o admirado.

— Você dava um óptimo oficial de carreira! Bom... já não os volto a ver... quero dizer... despeço-me já. De hora em diante tendes na mão o símbolo e a esperança de uma nação longínqua que como nós deve sofrer as horas cruciantes que se vão seguir. E agora tratemos de nós... dada a hipótese que eu sobreviva, a quem quer que dirija as suas últimas saudações?

Raimundo entreabriu os lábios como numa resposta, passou a mão pela fronte como a afastar algum pensamento e respondeu:

— A ninguém!

— É então só no mundo?

— Não, meu tenente, só no continente tenho oito milhões de irmãos!

E abraçaram-se comovidos sob o luar timorense.

CAPÍTULO II

É no alto mistério das horas mortas que as almas mais se sentem contagiadas pela grandeza e pela serenidade das cousas. À volta daquele grupinho de homens talhados para as mais rudes missões palpitava a floresta desde o solo ao mais alto ramo. Ouvia-se o mar distante nas suas canções de eternidade. Perfumes misteriosos e subtis perpassavam rápidos como que receosos de serem sorvidos.

A lua sumira-se há muito.

Além é escuro o mar que se perde nas tintas da costa mais escura ainda. Adivinham-se as serranias com as arestas talhadas a pique apontando para o infinito. Era aquela uma esplêndida madrugada tropical, dum serenar de ermo, duma subtileza de sonho. Estava-se ainda na época chuvosa, mas o tempo permanecia excepcionalmente seco. A selva deixava-se penetrar num vagar, numa suavidade repassada de paz.

À memória daqueles homens vinham as recordações, as imagens, as saudades dos dias idos. Aqueles que tinham as terras longe deixavam correr as lágrimas, perdendo-se

nesse mundo de florestas e de penhascos que lhes ia servir de morada.

Quando da passagem dos pântanos que rodeiam Dili, quando assentes sobre um ponto alto puderam lançar as vistas para a baía num sentimento saudoso, fitaram o barco que partiria nessa manhã — era o último pedacinho do torrão natal, do Portugal Europeu. E os sentimentos dos seis brancos tornaram-se mais comuns do que nunca.

Depois tudo se perdeu na escuridão da floresta. A visão do barquito pairando ao longe num cenário azul negro de mar e de céu estrelado, foi juntar-se a tantas outras que já os acompanhavam.

Voluptuosas horas de meditação ou de sonho, horas do Oriente, deslizavam na doçura do rodar do tempo, mas alheios a tudo, a mochila a pesar nas costas, a arma enorme a mudar para o outro ombro, aqueles homens pisavam firmemente o solo atapetado e húmido, no encalço de Bóote que os guiava com segurança.

A noite continuava serena. Havia meia hora que tinham abandonado os limítrofes de Dili.

De súbito, quando menos se esperava, uma luz nasceu a varrer as sombras, a aniquilar os sonhos; acompanhava-a um ruído selvagem, a princípio fraco, débil, como suspiro de uma criança ao acordar, mas depois cresce, ruge, sobe, berra, grita, despedaça a calma dos ares com a estridência do clarim da manhã.

Gritam os pássaros, respondem longe os galos selvagens, assobiam as cobras ao sairem das esconderijos, enfim, um mundo de vida desperta à mais ligeira claridade.

Os primeiros clarões da manhã iluminaram-nos no sopé dum monte. Seguiam para o Sul, obliquando um bocadinho para Ocidente na direcção da montanha de Ramelau.

Procuravam atingir um cabeço, na cordilheira a que a referida montanha pertencia, completamente oco, no qual Bóote assegurava haver um refúgio e onde também fora colocado o posto de municiamento e abastecimento. Outrora, naquelas entranhas da terra, os indígenas batiam as mãos umas nas outras ou nas peles dos tambores, criando ruídos de arripiar, acompanhando as danças hieráticas das sacerdotisas requebradas de lascívia. Depois os homens contorciam-se com gritos infernais. Pelas faldas da encosta, em lugares sagrados que as fogueiras iluminavam os «catuas» e os «labarac» rugiam na movimentação coreográfica dos «estilos» e dos «tébadai», ou seja, os famosos espectáculos da vida Timorense. Pelos ramos próximos dependuravam-se galinhas, veados, pedaços de búfalos que acabavam por ser consumidos por aqueles estômagos sôfregos. Pulavam os feiticeiros agitando os recipientes. Os guerreiros plácidos mascavam «betel». E a floresta, em baixo, dormia na contemplação do mistério daquelas orgias.

Aquele conjunto de ruídos ergue-se, sobe, une-se, harmoniza-se e conquista o espaço a golpes de audácia, mas a selva orgulhosa, branca sob o luar tropical ou negra em noites só de estrelas, não cede os seus ruídos que numa independência assustadora não se confundem com os humanos. E mesmo o deslizar das ribeiras, ora suave e terno, ora alegre e rápido a correr sobre as pedras pulidas, acariciando as suas margens, olhando as vizinhas aldeias acantonadas suficientemente longe para não sofrerem as investidas da época chuvosa, sabe conservar a sua característica que permite ao indígena diferenciá-lo de qualquer outro ruído e dizer: «humano mota» (a ribeira a cantar).

De vez em quando, ou nas faldas da serra, ou em pequenas planuras, ou num recanto pouco exuberante e ameno da selva, mas sempre perto das ribeiras, espreitavam pequenas aldeias.

De todas elas aqueles homens se escondiam como se de inimigos se tratasse. É que a missão que lhes fora confiada revestia-se de um carácter demasiado importante para poder ficar no conhecimento de qualquer.

Vastos arrozais surgiam ao acaso rodeados de planícies pequenas de vegetação rasteira. Nos horizontes apareciam vastas encostas com ravinas formosas cobertas de arvoredo verde carregado; por debaixo correm fios de água e não raro são as próprias ribeiras que passam por lá e, saltitantes, pelas fragas escarpadas, precipitam-se loucas, do alto, para tombarem em espuma num pedaço de vegetação.

Ao atingirem os campos de café a cautela redobrou.

Quase invisíveis nas suas fardas camufladas eles confundiriam os olhos do mais experimentado indígena. Só houve uma vez que, para se esconderem dum correio que seguia para Dili, tiveram de subir a umas árvores e, ou porque qualquer ramo estalasse ou porque um sexto sentido o tivesse despertado, o certo é que o indígena estacou levando a mão à catana.

Bóote, sabendo a maneira de se ver livre dele, começou lùgubremente, do alto da árvore, a gemer com profusão de uivos.

Aterrado, o timorense olhou em volta, arregalou os olhos e largou em desabalada corrida, ferindo-se nas moitas e nas pedras por que passava.

— Tauco! (susto) — murmurou flegmàticamente Bóote.

E continuaram o caminho.

Atravessaram a zona das linhas telefónicas e penetraram de novo em partes mais selvagens.

Pelas sete horas da manhã pararam numa encosta arborizada onde encontraram refúgio para alguns dias. Deviam ficar ali até terem conhecimento da chegada dos japoneses.

Dili estava já a vinte e sete quilómetros. Um pouco mais para o Sul, a uns dez quilómetros, destacava-se o posto militar de Lete Foho e para ocidente — Hatu-Lia. Não era boa região para eles, mas bastava até nova ordem.

Ficaram abrigados nos troncos de frondosas árvores e em moitas bem escondidas.

A fim de evitar os «raids» frequentes, Raimundo ordenou que dois dos seus homens fossem procurar alimento que lhes bastasse para uns dias.

Bóote foi indigitado para a caça, caça silenciosa como só ele e Mané conseguiam. Ficou satisfeitíssimo com a missão que lhe permitiria sacrificar alguns animais a Maromac. Este é um ente superior em que os timorenses acreditam. Raimundo proibiu-lhe tal prática com o fundamento de que os animais deviam ser abatidos ràpidamente para evitar sofrimentos inúteis e aconselhou-lhe a obter os presságios de Maromac por qualquer meio menos cruel.

Em pouco tempo a guerrilha ficou abastecida de carne de búfalo, de veado e de pequenas peças de caça. Amontoaram-se grandes quantidades de legumes, batata doce, durião, cajú e abecate. Encheram-se saquinhos com grãos de trigo e milho. Nas águas de uma pequena ribeira João apanhou alguns peixes que salgaram. De uma coisa tinham a certeza: não morreriam de fome nas terras de Timor.

E os dias corriam numa saciedade enervante. Todos se começavam a irritar com a demora e Raimundo foi obrigado a dar-lhes um pouco de exercício. As previsões do Tenente Gonçalves tinham sido erradas quanto à data do desembarque japonês.

Finalmente, no dia 10 de Fevereiro, o receptor de campanha deu uma notícia galvanizante que Raimundo se apressou a traduzir: «Precedidos de grandes bombardeamentos os japoneses tinham começado a desembarcar em Singapura.

Mais onze dias decorreram. Durante eles falou-se da Metrópole, de Moçambique, do passado. Fabricou-se a «tuaca» — bebida fermentada que por sangria se extrai do coqueiro, acadiro e outras palmeiras. Jogou-se às cartas com um baralho que João trouxera, aprendeu-se que a palavra Timor é de origem malaia e significa Oriente, que na língua «tetum» fuzil se diz «beci áhi» e que em Portugal Continental não há búfalos.

Mal raiara a manhã de 20 de Fevereiro quando o ruído longínquo de alguns aviões os despertou. Todos aqueles homens sentiram que a grande hora se aproximava. E, quando às primeiras horas da manhã, numa marcha forçada em direcção à costa de Dili, ouviram bem forte o troar do canhão, todas as dúvidas que podia haver se dissiparam. Durou três horas mais ou menos o fogo. Um silêncio aflitivo ficou a pairar sobre a terra. Estavam situados a uns dezassete quilómetros de Dili quando se tiveram que esconder de uma esquadrilha de bombardeamento nipónica que seguia na direcção da parte holandesa de Timor. Olhos e ouvidos atentos, aqueles homens esperavam o resultado do ataque e, ligado o receptor, puderam às treze horas (hora japonesa) ouvir um comunicado do Grande

Quartel General Imperial que de Tóquio anunciava num japonês que Mané traduziu dificilmente: «Forças do Exército e Marinha Nipónicas, em estreita cooperação, efectuaram esta manhã um desembarque, com êxito, nos arredores de Koepang, capital da parte holandesa de Timor, bem como nos arredores de Dili capital portuguesa».

Um frémito percorreu o corpo dos portugueses.

Ia começar a «hamenaça» (alegria), como disse Mané.

Resolveram ficar ali até tomarem o primeiro contacto. Havia uma mancha larga de selva e terrenos argilosos onde construiram abrigos.

* * *

Raimundo apertou a fivela do capacete e camuflou-se com ramos verdes. Escondia-se, absolutamente invisível, no cimo de uma grande árvore. Ajustou o binóculo aos olhos ansiosos e espreitou num rodar de lentes.

A quinze quilómetros avistava Dili ainda perdida nas últimas névoas daquele dia 22 de Fevereiro. Tudo parecia calmo. Na baía pôde distinguir alguns barcos de guerra nipónicos.

Na noite anterior o rádio anunciara, de Camberra, que se não recebiam informações algumas de Timor o que levava a crer que todas as comunicações jaziam cortadas. Timor capitulara! Só da parte holandesa de Timor viera alguma cousa de favorável: para-quedistas japoneses haviam sido aniquilados ao descer nos arredores de Koepang e uma parte das forças desembarcadas fora feita prisioneira. Porém não se esperava que os holandeses resistissem mais de três ou quatro dias.

Por debaixo de Raimundo veio um ruído que lhe inter-

rompeu a marcha dos pensamentos. Eram soldados australianos e holandeses, perto de trinta. Vinham completamente armados e equipados e deviam dirigir-se para a costa do mar de Timor. O sargento não se denunciou porque não queria que alguém conhecesse a sua posição e a de seus homens. Por espaço de meia hora manteve-se no seu posto de observação. Ia a descer quando um rumor incerto o fez apontar a arma com um fulgor nos olhos.

Um timorense avançava cambaleando. Raimundo correu a ampará-lo.

— Que se passa... conta, conta!

Sangrava por todos os lados, uma baioneta trespassara-lhe um braço e por todo o peito surgiam feridas mais ou menos graves.

— Japoneses! — murmurou ele.

— Como foi, como foi?

Havia tanta ânsia naquela pergunta que o outro abriu os olhos e gemeu:

— O senhor... Albuquerquer arranjou... armas, fugiu connosco para a selva...

Albuquerque! Ah! Lembrava-se dele. Na sua última tarde em Dili, ouvira-o dizer, no Café árabe, que combatera em África e em França e que estava disposto a voltar a combater.

E então Raimundo soube, ao expirar do ferido, que depois dos lodaçais todos tinham sido apanhados e mortos. Soube também que os japoneses haviam partido em perseguição dele e que não deviam estar longe.

Piedosamente o graduado depositou o corpo num emaranhado de verdura e cerrou-lhe os olhos. Os japoneses passariam sem o ver.

Ao chegar ao refúgio contou tudo aos seus homens. Abriram com a ferramenta portátil um abrigo para as metralhadoras «Dreyse» e acumularam-se de ervas numa profusão que Raimundo ironizou.

Aos apontadores das metralhadoras ele elucidou em breves minutos.

— Devem estar seguindo o rasto do homem que morreu. Reparem naquela clareira a uns cem metros daqui. A selva neste ponto é bem pouco densa e o caminho está desenfeado. O Baptista visa à direita, o Sidónio à esquerda da clareira e convergem o fogo para o centro. Todos os outros atirarão sobre os fugitivos. As metralhadoras colocam alça 1, os atiradores colocarão a mesma. João!... cuidarás do comando destes últimos. Abel vigiará as nossas costas.

O vátua aborreceu-se com a fraca missão que lhe fora confiada, mas regozijou-se com a confiança que nele depositavam.

— Os municiadores bem colocados às metralhadoras. Não quero encrencas. Aqueles que trazem pistola-metralhadora, como eu, abrirão fogo no caso de alguma «dreyse» falhar. Puxem bem a culatra à retaguarda.

Ouviram-se vários estalidos secos. Tudo funcionava bem.

Caíu um silêncio. Os rumores da selva eram o único sinal de vida.

— Em que pensas? — inquiriu João.

— Palavra que em nada.

Ele não! Ele lembrava-se de um quintal da sua residência, na aldeia. Quando era miúdo fazia carrinhos de bois com latas de conserva. Os bois eram pinhas bravas, duas, ligadas por um prego. Ao entardecer recolhia à quinta (um pedaço de quintal arranjado com tijolos e ar-

bustos), trazendo nos carros a bela colheita. Ajudava-o a sua mulher — uma pequena vizinha de olhos azuis e cabelos louros. Ele amara-a pela vida fora!

— Atenção! — rosnou Bóote.

Chegara até eles um rumor longínquo. Quem quer que fosse avançava com toda a confiança. Nenhum daqueles homens mexia sequer um dedo. Os corações arfavam num sentimento desconhecido.

Finalmente um grupo de quinze ou mais japoneses surgiu na clareira.

Acolheu-os um berro de «fogo» em português e um voltejar da bandeira bicolor.

As balas caiam terrìvelmente certeiras.

O ra-ta-ta-ta-ta contínuo punha no coração daqueles homens uma alegria satânica. Viram os invasores torcerem-se como loucos e partidos pelo meio caírem como tordos.

As metralhadoras calaram-se. Com um tiro certeiro Raimundo abateu um inimigo que procurava escapar.

Um fumo pairava. O cheiro a pólvora entrava pelas narinas. No meio da clareira jaziam os destroços nipónicos.

Ninguém falava. Aquela fora a primeira luta e coroada de tão extraordinário êxito que sentiam brotar dentro do peito uma flor estranha, de braços musculosos, que os apertava numa ânsia, que os ordenava a matar mais.

Raimundo recolheu a bandeira colocada na baioneta de uma espingarda.

Foi então que um urro atroou os ares, e aos pulos, a boca num esgar, um japonês surgiu da selva e com a farda rota, coberto de sangue, levantou o braço direito, tomou balanço e...

Mais rápido que o movimento dele o sargento caíu

sobre uma «dreyse» e a arma estrondeou numa raiva selvagem.

Apanhado pelo peito o outro ainda tentou lançar a granada, mas largou-a e caíu como um saco despejado.

Uma explosão cavou o solo e atirou restos do desgraçado a grande distância.

Ordenada uma batida em redor e feita ela sem novidade, recolheram os despojos e seguiram para o seu destino: o tal monte sagrado em que Bóote lhes falara e em que Mané escondera as munições.

Dezasseis japoneses tinham já embebido com o seu sangue a terra invadida de Timor. Albuquerque, o soldado da guerra de catorze, estava gostosamente, èpicamente *vingado*.

E assim como o búfalo furioso se atira através dos bosques e à cornada vai abrindo caminho, assim aqueles homens indómitos, sofrido o baptismo de sangue, se precipitaram denodadamente na direcção das entranhas generosas desse monte que ia ser o seu lar e seu esconderijo.

A marcha era feita em forma de patrulha com dois exploradores à frente e a retaguarda vigiada por João.

Os dois timorenses faziam larga colheita de frutos silvestres. Nunca perdiam a oportunidade de ir depenicando as *maravilhas* vegetais por onde passavam.

A três horas de caminho do objectivo encontraram à beira de um vale um búfalo tresmalhado que Abel, atirador especial, abateu com um único tiro. Tratava-se de um animal poderoso, de chifres enormes. Foi esquartejado e cada componente da guerrilha conduziu uma parte dele.

* * *

Já é perto! — anunciou Bóote.

— Não é sem tempo — suspirou Laguinho que torcera um pé ao saltar um obstáculo.

A selva terminava ali. Abria-se então um vale pequenino e depois morros cobertos de vegetação, morros e mais morros azulando-se nos picos.

Foi Mané que os conduziu por um caminho mais fácil evitando abismos e outros contratempos.

Pararam a coberto de um pequeno bosque que inesperadamente terminava numa falda abrupta. Com muito esforço arredaram seculares ramos e penetraram num frio de gruta. Uma escada grotesca conduziu-os a uma plataforma amplíssima, iluminada por várias fendas na rocha constituindo bons pontos de observação.

— Óptimo, óptimo! — bradou Raimundo.

Pelas paredes estendiam-se grotescos desenhos, símbolos de deuses e de animais e até cenas pornográficas.

Viam-se alguns nichos horizontais completamente vazios. Serviriam para leitos.

— Apre! — exclamou Laguinho — Isto parece que foi feito de encomenda!

O sargento concordou.

Bóote exultava com a alegria do seu chefe a quem não deixava de demonstrar as vantagens daquela posição: à esquerda, para Oriente, ficavam alguns dos melhores cafèzais de Timor os quais, no seu entender, não tardariam em ser ocupados. Nessa altura teriam com que se entreter.

Numa azáfama começaram a tratar do arranjo do «lar». Colocaram-se os postos de sentinela, arranjaram-se os leitos, arrumaram-se as armas e Abel encarregou-se de

salgar os pedaços de búfalo. Os irmãos Santana cuidavam com desvelo da farmácia de campanha.

Almoçaram numa alegria tranquila. Logo que acabaram, Mané foi buscar um caixote relativamente grande e pô-lo ante os olhos de Raimundo dizendo:

— Née ai balum embóote Gonçalves (esta caixa deu o chefe Gonçalves).

— Fala-me em português, com mil raios! És um fahi (porco).

Mané lá explicou que o tenente Gonçalves tinha aquela surpresa para ele.

Abriram o caixote. Surgiu uma placa de metal, várias peçazinhas e um tubo de mais de dois palmos de comprimento e da grossura dum pulso de qualquer dos irmãos Santana.

— Que diabo vem a ser isto?

Era um morteirete — um lança granadas ainda não distribuído ao exército português e que o tenente obtivera dos australianos. As instruções para seu uso tinham sido escritas em inglês, língua que Raimundo conhecia na perfeição.

A guerrilha contava com mais uma preciosa arma que permitia fazer fogo mascarado o que seria de grande utilidade para ela. Acompanhava o presente um caixote com sessenta granadas explosivas e vinte de fumo.

CAPÍTULO III

O ribombar do trovão ouvia-se mais perto. Uma toalha de água caíu do céu alagando tudo.

Encobertos na vegetação os onze homens dir-se-iam fazendo parte da flora. Nem o mais pequeno movimento os traía. A respiração educada pelo exercício e experimentada pela prática era serena e imperceptível. Arma pronta a expelir fogo, verdadeira imagem da decisão, Raimundo Velúzio adquirira a imobilidade da estátua. Ao lado, Bóote, não menos sereno, entalara o punhal nos dentes e segurava a metralhadora com ar de profunda fúria.

Ouviam-se, pouco distantes, as vozes dos japoneses. A chuva não cessava de cair.

Do seu posto, Abel esgotava os olhos procurando descobrir o que vinha.

— Dez ou onze — disse ele baixinho — e alguns prisioneiros.

Os japoneses atingiram o trilho da selva e avançaram confiantes. Entre os prisioneiros, todos indígenas, caminhava uma rapariga excelentemente formosa, uma mestiça sem dúvida. Sòmente a «lipa» lhe descia da cintura aos

pés. Os olhos soberanamente grandes dançavam presos de um terror sem nome; a boca grande em demasia mantinha-se trémula; os cabelos negros vogavam caídos pelas costas e toda ela era de um tom moreno carregado de europeia meridional.

Os nipónicos, soldados de segunda linha, traziam estampados nos rostos os instintos mais baixos.

— Alto! — gritou Mané em japonês.

Os soldados pararam varados de espanto. Donde vinha aquela voz que do meio da selva os intimava a eles, os senhores? Imediatamente se recompuseram da admiração.

— Os guerrilheiros! — bradou o sargento que os comandava.

No instante seguinte os portugueses saíram dos vários pontos da selva e atacaram-nos com medonha fúria. Mais uma vez a bandeira nacional tremeu à chuva e ao vento e ao sabor da luta tremenda.

Houve poucos tiros. Apanhados de surpresa os dez amarelos mal puderam resistir. Bóote, verdadeiro demónio coberto de sangue inimigo, liquidou três com a sua terrível arma — um sabre afiado e cuidado por ele. Abel pendurara-se nas costas de um japonês e cortara-lhe as carótidas com um só golpe de punhal. E todos fizeram proezas de alto quilate.

Estendidos por terra notavam-se oito homens. Os prisioneiros haviam fugido e sòmente a mestiça, horrorizada, se escondera atrás de um tronco. Dois japoneses tinham sido apanhados vivos.

— Eu sempre disse que é uma guerra sem quartel! — zangou-se Raimundo.

João que tivera a culpa baixou os olhos.

— Não sou um magarefe!

— Acaso o serei eu? Trata-os como eles nos tratariam e como tratam os que estão em Dili, em Hatu-Lia, em Kaepang, em Singapura... A melhor arma contra o mau é o péssimo.

Um sorriso terrível pairou nos lábios de Bóote. Com dois golpes certeiros, ambos no coração, enviou para um mundo melhor aqueles dois filhos dos deuses.

Então Raimundo aproximou-se da mestiça. Tinha desmaiado.

— Vive! — murmurou ele satisfeito e limpou-lhe o rosto com um lenço.

A jovem erguera-se um pouco. Sobre eles a tempestade serenara.

A mestiça fitou-o admirada: verde, enorme, manchado de sangue, as vistas a luzirem, a arma sempre pronta com um carregador novo, a barba escrupulosamente feita.

De súbito pareceu que ela queria falar e não o conseguia, os olhos reviraram-se num pavor indescritível e o dedo trémulo apontou.

Raimundo olhou na direcção indicada e logo a sua arma assente sobre o joelho vomitou fogo. Mais um segundo e ele estaria perdido. Um japonês moribundo visava-o com uma pistola. Varado pelas balas do sargento português caíu com um vómito de sangue.

Agora todos aqueles homens corajosos tinham as armas apontadas, prontos, imóveis. Bóote começou aos saltos por cima dos corpos procurando saber se algum ainda vivia. Todos eram cadáveres.

— Retirar! ordenou Raimundo.

Nenhum dos seus homens ficara ferido gravemente.

João recebera meia duzia de arranhões e um dos lan-

dins ficara sem um bocado da orelha direita, arrancado por uma bala.

A mestiça, que caminhava em grande velocidade, quisera acompanhar os seus salvadores.

— Está bem! — condescendeu Raimundo — só até à montanha.

Para além, a montanha do Ramelau com os seus dois mil e tal metros erguia-se como sentinela imperturbável da terra de Timor. O Sol sumira-se e as primeiras sombras da noite vinham descendo no belo panorama tropical.

Corria o mês de Março. A época chuvosa estava a findar.

À frente, como sempre, avançavam dois exploradores e o resto da guerrilha seguia em zig-zag. Cruzaram um valezito de meiga beleza por onde se ouvia murmurar a água de alguma ribeira perdida. Penetraram a seguir numa língua de selva finda a qual se erguia o esconderijo.

— Agora adeus! — despediu-se Raimundo — esconde-te nalguma plantação ou foge para o litoral.

— Deixa-me ir contigo.

Com um gesto brusco ele interrompeu-a. Não podia ser. Ela não deveria atrapalhar a missão que aquele grupo de homens tinha a cumprir. Ali não havia lugar para mulheres.

— Chamo-me Amuraiba, salto como o veado, sei manejar a catana, estarei sempre a teu lado, morrerei contigo.

Raimundo olhou-a comovido.

— Vai-te embora, Amuraiba!

— Espera! — murmurou ela num sopro — ouço muitos passos.

O silêncio parecia profundo. Só a chuva que recomeçara a cair cantava sobre a terra.

Bóote chegou-se, inquieto.

— Parece que vem gente.

Raimundo com o seu ouvido ocidental continuava sem nada perceber, mas à cautela, por caminho pedregoso, para evitar as pègadas, lançou-se correndo para o monte.

Esconderam-nos as entranhas da terra e, tapados quaisquer vestígios, foram para seus postos de observação — as fendazinhas encobertas pelos arbustos.

Os olhos de Bóote e Amuraiba espevitaram-se.

— É uma força de mais de sessenta homens — elucidou o primeiro. Não tínhamos salvação possível.

Raimundo acendeu o cachimbo e ordenou que calafetassem todas as fendas de observação menos uma à qual Sidónio ficou de sentinela.

Formosa, altiva, Amuraiba surgia diante dele com um sorriso de desafio.

Ela salvara-os. Raimundo não podia negar tal facto. Os olhos do sargento ergueram-se do cachimbo ressequido ao rosto de Amuraiba.

Mandá-la embora no dia seguinte seria uma boa medida? Não ficava ela a conhecer o seu esconderijo? Obrigada por estranhos suplícios em que os japoneses são peritos não acabaria por confessar?

Chamou Mané. Em particular perguntou-lhe se haveria possibilidades de ela não ser apanhada pelos japoneses. A resposta foi negativa.

— Bom! Levá-la-emos para o sul e deixamo-la lá ao cuidado de algum régulo.

— Ficarás por ora!

E logo ela se lançou de braços abertos, toda trémula.

— Escuta! — disse Raimundo friamente — pede uma camisa e umas calças a Mané, não podes andar assim

connosco. De hoje em diante serás o soldado Amuraiba, o número doze.

Sidónio anunciara do seu posto que o inimigo retirara.

Calafetaram a última fenda e prepararam-se para comer depois de acesos os archotes. Os irmãos Santana foram destacados com mantimentos para a guarda da saída de emergência, debruçada sobre uma ribeira, e à qual se chegava depois de cinquenta metros de subterrâneo.

Aquele dia tinha sido demasiado emocionante e Raimundo deu ordem para que os rapazes se deitassem. Indicando a Amuraiba um nicho na parede, afastou-se para fazer um quarto de sentinela a que sempre se obrigava.

Apagou os archotes, abriu a fenda e ficou a meditar sentado nas pedras vetustas.

À noite, serenara a tempestade. Um mundo de estrelinhas num oceano azul não muito escuro constituía o céu. A mancha negra que se divisava em baixo era a selva, sempre viva, sempre palpitante, donde se desprendiam mil aromas de desconhecidas essências.

Ia começar a época seca e caía já uma cacimba, a qual intensifica sempre a opacidade de uma noite sem lua.

O firmamento parecia mais longe do que nunca e quem olhasse para ele sentiria um involuntário terror, uma incontida emoção.

De facto, a grandeza admirável das noites selváticas e impressionantes dos ermos do mundo contagia-se, às vezes, de uma sombria expressão de mistério que exala qualquer cousa de terrífico.

A melancolia de Raimundo arrastá-lo-ia para um longo passeio naquele mundo mergulhado em sombras e ei-

vado de terrores, mas a presença sempre possível dos nipões impediu-lhe o inocente devaneio.

Era pois uma dessas longas noites de selva, quando de entre a vegetação vem o suspirar dos seus inúmeros pulmões e ao longe cantam as ribeiras, quando a brisa arrasta desconhecidos sons que nos contaminam de emoção, quando a noite de cacimba, mas meiga como um beijo, convida à meditação e ao sonho.

Raimundo tirara o capacete de aço que jazia a um canto do seu nicho. A sua mão de dedos afilados correu pelo cabelo um pouco emaranhado, depois desapertou do cinturão o coldre da «savage» e apoiando as mãos naquela espécie de parapeito donde se avistava todo o horizonte, ficou ali, longo tempo. O lugar onde se sentara oferecia certa comodidade numa profusão de palhas e mantas que prèviamente para ali tinham sido enviadas antes dos guerrilheiros.

A floresta estava negra desde a mais alta folha às menos entranhadas raízes.

E o silêncio subia como que a medo, era mais lento o correr da ribeira, era mais suave o respirar da selva e uma modorra morfinizante envolvia-o num doce abraço. Espaço a espaço a sua imaginação se ia afastando a outro país e ao passado. Ouvia bem nítida a voz do seu maior amigo, o «Novais», que encontrara em Lourenço Marques.

— Mas que diabo vais tu fazer para Timor?

O que ele ia fazer para Timor? Esquecer antes de mais, porque não acreditava, então, que ele corresse qualquer risco. Esquecer uns suaves olhos castanhos claros, um cabelo dum louro quente de espiga madura, uma boquinha de boneca e uma figura de deusa. Conheciam-se desde meninos e, ao atingir os dezóito anos, um amor intenso o

abrazou. Dezóito anos! O amor surgiu puro numa visão toda espiritualista das cousas e das gentes. Todo o mal do mundo o fazia sofrer como se fosse ele próprio a vítima. Uma noite, uma noite de luar, não desse luar misterioso, perfumado, morno, cheio de sensualidade e de orientalismo da selva timorense, mas uma noite de Portugal com a lua risonha a iluminar a terra e a subir aos ares o aroma dos goivos... Foi em Sintra. Lá no alto, nas ruínas do Castelo dos Mouros, envolvidas num abraço da luz do luar, recortavam-se nìtidamente no céu límpido. Ouvia-se sussurrar a água a correr pelas pedras musgosas, a beijá-las numa sofreguidão de amor. Isabel estava ali a passar o verão com os pais, a mãe uma senhora arrogante, de alta linhagem, proprietária de vastas terras que se estendiam em Trás-os-Montes, o pai um famoso oficial do exército, afável e simpático.

Beijaram-se no parque, numa noite de festa, por entre as árvores envolvidas na claridade luarenta, suficientemente longe dos candeeiros e das luzes festivas.

Num lampejo de amor, num arrebatamento, trocaram-se mútuas promessas de amor. A orquestra tocava uma linda melodia e eles resolveram, de comum acordo, que seria aquela a música deles. A nossa música — disseram. Dansaram num transporte de amor, embebidos pelo licor da felicidade que a largos tragos lhes era oferecido em cálices de luar pelas mãos duvidosas do destino. Ele nunca mais a pudera esquecer, nunca, nunca! Sem família desde os dezasseis anos, estudando e trabalhando, pobre como Job colocara alto de mais as vistas da sua ventura. Não tinha terras, não tinha gados, não tinha quarteirões de prédios em Lisboa, tinha apenas um coração generoso e as virtudes primaciais dos nobres Velúzios dos quais descen-

dia. Os vinte anos chegaram e ele continuava no seu amor. Tavira chamara-o um dia ao Centro de Instrução — tinha vinte e um anos. O mundo começava as horas cruciantes de uma segunda grande guerra. As cartas rareavam cada vez mais até que se extinguiram por completo. Acabado o curso Raimundo voltou a Lisboa. Isabel casara! Oh! traição! Oh! infâmia! Como numa torrente todos os males do passado correram por ele num tropel.

Abandonou o estudo, Portugal e tudo. Queria sufocar bem longe a história daquela traição. Ainda a vira antes de partir, um dia, no Casino do Estoril onde ele fora procurar um amigo. Ela dansava, e viu-o, toda numa palidez de faces e de lábios. Raimundo saíu com os ombros caídos num desprezo por si e por Isabel, enquanto findavam os acordes da melodia que tinham combinado ser a deles. Essa mesma música ouvira-a no gabinete do tenente Gonçalves na véspera da partida de Dili. E ela trouxera-lhe um mar de recordações que supunha extintas sob a ironia e o fel da razão amarga:

— Mulheres! Que valem elas? Há muitas! Onde se queira.

Mas pouco a pouco se convenceu de que, tràgicamente, ainda a amava!

Mas o desenrolar do tempo passava agora fatalmente sobre o seu capacete de aço e mil apreensões lhe torturavam o cérebro. Constantemente lhe vinha à ideia a cena cruel daquela tarde quando Bóote, como quem cumpre um ritual tinha duas vezes embebido o punhal no coração dos prisioneiros. Ele não chegara a dar a ordem, mas pesava-lhe como se dele tivesse partido e, pensando bem, que poderia fazer? Poupá-los e conservá-los? Era um encargo

absurdo que colocava sempre em perigo a sua missão e a de seus homens.

As mãos magras agarraram a cabeça como que com receio que ela estalasse.

E se tivesse mandado soltar os prisioneiros? Seria uma tragédia, em breve a sua posição seria denunciada. Por um momento teve perante ele as fisionomias impávidas dos dois nipónicos. Tinham aceitado a morte com a maior das coragens. A sua admiração pelos filhos da pátria dos deuses, só diminuída pelo fanatismo que ele despresava, sofreu um sensível aumento.

Um ruído ligeiro fê-lo voltar.

Amuraiba erguia-se estranhamente modelada pela ténue claridade nocturna que espreitava pela larga frecha.

A refulgência majestosa do olhar da mestiça pousou sobre o semblante austero do graduado.

—Pensei no encargo que sou para ti; quero ir-me embora.

Um imperceptível sinal de irritação perpassou pela fronte de Raimundo tal como uma sombra pela face lisa de um lago.

— Soldado Amuraiba! Em tempo de guerra a deserção é punida com a morte. É tarde para recuar.

E sorriu.

— Então não falemos mais nisso—respondeu ela contente.

— São horas de sono. Só a sentinela pode estar a pé.

As pálpebras dela ergueram-se dòcilmente.

— Onde é a tua terra? Como é?

O rosto cerrado de Raimundo desanuviou-se um pouco. Não esperava aquela pergunta. Numa lenta reclinação acomodou-se e fitou o céu onde daí a poucas horas caminharia a luz da manhã.

— A minha terra — suspirou — a minha terra! Creio que te referes ao local onde nasci. É uma cidade!

— Como Dili?

— Não!... É muito grande, casas enormes, muitos carros, muita gente, muita luz, cinemas, cafés, avenidas largas, um rio enorme a servir de limite! Lisboa!

— Gostava de lá viver... — e com um sorriso de candura que mal tocou o coração de ferro do sargento murmurou:

— Levas-me contigo?

Raimundo não respondeu e caíu um silêncio.

Muito empertigada na sua farda, o busto altivo a sobressair, Amuraiba olhava-o com ternura.

O fumo do cachimbo vinha para o interior arrastado pelo vento ligeiro que bailava na encosta.

Amuraiba aproximou-se da fenda e nos seus olhos brilhou a claridade da noite tropical.

— Amo a selva... compreendo-a tão bem.

Raimundo fitou-a. A sua boca de coral batia sentidamente as sílabas da língua portuguesa e ele pensou que nunca ouvira ninguém pronunciá-las com tanta graça.

De súbito ergueu-se como que para repelir aquele momento de fraqueza. Voltara a ser o temível comandante da guerrilha.

— Soldado Amuraiba! Disse-lhe há pouco para se ir deitar.

E com um sorriso interior ficou a vê-la afastar-se no passinho de gazela.

O cachimbo apagara-se.

De repente susteve a respiração. Julgou ter ouvido falar. Espreitou pela fresta.

Lá em baixo, junto à parte mais cerrada da selva, cru-

zavam-se vultos. Os japoneses tinham-se instalado ali para surpreender as guerrilhas atrevidas que tanto dano lhes causavam.

Silenciosamente foi acordar os seus homens. Uma coisa era certa — havia absoluta necessidade de afastar os amarelos daquela zona. Não tinham o mínimo desejo de abandonar aquele esplêndido refúgio o que fatalmente aconteceria se os japoneses se mantivessem ali acantonados.

Finalmente ficou resolvido que Raimundo, o 2.° Cabo Ferreira e Bóote partiriam carregados de explosivos para atacarem o cafezeiro situado a uns quatro quilómetros e onde os japoneses haviam instalado um pequeno centro de abastecimentos. Eles atacariam de longe, só com tiros de morteirete, para que os japoneses colocados perto do refúgio marchassem na direcção onde supunham travar-se luta.

Como feras silenciosas perderam-se na noite enquanto sobre eles a cacimba tombava como véu invisível.

À frente caminhava Bóote com o morteirete, seguia-se Raimundo com a bolsa cheia de granadas e Ferreira fechava a marcha com a arma pronta.

Com muitas precauções passaram em frente dos japoneses deixando ao longe o brilho negro dos seus capacetes. Durante dez minutos colaram-se à terra a escutar, receosos de que houvesse inimigos em volta. Esgotado esse tempo afastaram-se, como serpentes, da zona perigosa e por um caminho conhecido de Bóote entranharam-se na direcção do cafezeiro.

O percurso não chegou a quatro quilómetros. A palhoça maior elevava-se defronte como um gigante de vastas formas.

O objectivo erguia-se a menos de cem metros.

Bóote colocou o morteirete em posição, atirou-lhe para dentro uma granada explosiva, calculou a distância e rodou o tambor. Houve um ligeiro estrondo, a granada saiu do ventre do morteirete, um silvo cruzou a noite e segundos mais tarde uma explosão medonha abalou os ares. Os três homens foram atirados a distância. Que se passara? Compreenderam depressa. Por azar ou por sorte a granada acertara em cheio nalgum paiol.

Uma chama rubra elevou-se aos ares com as contorções diabólicas de qualquer bailarina ritual.

Não se ouviam vozes nem tiros. Quem quer que lá estivesse de guarda tinha sucumbido.

Recolhidas as armas e apagados a cada instante os vestígios dos seus pés com ramos que para esse efeito levavam, os três militares lançaram-se para o refúgio descrevendo um largo círculo a fim de não irem dar em frente dos nipónicos.

Por cima deles a cacimba continuava a cair e as estrelas continuavam a brilhar indiferentes às paixões terrenas.

Bóote mantinha-se à frente saltando como um gamo. A dada altura estacou, voltou-se para os dois homens que o seguiam e arrastando-os num furor e num susto escondeu-se com eles na espessura que por sorte ali havia. Mal se tinham recolhido quando alguns japoneses apareceram de armas aperradas, os lábios arrepanhados num esgar assassino. Caminhavam silenciosos e agachados.

Os três portugueses julgaram ter chegado ao cabo das suas aventuras. Por todos os lados vinham nipónicos. A selva estava prenhe deles. Sem dúvida tinham também descrito um largo círculo na intenção de os cercarem, e

eles, como cordeiros, caiam-lhes mesmo em frente do focinho.

Nenhum deles soltou um queixume ou uma praga, mas as pistolas-metralhadoras, prontas ao fogo, falavam por eles. Três canos firmes visavam os vultos que numa ansiedade cruel exploravam cada moita e cada sombra. Com a aguçada baioneta exploravam os recantos mais espessos e mais escondidos. Agora aproximavam-se do local onde os guerrilheiros se haviam escondido. Um oficial de olhar tigrino a luzir através das lentes fortíssimas, avançou para eles de espada desembainhada. Na mão trazia uma potente lanterna.

— Pela Pátria! — murmurou Raimundo — e visou.

No instante preciso em que ia a abrir fogo, em que o dedo começava a branquejar no esforço de empurrar o gatilho, ouviu-se, bem perto, o matraquear seco de uma metralhadora.

O oficial voltou-se com um berro gutural.

O que acontecera fora simples. Um soldado ao passar por uma moita julgara ouvir mexer e desfechara sem detenças.

Houve um concerto de berros, ordens e pragas, afogadas as quais todos seguiram para diante. As luzes das lanternas perderam-se através do arvoredo.

Um silêncio enorme pairou pelo espaço de um quarto de hora. O suor descia em bica pela fronte dos três e tombava-lhes nos olhos causado-lhes dores atrozes. As mãos enclavinhavam-se na terra e nem um músculo se movia. Os membros esfriavam pela imobilidade forçada e mil exércitos de formigas pareciam percorrer-lhes o corpo.

Finalmente ergueram-se sem ruído não fossem os japoneses terem deixado espias.

Por entre a claridade da noite, escoada através do arvoredo, distinguiram a vinte ou trinta metros as silhuetas de duas sentinelas colocadas costas com costas prontas a darem o sinal de alarme.

— São terrìvelmente astutos estes japoneses — sussurrou Raimundo fazendo para Bóote um gesto de degolar.

Ferreira encarregou-se de guardar as armas enquanto Raimundo e Bóote, sabres entre os dentes, se aproximavam sorrateiros.

Aqueles homens tinham de ser aniquilados para não ser descoberta a marcha de regresso dos portugueses.

Com um olhar decidido o timorense ergueu o punhal na ponta dos dedos e projectou-o com a velocidade de uma seta. Entretanto o sargento chegara junto da outra sentinela.

Sem um grito o ferido abateu-se, porém, o outro japonês ao sentir o corpo do camarada deslizar-lhe nas costas voltou-se com um brado de espanto. Foi aproveitando essa ocasião que Raimundo, com um salto formidável, apanhou a sua vítima pelo pescoço, sofucou-a num abraço tremendo e repetidas vezes mergulhou o punhal no coração do mísero.

Os dois cadáveres, despojados das armas, ficaram para sempre no fundo dum barranco que a noite mal deixava adivinhar. No fundo desse barranco existia um pântano que em menos de dez minutos os tragaria.

O montículo arborizado que de tão útil refúgio lhes servia surgiu entre os penhascos da montanha mais negros do que a noite.

Uns arbustos mexeram e o soldado Amuraiba com os seus longos cabelos ao vento e os olhos enlanguecidos murmurou ao vê-los:

— Maromac foi bom! Regressaram todos!

João e os outros vinham um pouco atrás e brilhava-lhes nos olhos uma comoção mal oculta. Tinham ouvido a brutal explosão.

Adormeceram enquanto Abel, que fazia o seu quarto de sentinela, espreitava, por uma fendazita, para a parte nevrálgica da região. Os nipónicos andavam bem longe em procura dos guerrilheiros fantasmas, porém, nada indicava que eles não voltassem ali.

CAPÍTULO IV

Uma tímida e púdica luzinha da manhã espreitou de uma das frestas.

Quase imediatamente, Raimundo ergueu-se. Logo viu algo que o fez tombar de novo no rude leito. Ficou espreitando. Na parte do chão que ele tinha dedicado a mesa, numa necessária e sarracena resolução, estendia-se um bonito espectáculo para os olhos e paras o estômagos.

Amuraiba como que ungida de mística alegria colocava frutas e legumes com a delicadeza e a precisão de quem celebra um culto.

As marmitas vazias e bem limpas quedavam simètricamente dispostas. Em grandes pedras lisas pelo correr das águas da ribeira empilhavam-se fatias de lombo de veado, pedaços de búfalo e uma ou outra ave. Em pedras mais pequenas luziam frutas das mais variadas e em cascas de grandes cocos branquejava qualquer cozinhado que ela preparara. Nos copos do cantil brilhava a bebida de sempre — a «tuaca». Noutras cascas de coco havia água límpida.

Na selva os macacos guinchavam em desesperado concerto. Amuraiba chegou à fresta e espreitou. Os cabelos lisos caiam-lhe pela camisa numa mancha negra.

— Soldado Amuraiba!

Ela voltou-se com um murmúrio.

— Aprecio imenso o seu cuidado em preparar o rancho, mas ser-me-á possível perguntar-lhe se já tratou das lavagens diárias?

A mestiça ensombreceu-se.

Claro que já tinha tomado banho nas águas da ribeira, cautelosa, para não dar nas vistas de algum espia inesperado.

— É preciso cuidado com isso — recomendou Raimundo — convém tomar banho mesmo dentro da gruta que marca a saída de emergência.

Em silêncio, como se fossem sacerdotes de qualquer templo pagão os guerrilheiros ergueram-se e um a um mergulharam nas águas frescas da ribeira.

Na montanha pairava a serenidade e o silêncio, e era doce perceber o deslizar tépido da aragem a penetrar por umas frestas e a sair por outras arrastando consigo mil aromas confundidos. Ainda havia no ar as névoas cinzentas do alvorecer e só a primeira claridade afugentara já as estrelas do céu imenso.

— Rapazes! Hoje há repouso. Não sairemos daqui — As palavras ditas a meia voz agradaram a todos. Havia que arranjar as fardas e limpar as armas.

Tendo confortado os ânimos com aquelas palavras Raimundo apontou para o repasto e todos se prepararam para ele.

— Que Allá seja convosco! — profetisou João sentando-se à maneira árabe. E todos o imitaram.

Comeram com verdadeiro apetite, e, daquelas doze criaturas, foi Amuraiba a única que não pôde engulir toda a sua ração.

— Charmé, mon cher, charmé — isto está estupendo!

Referiu-se aos alimentos.

— Faz-me lembrar o almoço que a Senhorita Gonzales me ofereceu uma vez em Cádiz...

Raimundo interrompeu-o. Não queria ouvir falar das suas conquistas amorosas.

— Que noite bem passada, falámos de política, arte, ciência, amor... ela é uma materialista de primeira classe. Teimou comigo que o espírito não existe. A psique, dizia ela, é uma criação fastidiosa e fantasiosa do Oriente ou resultado de um automatismo cerebral.

Raimundo dignou-se falar.

— Talvez a senhora tenha razão. Sabe-se que o Oriente é essencialmente idealista cabendo as ideias positivistas ao Ocidente.

João bebeu um gole de «tuaca».

— Mané tu és idealista!

O timorense fitou-o sem compreender e espreitou para dentro da casca do coco do furriel a ver se a bebida estava em baixo. Depois sorriu largamente mostrando os dentes admiráveis.

Os irmãos Santana riram mansamente, João ficou semi--furioso.

— Pois tu julgas, impuro filho do Oriente, que eu estou bêbado?

Raimundo sorriu.

—Lembra-te, João, que eles têm o instinto, é por eles que se guiam e esse dom tem-nos sido precioso. Se o instinto lho diz...

— O instinto é um dom primitivo, o homem de hoje substituiu-o pelo raciocínio.

O sargento garantiu-lhe depois que no meio duma selva

recheada de amarelos, achava muito mais útil esse dom primitivo do que o seu raciocínio de homem civilizado.

Mané fora elucidado de qualquer coisa pelo 1.º Cabo Laguinho porque voltando-se para João disse solenemente enquanto batia no peito:

— Eu sou idea... idealista!

O furriel resmungou zangado.

No fim da refeição Amuraiba foi ajudar Mané e Bóote a consertarem as fardas. Sidónio e Baptista faziam sentinela respectivamente à fenda maior, que lhes servia de entrada, e à saída de emergência sobre a ribeira.

Os irmãos Santana e Abel limpavam as armas dirigidos por Ferreira e Laguinho.

Sobre a selva o Sol dardejava já os fortes raios tropicais.

Como sempre, do local onde se sentavam, Raimundo e João viam a seus pés, estendida ao Sol, a paisagem embriagadora. Viam-se os palmares num erguer de folhas verdes, os coqueiros elegantes, as bananeiras fartas e o emaranhado da mataria brava.

Aos guinchos dos macacos juntava-se, às vezes, o «suprar» dos búfalos que atolados nos arrozais faziam parte do panorama.

Pressentia-se, em todo aquele ambiente de compacta verdura, um misto de diversos instintos onde a sensualidade e a volúpia se apertavam fortemente.

E as horas iam passando.

Os dois graduados fumavam em silêncio.

— Que diabo! — exclamou João — estou-me a fazer burro. Gostava de possuir qualquer coisa para ler, um jornal que fosse.

Uma indefinível tranquilidade e embriaguez ia-se apo-

derando daqueles homens ao contacto das quentes emanações do meio dia. Os perfumes que a viração transportava davam-lhes uma serenidade repassada de indiferença.

— Que diabo de sono!

— Sabes em que estou a pensar? — perguntou Raimundo.

— Não!

— Em que tenho ali um exemplar dos Lusíadas, se quiseres...

—Não estou com disposição... se tivesses qualquer coisa de Eça, algo que me transportasse a um ambientezinho suavemente burguês com Egas, Carlos da Maia, noitadas e ópera.

Os homens quase dormiam. O trabalho terminara.

As sentinelas foram substituídas e Raimundo permitiu uma sesta.

Amuraiba, deitada no seu canto, olhava para Raimundo num suave encantamento que o graduado não compreendia. Adormeceu, por fim, embalada pela modorra do meio dia oriental.

— Além da matéria organizada existirá mais qualquer coisa?

João cabeceava.

E a pergunta de Raimundo perdeu-se no mistério e na embriaguez daquele morfinizante dia. O silêncio agora era o de qualquer templo pagão perdido há muito do mundo na solidão e no abandono das florestas virgens.

* * *

A noite decorreu sem novidade. Choveu e trovejou durante horas e só pela madrugada o sono se apoderou dos guerrilheiros.

A ribeira enchera imenso e a sentinela da saída de emergência tivera que retirar para o interior do subterrâneo.

E assim como a noite decorrera sem novidade, também a manhã se apresentou despida de perigos que a presença de nipónicos podia anunciar.

Toda a terra estava molhada. A selva pingava como se dela escorresse seiva. Três árvores das maiores jaziam fulminadas pelos raios da trovoada.

— Hoje não há feriado, meus rapazes — disse Raimundo. Temos muito que fazer.

Num afã ficaram prontos para a exploração matinal.

Saíram com as precauções do costume. Da terra desprendia-se um aroma palpitante, impossível de definir, aroma de solo embriagado por néctar dos céus. Sob o céu azul claro com a aparência húmida que lhe deixara a chuva, notava-se, mais forte e mais ardente, o verde-negro da selva. Os cumes mais altos da montanha perdiam-se no meio de enovelados pedaços de nuvens.

— Caramba! Se eu fosse poeta! — exclamou João.

E iniciou uma prelecção sobre as vantagens de se compreender a linguagem da natureza, as manifestações das forças naturais, a essência dos seres...

Mas Raimundo interrompeu-o sem dó.

— Numa marcha de exploração não se fala!

Ao findar da manhã viram ao longe, por entre os arrozais, as formas brutas e os chifres enormes de meia dúzia de búfalos. Estacaram. Búfalos em fuga significa a presença de homens e eles não se queriam denunciar a um inimigo eventual.

— É esquisito — estranhou Abel aspirando com desespero — cheira aqui a cozinha de bordo.

João riu-se. Não lhe cheirava a nada. Raimundo que

conhecia as qualidades olfativas do africano ligou a maior importância àquelas palavras.

— Donde vem o cheiro?

— De além, meu sargento!

E apontou um montículo erguido depois de uns trezentos metros de alto capim. A existência dessa gramínea podia fazer crer a um principiante que se tratava de lugar sólido. Rude erro. Muitas vezes por debaixo do capim palpita a lama dos pântanos e ai daquele que desconhece tal particularidade! Os cavalos e os búfalos são os melhores guias e na zona que se estendia diante dos guerrilheiros havia trilhas com pegadas dos referidos animais.

Iniciara-se havia poucas horas o costumado «passeio», como lhe chamavam, e que se reduzia sempre a uma «marcha de aproximação não coberta». Nesta situação Raimundo ordenava à sua secção que progredisse em «coluna de um», excepcionalmente, porém, colocara-a «em linha», quando da transposição de obstáculos ou clareiras possìvelmente expostas à observação do inimigo.

Compreende-se que a passagem «um a um» chamaria a atenção dos atiradores adversários que não tardariam a regular as suas armas para a sequência das passagens; o resultado seria abaterem, como em carreira de tiro, aqueles que atravessassem mesmo em grande velocidade. A posição «em linha» oferece de lado apenas um alvo. O homem da esquerda ou da direita vai cobrindo todos os outros. Acresce que como a passagem é muito rápida e inesperada o inimigo mal tem possibilidade de visar.

Raimundo, acompanhado de Bóote ou de Mané, precedia sempre, a certa distância, a sua unidade, a fim de se poder inteirar da situação e do terreno, bem como de poder dar as ordens para um melhor deslocamento dos

homens, evitando as paragens, escolhendo os terrenos mais abrigados e mascarados.

Na «marcha de aproximação não coberta» a secção adopta a chamada formação em «patrulha» e coloca à sua frente o número de exploradores julgado necessário.

(Raimundo colocava os dois timorenses e seguia-os a pouca distância entregando o comando dos restantes a João.)

A secção actuava sempre no serviço de exploração. Já é altura de esclarecer que quando nos referimos aqui a «secção» temos em vista a de atiradores, a qual comandada por um 2.° sargento ou furriel e contando treze homens, tem por arma principal uma metralhadora-ligeira. Como já se viu o armamento da guerrilha diferia bastante daquele que é próprio da referida unidade. Tal era exigido pelas circunstâncias especialíssimas em que combatia. Os restantes elementos da secção — os chamados atiradores — progridem de «máscara» em «máscara» observando sempre e cobrindo a deslocação da metralhadora ligeira.

Naquela manhã, eles, na sequência da marcha, atingiram pelas alturas do meio dia aquele pedaço de capim.

— Ainda te cheira? — inquiriu Raimundo.

Cheirava-lhe mais do que nunca.

Bóote foi enviado para examinar as cercanias.

Agachado, seguro nas pontas dos pés e na ponta das mãos ele avançava invisível por entre aquelas plantas mais altas do que um homem. Imobilizou-se de súbito. Encobriu-se o mais que pode e com um lenço vermelho fez três ou quatro movimentos.

Era o sinal de perigo.

Pouco tempo decorreu. O ruído dos motores de vários aviões rasgou o silêncio ao mesmo tempo que uma esqua-

drilha surgia no horizonte. Logo Raimundo ocultou os seus homens na linha das árvores. E os aparelhos passaram sem os notar.

Decorridos que foram alguns minutos, Bóote recomeçou a marcha mantendo-se em ligação pela vista com o seu chefe sem prejudicar o alto interesse da sua missão. Não deveria utilizar a sua arma a não ser que fosse surpreendido.

Bóote estacou. Cresciam ali umas árvores solitárias marcando o limite do capim. Passou a avançar de tronco em tronco encostando-lhes a espingarda à parte direita e evitando descobrir-se.

Raimundo seguia-o já com o binóculo. Começara a escalada de um montesito desnudo. Seria um azar se tivessem colocado sentinelas pois Bóote atingira já a parte mais alta da elevação. Com o queixo enterrado na terra parecia espreitar. A seguir voltou-se e fez o sinal de chamada para o seu comandante. Imediatamente Raimundo seguiu utilizando as mesmas precauções do indígena embora mais à vontade.

Os outros assistiam com uma fleugma não isenta de temor. Colado ao terreno, esmagando o capim com as grossas botas e com as mãos, atingiu, afinal, o ponto nevrálgico.

Do cimo do cabeço avistava-se ainda capim quase raso e árvores aqui e ali como formando oásis. À sombra de algumas delas distinguia-se um grupo de sete japoneses comandado por um sargento. Alguns indígenas trabalhavam apressadamente na colocação de estacas ligadas por meio de arame farpado. Outros sob a fiscalização de um nipónico preparavam o rancho.

Um casinhoto, de certo construído havia pouco tempo,

recebia uma pintura grotesca. Inúmeros caixotes apinhavam-se em frente à porta da barraca donde, a certa altura, quatro soldados nipónicos sairam a correr e aos berros.

Os dois portugueses inquietaram-se. Tê-los-iam descoberto? Não! Tratava-se de zanga interna. Barafustaram durante um bom pedaço acabando por se aquietar perante as ordens imperiosas do sargento nipónico.

Possuído da meior atenção, Raimundo fez um esboço do terreno e da posição dos objectivos. Calculou a distância até aos seus homens e retirou seguido por Bóote.

Julgava compreender a razão daqueles preparativos: construiam um campo de concentração. O terreno era um «colo de postela», isto é, uma depressão sensível na linha de cumiada e onde há passagem de uma encosta para outra.

— Vamos atacar! — elucidou Raimundo ao chegar junto da guerrilha.

Reuniu-a sobre o desenho que traçara. Iam cair em cima da posição inimiga com fogo mascarado, ou seja, aquele que é feito para atingir um alvo que se não vê. Marcaram-se as distâncias: trezentos metros em linha recta ao objectivo — calculados à vista. Um ponto «A» indicado por três árvores isoladas à esquerda, um ponto «B» colocado num pedaço de monte mais alto, enquadravam o campo inimigo. Segundo o desenho e a memória de Raimundo a casa ficava uns tantos metros além do ponto «B» e deu para o morteirete os milésimos respectivos. Para as metralhadoras fez o mesmo e deu a alça julgada boa de modo que o fogo fosse alto caindo depois sobre os japoneses.

Pensou-se nos timorenses que ali faziam de escravos.

Com certeza que aproveitando a confusão debandariam para não mais serem vistos. E se o fogo os atingisse? Rogar-se-ia para que tal não acontecesse.

— Tudo a postos?

— Fogo!

Rodou-se o tambor de disparo do morteirete.

Bum!

O eco repercutiu-se pelas serras. Logo a seguir cantaram as metralhadoras — ta... ta... ra-ta-ta... e o morteirete repetiu fogo.

Durante quatro minutos o tiro intenso não cessou.

— Alto!

E eles internaram-se mais na selva.

Um silêncio mortal pairava sobre o campo.

Devia ser meio-dia. O sol queimava tudo. Uma canícula de endoidecer envolvia-os num abraço de fogo.

Bóote iniciou uma exploração e toda a secção comandada por Raimundo seguiu em linha desencontrada. O silêncio era apenas quebrado pelo grito fastidioso de qualquer ave selvagem. Aos quarenta metros do montículo passaram a linha.

Chegaram à vista do campo inimigo. O barracão permanecia intacto, todavia os caixotes tombavam destroçados. No solo jaziam dois soldados nipónicos. O resto desaparecera.

— Campos ubi Troja fuit! — (os campos onde foi Tróia!) — exclamou João.

— Devem ter retirado — disse um dos irmãos Santana (Filipe) erguendo-se um pouco. Um tiro soou e ele caíu de borco.

— Maldição! — gritou Raimundo.

O tiro partira de uma árvore. E apoiando-se sobre uma

pedra o excelente graduado limpou a copa da referida planta com as rajadas da pistola metralhadora. Dois corpos vieram esborrachar-se no solo.

— Retirar! — ordenou.

E conduzido o ferido retiraram a toda a velocidade, embora ordenadamente.

Nesse dia já estavam desorientados e resolveram ficar até à noite no esconderijo.

Filipe fora ferido num ombro. João pode extrair a bala com facilidade. Ficou ao cuidado do irmão Bento. Então o Estado Maior (Raimundo, João e Bóote) como lhe chamavam, reuniu-se à volta de um pedregulho onde outrora se faziam sacrifícios. Sobre ele Raimundo estendeu o mapa de Timor.

O dedo esguiu apontou a região em que se encontravam, ao pé da montanha Ramelau. Tornava-se de boa medida procurar um novo refúgio. Combinaram que daí a oito dias (logo que Filipe se restabelecesse) caminhariam mais no interior, na direcção da costa de Timor. Lamentavam ter de abandonar tão bom refúgio e passarem a dormir sobre as árvores, mas assim o exigia a segurança colectiva.

A avançada seria feita na direcção do reino de Dote a poucos quilómetros da costa Sul de Timor.

* * *

Foi de madrugada, ainda as lúcidas estrelas brilhavam no azul escuro do céu, quando Sidónio que estava fazendo o seu quarto de sentinela noticiou a aproximação de soldados inimigos.

Imediatamente Raimundo verificou que o caso era muito sério. Tinham-nos localizado! Feitos os volumes das mu-

nições e de tudo aquilo que podia ser levado, encaminharam-se para a saída de emergência.

Surgiu então um problema ao verificar-se que João se embriagara completamente com «tuaca». Começou aos berros jurando que sòzinho seria capaz de vencer todos os nipónicos do mundo. Raimundo viu-se na contingência de o socar na ponta do queixo.

A retirada fazia-se cautelosamente. Por entre os penhascos avistavam-se os japoneses a menos de cinquenta metros do cabeço que durante algum tempo tão bom refúgio dera.

Foi então que surgiu o maior desastre na história daqueles homens e que podia ter conduzido à perda total da guerrilha.

Já pela terra, pelos morros e pelas selvas dansava a crua luz da manhã. Um arzinho frio cortava as carnes ao mesmo tempo que arrastava consigo os ardores de muitos aromas.

João que se deixara penetrar por aquele ambiente demasiado fresco viu afastados os efeitos da agressão e no meio da sua temporária loucura saltou um barranco, subiu a uma elevação e de lá deixou correr uma enfiada de injúrias contra os nipónicos.

Chuva de balas lhe respondeu:

— Com os infernos! — praguejou Raimundo e correu para o furriel.

Este já vinha em sua direcção.

Passara-lhe a embriaguez. Os olhos luzídios rolavam com desespero nas órbitas. Uma ânsia imensa parecia querer sufocá-lo.

Sabedores da situação dos portugueses os nipões avançavam rápidos e com segurança. Os guerrilheiros fugiam

procurando alcançar a selva ao sul onde mais fàcilmente despistariam o inimigo, mas antes que a conseguissem alcançar surgiu-lhes pela frente uma língua de capim. Estacaram. Atravessá-la significava a morte. Projectados sobre o campo esbranquiçado os japoneses caçá-los-iam como coelhos. Resistir seria impossível.

Chegara a última hora da guerrilha?

A menos que um milagre se desse, parecia condenada à aniquilação.

— Fujam!

Fora João quem falara. A sua estatura pequena como que se agigantava sobre o fundo cinzento claro do céu. A manhã havia nascido.

— Foge! — rugiu Raimundo procurando ir ao encontro do amigo.

Uma rajada de pistola-metralhadora obrigou-o a estacar. João disparara.

— Foge tu! Eu fico, pagarei o meu desaire. Foge ou mato-te!

— Não! Não! — berrou Raimundo.

Foi Bóote que sabendo ser aquela a única salvação o agarrou e conduziu na fuga, enquanto grossos soluços sacudiam todos.

Os japoneses chegavam. Escondido atrás de um pedregulho João permanecia imóvel. Surgiram dez ou doze soldados que uma rajada varreu. Esconderam-se. Calculavam que a guerrilha lhes ia fazer frente.

E imenso no seu sacrifício, João, como símbolo da Pátria, suportava com as suas armas e o seu ânimo mais de cinquenta homens.

Quando os japoneses se encobriam ele parava o fogo,

mal espreitavam os olhinhos oblíquos logo os saudavam os tiros mais certeiros.

Havia quinze minutos que os aguentava. Uma agonia íntima iniciara uma subida pela garganta, uma ponta de febre invadia-lhe o cérebro. Era muito novo, vinte e dois anos, e sabia que dentro de minutos seria um cadáver. A guerrilha, porém, salvara-se. Enquanto rompia fogo muitas imagens da sua vida iam correndo num rosário de saudades. Via a linda Emília de olhos azuis, aquela que por um caprichozinho deixara na sua aldeia, debulhada em lágrimas, embora esperançada de uma volta breve. Seria tão bom que ela estivesse a rezar por ele!

O ra-ta-ta-ta, seco e metálico, da pistola-metralhadora consolava-lhes os ouvidos como uma ária formosa.

Lembrou-se do último Natal na sua terra. A mãe durante todo o dia andara atarefada no doce e terno arranjo das filhós, dos fartos de mel, do interior da casa, especialmente da lareira arcaica que seu pai mandara refazer. Pela tarde chegara Emília com seus irmãos. Ainda havia verdes no jardim e o céu todo igual, de uma tonalidade de violeta desmaiada, cobria aquela linda tarde de 24 de Dezembro de 1939 onde os gritinhos alegres dos pardais deixavam um cântico do outono há pouco afastado. Cheirava a urze e a erva brava. Às portas das poucas lojas os «costumeiros» esfregavam as mãos numa consolação friorenta. À noite, por entre os risos de todos e músicas meigas, recordaram-se natais passados, relembraram-se corridas épocas. Fora caía a neve numa visão de magnífica beleza pregando nas árvores, nos arbustos, nos beirais dos telhados, o branco imaculado de seus flocos virginais.

A metralhadora prosseguia o seu cantar ra-ta-ta-ta-ta. De súbito um «clic» seco indicou que o percutor batera em

falso. Tinham-se esgotado as munições. Nos carregadores espalhados pelo solo nem uma só bala havia.

Um soluço sacudiu-o. Tirou a «savage» do coldre.

Viu bem que os japoneses avançavam com lentidão, mas imparáveis. As lágrimas turvaram-lhe a vista.

— «Assim passa a glória do mundo» — murmurou atirando sobre um nipónico que se aproximara demais.

A ideia da morte pareceu-lhe intolerável. A vida podia ser tão bela! Porém, logo a contingência das coisas e das gentes sujeitas à fatal e eterna lei do desaparecimento o reanimou.

— Caramba! Só se morre uma vez. Podia ser de uma pneumonia...

E num último envio de saudade e de bênçãos de amor para a mãe e para a noiva olhou os céus imensos e numa prece muda como que pedindo para não se demorarem em vir buscar sua alma de guerreiro, voltou a arma contra si e desfechou.

Quando os japoneses chegaram ao pé dele tinha deixado de viver, porém o seu nobre sacrifício reparara o seu erro e salvara os seus camaradas que, agora, mais do que nunca, desencadeariam contra os invasores a mais tremenda das lutas iluminada não só pelo amor pela Pátria como também pela recordação do seu heróico feito.

CAPÍTULO V

Dois dias correram sobre a morte de João. O luto na guerrilha era rigoroso. Às refeições poucas ou nenhumas palavras se trocavam. Morrera o seu primeiro combatente! Jazia algures, sem as honras militares, talvez insepulto, ao sol e à chuva da terra timorense. Nas feições de todos os guerrilheiros e nas da própria Amuraiba vincava-se em cada dia o desejo de tirarem cruel vingança.

Caminhavam para o sul procurando apagar todos os rastos e, quando lhes era possível, seguiam pelo leito das ribeiras. Buscavam o reino de Dote, situado na região de Bellos, a pouca distância das costas do mar de Timor.

Pelo entardecer daquele dia chegaram a uma planície. O capim estendia-se por mais mil metros. No meio dele ruminavam plácidos búfalos.

Embora na sua retirada não tivessem encontrado sombra de japoneses, julgaram melhor esperar pela noite para atravessarem aquela planura.

Raimundo colocou os dois soldados brancos de sentinela e mandou preparar a refeição.

O sol — grande bola incandescente — descia para o ocaso permitindo que as sombras da noite invadissem o

reino que ele abandonava. Aves diversas cruzavam o azul avermelhado do céu enquanto uma estrela brilhantíssima espreitava já, da sua elevada posição.

Amuraiba cortava fatias de lombo de búfalo e colocava-as nas marmitas.

Laguinho e Ferreira fitavam-na embebidos e todos os outros, aliás, vinham desde há tempo lançando olhares à mestiça, olhares com que Raimundo não simpatizava. Em certo ponto só depositava confiança no vátua Abel mesmo mais do que depositara em João.

Cumpria tomar uma medida áspera antes que as coisas se complicassem.

Em breve as marmitas se despejaram e Amuraiba tornou a enchê-las. A água dos cantis regava o alimento cortada por um pedaço de «rum» furtado à ração de domingo.

Logo que acabaram de comer estenderam-se sobre um pedaço de selva à sombra de arbustos cerrados e, colocadas sentinelas, ficaram a jogar.

Escurecia numa precipitação tropical, mal se viam as pintas e as figuras das cartas.

Muda-se o céu com a noite que parece vir dos lados do mar.

Mergulhados na escuridão que caía, reunidas as sentinelas, afastada Amuraiba com Abel sob o pretexto de procurarem frutos, começaram a ouvir as palavras frias e férreas com que Raimundo os admoestava:

— Meus senhores! Não ando satisfeito com os vossos comportamentos.

Um olhar de aço que luziu na penumbra da selva percorreu-os a todos num atento exame.

— Sei que os senhores são homens e Amuraiba é mulher e formosa, mas igualmente sei que eu sou homem como

os senhores e não a olho com esses lampejos que hora a hora vejo. Amuraiba caiu no seio da nossa guerrilha para nós a protegermos. Permiti, contrafeito, que ela vivesse connosco as amargas horas de luta. Vestiu farda, já combateu, tem cumprido o seu dever. Ora eu não consentirei que os senhores a fitem de maneira diferente da que se fitam entre si próprios. Se assim não for, castigarei aquele que cometer a falta e ver-me-ei na contingência de expulsar a rapariga entregando-a à selva mais leal e mais amena do que os senhores.

Os combatentes baixaram os olhos horrorizados.

Foi Laguinho quem falou:

— Ela é linda, sem dúvida, mas todos nós a respeitamos e ninguém alberga sentimentos maus. Limitamo-nos a olhá-la.

— Pois olhem-na de outro modo. Amuraiba é para todos nós apenas o soldado número doze — Amuraiba — encarregado do municiamento das armas quando em combate e exercendo também as funções de rancheiro. Qualquer tentativa menos honesta, qualquer palavra que seja dita, gerará um castigo exemplar. Não se esqueçam que estamos em campanha e que como vosso comandante tenho poderes extensíveis até ao fuzilamento.

Todos aqueles homens estimavam Raimundo, amavam-no como a um irmão, idolatravam-no como a um deus. Era ele o símbolo da decisão e do comando que bastas vezes, os levara à vitória. Conheciam, porém, a rigidez do seu carácter e sabiam não serem vãs as suas ameaças.

— É tudo! — anunciou o graduado colocando a arma em bandoleira no que foi imitado por todos.

Abel voltara com Amuraiba.

Meteram-se a caminho.

Como a noite tombara, os mil metros de capim foram atravessados sem novidade, embora lentamente porque Mané ia à frente experimentando a solidez do terreno.

Depois depararam com um cafezal abandonado. Atravessaram-no sem detenças aspirando a largos tragos o aroma delicioso que dali emanava. Pela frente tinham um vale em forma de «U» indicando o sul. Segundo Mané, Dote ficava a três quilómetros para oriente. Chegara a altura de enfiar directamente para sul.

Atravessaram o vale e estacaram à saída. Vegetação espessa construía ali um bom esconderijo. Dormiriam nessa noite no local que tão amàvelmente se lhes oferecia.

Raimundo viu as horas no seu relógio de pulso com a ajuda da lanterna fininha como um lápis. Dez horas da noite! Foi ele quem fez o primeiro quarto de sentinela. Seguiu-se-lhe Bóote. Pelas três da madrugada, se o vento soprasse noutra direcção, o temível timorense notaria a presença de um indivíduo que sorrateiro deslizava por detrás de uns arbustos. Infelizmente passou despercebido tal espia que sem novidade pode tomar o caminho do sul.

Pouco depois Raimundo ergueu-se sem ruído e foi passar uma ronda.

Tudo permanecia sereno. O céu quase se libertara da cacimba que pouco se percebia.

Sidónio fazia sentinela com as mãos assentes sobre a arma fria para não se deixar penetrar pelo sono.

Todos os outros dormiam tranquilos como se não fossem comparsas daquela temível aventura. Amuraiba repousava num largo tronco de árvore, num pano de tenda amarrado pelas pontas e suportado por troncos.

A parca claridade da noite iluminava-a numa doçura não isenta de mística beleza.

Sem favor, Raimundo achou que ela era linda. Uma criança, dezasseis anos apenas. Seria tão fácil amar aquela mestiçazinha e esquecer a outra! Mas a rigidez de carácter que sempre dignificara Raimundo impediu-o de pensar em tal.

Passou perto dela. A garganta estava muito desprotegida.

— Queres uma dorzita...

E repassado de doçura tapou-a com uma pequena manta que ela tinha aos pés.

Havia naquele gesto uma tranquilidade, um carinho só possível num pai.

Parecia extraordinário que aquele homem endurecido pela vida e comandando uma missão de brutalidade tivesse para a jovem indígena semelhante gesto.

— São horas? — perguntou Amuraiba descerrando os olhos.

Raimundo afastou-se como que picado por uma serpente.

— Não! — podes dormir descansada mais duas horas.

Não tinha sono. Apeteceu-lhe o cachimbo, mas não queria lume a brilhar. Meteu as mãos nos bolsos e ficou a ver a noite.

Deviam ser formosos os seus pensamentos porque os lábios descerraram-se num doce sorriso quando no cimo da abóbada celeste viu tremer e passar uma estrela cadente.

Antes de se avariar, o rádio havia-lhes comunicado que as vitórias no Pacífico eram de molde a fazer inclinar o prato da balança para o lado dos americanos.

O Império Japonês começava a beber o licor amargo da derrota cujo cálice teria de sorver até às fezes. Talvez em

breve Raimundo visse cumprida a sua missão e pudesse regressar à Pátria. Continuaria os estudos, arranjaria um emprego compatível. Casaria talvez e depois, pela vida fora, numa cómoda poltrona, com a mulher e os filhos ao lado iria recordando, uma a uma, pedaço a pedaço, as horas de epopeia que vivera no longínquo e formoso Timor. Convidaria todas as semanas os sobreviventes da guerrilha para jantar. Trocariam brindes. Havia de ter uma mobília estilo holandês rico e muito cristais, uma boa garrafeira, enfim todos os pormenores de comodidade para lhes fazerem esquecer os dias amargos que deslizavam agora.

Voltou para a manta onde dormia. O capote servia-lhe de travesseiro. Ali esteve mais um tempo com os olhos fitos no céu até que uma sombra os toldou e adormeceu.

À primeira claridade que afastou as sombras da noite, Raimundo despertou. Todos o imitaram. Perto corria uma ribeira. E um a um, cautelosamente foram lavar-se nas águas frígidas pela noite.

Amuraiba que a respeitosa distância preparava a refeição composta de frutas e farinha amassada com leite de coco, fora a primeira a experimentar a temperatura da água.

Prontos para recomeçar a marcha os guerrilheiros aguardavam um sinal de Raimundo que não tardou.

O sol subia lentamente das bandas do oriente. Pairava no ar a suave tranquilidade de uma manhã de primavera continental. Havia brumas espalhadas na atmosfera.

A um brado de Mané a força parou.

Com um dedo espetado indicava o chão húmido de um arrozal abandonado que eles seguiam paralelamente e em que se notavam nítidas pegadas.

— Devem ser botas altas — elucidou Raimundo.

Com mais cautelas prosseguiram no caminho.

De súbito os exploradores pararam, hirtos.

Esbatida contra o céu azul, de cima de uma elevação, notava-se a figura de um homem.

Trazia uma espingarda em bandoleira e voltava as costas aos portugueses.

As ordens foram dadas baixinho e em menos tempo do que se podia esperar cercavam o desconhecido.

Não era uma sentinela nipónica. Tiveram o cuidado de averiguar isso.

O homem que Raimundo tinha diante de si parecia não se admirar com a presença da guerrilha. Era um europeu.

— Santo Deus! — rosnou o desconhecido — são portugueses!

Brados de alegria se ergueram. Tratava-se de um compatriota.

Fernandes, assim se disse chamar, vivia escondido numa aldeiazinha cujo régulo, muito boa pessoa, era fiel.

— Não há amarelos nas redondezas? — inquiriu Raimundo.

— Não! Por aqui não aparecem.

Sob o convite do branco resolveu Raimundo levar os seus homens até à aldeia próxima porque fazia tenções de lhes dar uns dias de descanso. Sòmente Mané não parecia disposto a acompanhá-los e, com grande espanto, Raimundo verificou, a certa altura, que ele desaparecera.

— Bom! — pensou — Lá irá ter.

Fernandes tecera ao régulo e ao seu povo os mais rasgados elogios e Raimundo sabia que seus valentes guerrilheiros precisavam de conviver.

Um fio de água brilhando ao sol deslizava para o sul

acarinhando os cactos das margens e polindo as pedras do leito. Uma onda de calor subia, lenta.

— Pouco falta! — anunciou o guia.

O caminho por onde seguiam não se aproximava nem de longe daqueles que conduzem às aldeias indígenas — estes costumam ser mais ou menos definidos — aquele por onde caminhavam estava, há muito, virgem de pegadas humanas.

A desconfiança surgiu no espírito de Bóote como já surgira no de Mané.

Pela frente erguia-se um caminho rodeado de estacas.

— Entremos por aqui... mas... os senhores não eram onze contando com a pequena?

E o olhar investigador do homem, caiu sobre a guerrilha examinando-a espantado.

Foi a vez de Raimundo sentir uma dúvida sobre a conduta daquele homem. Mas que diabo... era um português!

Na verdade, só espionando, o guia poderia saber que a guerrilha se compunha de onze elementos, porquanto Mané desaparecera mal o vira. Logo, ele havia espiado antes de, inocentemente, se colocar à vista.

A mais elementar prudência impedia o sargento de prosseguir.

— Não! Um dos nossos homens morreu ontem de madrugada com febres e enterrámo-lo.

O outro teve um ar de compaixão e ia a continuar quando Raimundo impedindo-o disse:

— Lamento! Eu não desconfio de si, mas tenho a meu cargo a segurança destes rapazes e não a quero fazer perigar. O régulo e a sua gente que surjam primeiro. Não vejo sentinelas, nem fumo, nem qualquer vestígio.

Acabara de dizer estas palavras quando uma voz o intimou em inglês:

— Renda-se! Diga aos seus homens que deponham as armas e não esbocem qualquer sinal de resistência.

De todos os lados saíam japoneses. Primeiro apareceu um oficial — um capitão pequenino e sinistro. Os olhos oblíquos luziam de maléfica alegria. Atrás dele quinze ou vinte soldados. Os guerrilheiros olharam para trás. Dois soldados visavam-nos com pistolas-metralhadoras.

Ao todo contavam-se vinte e sete homens incluindo o oficial.

Resistir seria loucura rematada. Havia uma ténue esperança: Mané!

— Quais as condições?...

— Nenhumas! Entregue-se para ser julgado.

Com as lágrimas nos olhos aqueles valentes depuseram as gloriosas armas que a tantas vitórias os levara.

— Esplêndido... esplêndido...! — rugia o oficial.

Entraram, pelo caminho de estacas, num recinto largo onde se erguiam duas cabanas.

No chão estendiam-se esteiras e uma refeição suculenta nos recipientes que sobre elas se espalhavam.

— Aguardávamo-los! Vamos festejar o encontro e retribuir as delicadezas que para connosco têm tido.

As praças japonesas e o traidor Fernandes colocavam-se junto a uma esteira. O oficial ficou sòzinho noutra e os prisioneiros, todos com uma das mãos amarrada atrás das costas, ficaram junto doutra.

As armas empilhavam-se a um canto.

A sombra das árvores enormes protegia-os dos raios solares.

— Posso dirigir a palavra ao homem que me capturou?

O oficial japonês fitou Raimundo com ar sorridente.

— De certo! — respondeu.

O sargento fitou o traidor que fàcilmente suportou o olhar.

— Chacal, filho de chacal! traidor, filho de traidor! ... escarro sobre ti e sobre tudo o que se prenda contigo.

Uma gargalhado foi a única resposta.

— Excelente! patriota!...—interrompeu o oficial. Sois convidados do Exército Imperial. Aproveitai bem este último almoço das vossas vidas para terdes uma suave lembrança daqueles que são os senhores do mundo. Qualquer outro oficial japonês ordenaria já a vossa morte. Eu não! Sou mais clemente. No fim terminareis assados na fogueira das vossas armas. Cães danados... (e a voz alterou-se)... com que ousadia se atreveram a afrontar o Império Japonês!!

Raimundo sorriu.

— O calor ou a loucura devem fazer ver as coisas deturpadas. Sois uns invasores! Não uns ocupadores pacíficos que apenas tivessem em mira a posição estratégica de Timor em relação a posições inimigas o que ainda não justificava, mas sòmente os tiranos sanguinários que tudo varrem a fogo... sois uma súcia de cobardes..., uns javardos! Vós que nunca tivésteis de Portugal senão provas de delicadeza e de paz, se nunca da nossa parte a mais ligeira ofensa roçou de leve o Japão, se os nossos escritores sempre teceram elogios ao tal Império dos Deuses, porque razão nos afrontais? A nós! A nós! Que constituímos nós senão uma das mais velhas nações do mundo e entre todas gloriosa?

O nipão tornara-se lívido.

— Cobardes?

E levantando-se correu sobre o sargento e com um pontapé no rosto derrubou-o em terra.

Raimundo sorriu impassível.

— Estou amarrado, senhor poltrão!

E dirigindo-se aos seus homens ordenou-lhes que mantivessem calma pois só assim se poderiam salvar.

Amuraiba chorava de raiva, impotente.

— O Império Nipónico foi destinado a conquistar o mundo. É constituído por um povo virtuoso, nobre, guerreiro. Os brancos são larvas que rastejam sobre o vício.

— Falais vós em virtude, vós os carrascos de Singapura, de Hong-Kong, de toda a China? Falais vós em virtude quando a única arma que vos anima é o fanatismo e o único meio a traição? Houve da parte do grande Império Japonês o receio de afrontar às claras onze portugueses. E teve razão porque cada um destes ainda vale cem nipões.

— Eu vos direi! — rugiu o louco oficial — eu vos direi quando a vossa carne cair em pedaços devorada pelo fogo e essa rapariga mestiça estiver servindo os soldados do Mikado!

Uma grande palidez cobriu o rosto de Raimundo.

— Cão!

— A pé! Todos! — bradou o oficial em japonês.

Imediatamente os nipões se ergueram em sentido.

— Conduzam os prisioneiros ao seu destino.

Logo os portugueses foram colocados ombro a ombro e amarrados.

— Se permitis — disse o traidor Fernandes — Sua Ex.ª o Capitão Kyoto vai oferecer aos seus homens um torneio de tiro. Cada um deles acertará nas vossas pernas direitas obrigando-vos a cair sobre as armas. Seguidamente sereis

regados de petróleo e incendiados. Devo esclarecer que a minha posição neste lamentável cerco é meramente científica porquanto colaborei na vossa prisão sòmente para evitar um mal maior a Timor, para receber, é claro, o prémio, e para legar ao novo mundo o meu esforço como contribuição à nova época.

Colocados ombro a ombro nenhum dos portugueses o olhava. Tinham nojo, um nojo impossível que gerava vómitos.

— Preparar! — grasnou o capitão.

Chegara o momento derradeiro.

— Rapazes! — murmurou Raimundo — a bandeira está no meu bolso. Não irá para eles.

O oficial aproximou-se.

— A propósito. Esses imbecis dos americanos costumam conceder um último favor aos condenados à morte. Enfim... por homenagem à tal «glória» portuguesa estou disposto a concedê-lo.

— Eu quero! — respondeu Raimundo.

— Qual?

— Que me permita lutar com o traidor Fernandes. Lutar de mãos limpas.

O traidor que parecia compreender inglês olhou para o oficial exteriorizando o receio que tal pedido nele provocara.

— Não! — respondeu este — o homem é-nos útil, podia produzir-lhe estragos. Indeferido... sargento, é verdade, tirem as divisas... são franco atiradores, morrerão como cães danados.

Raimundo deu a ordem lentamente. Tornava-se necessário ganhar tempo.

Onde estaria Mané e porque não actuara ele quando tinham um braço livre?

O sol pairava agora no meio da abóbada celeste. Um silêncio sepulcral de região há muito morta abatera-se sobre a terra. Nem a brisa corria, nem as aves batiam as asas pela imensidão azul.

O capitão Kyoto antegozava a morte daqueles valentes. Deixara de pretender mostrar-se espirituoso para assumir a bestialidade do seu ser, bem como o fanatismo da sua raça e da sua educação.

De fronte dele, impassíveis, com uma serenidade de deuses, aqueles homens assumiam aos seus olhos de louco não a figura generosa de heróis, mas as imagens de brancos, de demónios.

Mané ia chegar tarde.

— Fogo! — gritou o enfurecido oficial.

Uma descarga uníssona atroou os ares.

Sobre o solo jazia o pelotão nipónico.

Um cortejo de gritos rompeu a serenidade que se seguira à descarga.

Mané à frente de oitenta ou cem indígenas atacava de pistola-metralhadora. Um mar de lanças e catanas o seguia. Cercados e sem possibilidade de salvação os japoneses cairam todos. Dos indígenas quatro tinham morrido atingidos ainda pelos tiros nipónicos.

— Soltem-me! — gritou Raimundo.

Bem vira o oficial japonês seguido do traidor Fernandes entranhar-se em fuga por entre o arvoredo. Voltariam à carga e era preciso impedir isso.

Correndo como um gamo saltou por cima dos cadáveres e lançou-se em perseguição dos fugitivos.

A pouca densidade da vegetação permitia vê-los a curta

distância. Aproximava-se mais. Um tiro soou. O oficial disparara sabendo-se perseguido. Raimundo, porém, queria apanhá-los vivos. A pistola «savage» que apanhara de entre as armas da sua guerrilha, espalhadas pelo chão, só detonou quando, impassível, o nipão o esperou a pé firme.

Dois tiros ribombaram, dois corpos cairam.

O traidor estacou na corrida. Um sorriso terrível bailou-lhe nos lábios.

Raimundo ficara imóvel. O sangue parecia correr-lhe por debaixo do peito. Um pouco em frente o japonês dir-se-ia-morto.

Fernandes tirou a faca da cinta e apoiou-a sobre a nuca do sargento.

— Receberei o prémio ainda assim.

No momento em que ia para ser degolado, Raimundo ergueu-se com velocidade inaudita e parando o golpe com o braço esquerdo bateu com o pé direito no estômago do adversário. Respondeu-lhe um som oco e viu o traidor abater-se.

O tiro de Kyoto tinha atravessado o braço direito do sargento. Foi o sangue a jorrar desse membro, que na queda ficou por debaixo do corpo, que fez supor a Fernandes ser grave a ferida de Raimundo.

Como pôde, arrastando o corpo do traidor, ele foi ao encontro da guerrilha que o acolheu por entre vivas e brados. Bóote atroou os ares com a corneta.

— Pelos diabos! — repreendeu o graduado.

Raimundo não queria que Bóote tocasse a corneta porque poderia chamar a atenção do inimigo. Ora uma das maiores contrariedades daquela vida de perigos era, precisamente, para Bóote, a impossibilidade permanente de exercer suas funções de corneteiro.

CAPÍTULO VI

Uma cor opalina anunciava o entardecer. Rompia pelos céus o primeiro aviso do fim do dia e, a exuberante vegetação que por ali se mostrava adquiria umas tonalidades mais negras contrastando com o tom acinzentado dos morros e alcantis desertos.

O local escolhido para refúgio ficava para além da ribeira Caraúso, escondido entre as fragas escarpadas, terra argilosa e um pouco de vegetação.

Amuraiba acaba de fazer o café. Os guerrilheiros sorvem já com delícia o aroma que dele exala.

A um canto, o traidor Fernandes jaz amarrado. A cor esverdinhada da sua face indica o elevado receio que o aguilhoa e o baixo preço a que considera cotizada a sua vida.

Sentado sobre uma pedra, Raimundo meditava.

Pairava ali uma grande tranquilidade. As sentinelas colocadas nos pontos nevrálgicos dominavam toda a região.

— Mané!

A este chamado o bravo timorense ergueu-se como que movido por uma mola.

Naquele dia tinha recebido as homenagens daqueles que salvara e uma recordação do seu feito: um alfinete

de ouro que Raimundo lhe oferecera a título de condecoração. Era constituído por duas espingardas entrelaçadas pendendo delas uma lâmina de ouro com o dístico: (Doce e honroso é morrer pela pátria).

— O teu feito — dissera-lhe Raimundo — é para a «Torre e Espada», mas como a não podes receber dou-te uma recordação que para todos nós simboliza a tua coragem e o teu patriotismo.

Os guerreiros que tão oportunamente o haviam auxiliado tinham regressado à sua aldeia que pouco se distanciava do local da traição.

— Mané! — traz-me o traidor!

Logo que o viu, Raimundo ordenou que lhe soltassem os braços. Sòmente os pés permaneciam atados. Um terror imenso sacudia o mísero.

— Caramba! — disse Baptista — não há um único osso que não trema a este «pulha».

— Vai ser julgado! — anunciou-lhe Raimundo.

Os olhinhos do miserável ergueram-se a medo:

— Não podes fazer tal... não tens competência para tanto.

— Em primeiro lugar não me trate por «tu», em segundo lugar há muito que tenho o poder de fazer tudo o que entenda embora para tal não tenha competência. Mas deixemos isso. Vai ser julgado! Julgado como traidor à Pátria. Acusado de tentar conduzir alguns compatriotas para a morte o que se frustrou devido a factos estranhos à sua vontade. Acusado ainda de pessoalmente ter atentado contra a minha vida. Do primeiro evento todos são testemunhas, do segundo sou eu próprio e como não posso depor passemos o segundo ponto em branco e abordemos o primeiro.

Todos os guerrilheiros rodeavam o réu menos as sentinelas: os dois irmãos Santana.

Na baioneta da arma que Mané segurava, mesmo atrás de Raimundo, via-se a bandeira nacional.

Nos rostos queimados pelos sóis e atormentados pelo ódio que os traidores merecem, passavam a cada instante os lampejos da mais íntima satisfação. Cada um deles daria alguns anos de vida para ter o prazer de destruir aquele bocado de matéria organizada que outra coisa não tinha senão ambição, peçonha e indignidade. As gerações presentes, os ossos quedos e frios das gerações passadas exigiam a morte daquele homem.

— Lembra-se de Miguel de Vasconcelos?

— O homem de 1640?

— O traidor!

O arguido baixou a cabeça.

Uma estreiteza de coração daquelas só podia haver num animal inferior.

— Sim. O traidor infame cujo nome se tornou odioso e ficou como símbolo da mais baixa torpeza. O perseguidor dos seus compatriotas que, por sinal, foi a primeira vítima da gloriosa revolução.

Fernandes ergueu a face macilenta. Os olhos dir-se-iam mais pequenos. Toda a emoção de fera perseguida, encurralada, lhe transparecia nas feições obscuras.

— Eu não sou traidor!

Seguiu-se um silêncio de espanto.

— Delira?

— Se vós poderdes compreender a minha atitude tenho a certeza de que sairei salvo das vossas mãos.

Os guerrilheiros sorriram.

— Palavra... palavra! Posso defender-me! Defender-me-ei com a razão, com bases científicas.

— Fale! Defenda-se, pois.

O traidor agitou-se como quem se prepara para um discurso e começou, apontando com o dedo descarnado na direcção de Raimundo.

— O mundo é matéria! Nós somos matéria! Tudo é matéria. Outra coisa não há que matéria não seja.

— Pois bem! retorquiu o sargento — muitos pensam assim e são bons patriotas, óptimos cidadãos.

— Mas escutai-me...

E vendo que todos silenciavam ele prosseguiu:

— A ordem do universo é só uma e os seres criados vergam-se todos às inflexíveis leis da Natureza. Ninguém poderá fazer parar o movimento de rotação nem esconder a terra do sol. Tudo é como é!

— No campo da existência uma coisa é fácil de constatar: toda a vida se desenvolve em luta constante — o animal inferior perece sob outro animal que já lhe é um pouco superior, este, por sua vez, morre sob a acção de outro e assim sucessivamente até ao homem o qual com a inteligência que lhe deu armas estará pronto a fazer frente a qualquer. Se examinarmos as características dos insectos, bastam-nos esses, verificamos logo a sua predisposição para a luta — são ferrões, venenos, espécies de foices, etc. Nos mamíferos nota-se isso também — o gato mata o rato, o gato foge do cão ao qual só em último lugar faz frente — este, não sendo educado, foge diante do lobo — e há um manancial de exemplos. Ora também com os homens sucede o mesmo. Porque razão cairam os impérios grego e romano? Porque outros povos vieram, mais fortes ou mais inteligentes que os souberam

dominar, fossem quais fossem as suas armas. Isto vem sucedendo desde o princípio da humanidade e continuará a suceder até ao fim dos tempos porque nada, ninguém, poderá vencer as fatais leis da Natureza, da matéria. O que está sempre presente é a luta — o animal superior a dominar o inferior!

Suspendeu-se. As faces tinham adquirido uma tonalidade vermelha e os olhos brilhavam com fulgurações sinistras.

— O que é que compete fazer ao verdadeiro homem? Esperar e aclimatar-se! De nada lhe servirá lutar porque fatalmente cairá! O único remédio é encarar as coisas cientìficamente, tal como o sábio que no seu laboratório, por mais pavorosas que sejam as suas descobertas, não perde o sentido das realidades. A verdadeira vitória consiste em colaborar com o mais forte. Conhecer-lhe os vícios, perceber-lhe os defeitos e as virtudes, aprender o que ele sabe, pensar como ele — fria e metòdicamente. Só depois disso é que o golpe poderá ser vibrado. Estão neste caso os alemães e os japoneses: eles são os mais fortes. Nenhum povo no mundo os poderá deter. Eles e as suas civilizações vêm, inexoràvelmente, sobre a humanidade inteira. Para quê lutar? Tal só arrastará consigo uma vitória mais completa aos inimigos. Coloquemo-nos, pois, numa posição científica: examinemos os factos e só os factos.

Pela expressão de Raimundo os seus homens compreenderam que o discurso do traidor provocara nele certa hilariedade.

Fingiu-se comovido.

— De modo que...

O traidor animou-se.

— De modo que na vida passa-se sempre tudo do mesmo

modo — o animal mais forte a querer e a poder destruir o animal mais fraco — troçou o sargento.

— Assim é...! Assim é! O japonês é mais forte. Nunca foge. Se o oficial se retirou há pouco foi porque ele tinha ordens para isso, visto ser necessário, a todo o custo, estabelecer a vossa posição aproximada.

Raimundo ficou pensativo.

Ergueu-se, A sua estatura dominava a dos outros, largamente.

— Vou resolver a coisa cientìficamente.

Um sorriso terrível pairou-lhe nos lábios.

— Agora sou eu o animal mais forte! Você é o mais fraco. As leis da natureza impelem-me à sua destruição! Mané!!!

E ante o regozijo daqueles valentes Raimundo ordenou:

— Levem-no!

O miserável gritava como um suino encaminhado para a matança.

— Estas são as inflexíveis leis da natureza! — gritou-lhe Raimundo. Morre, miserável traidor! Morre cientìficamente!

— Não! Não! Não quero ser fusilado!

— Quem falou em ser fuzilado? — perguntou Raimundo. O fuzilamento é uma morte demasiado nobre para você! Será enforcado!

Em vão o desgraçado protestou. Mané e Bóote içaram-no ràpidamente num curto espernear. Ficou a bambolear lamentàvelmente como «veste de palhaço». O rosto tingira-se de roxo e a língua saía-lhe da boca entreaberta numa visão diabólica.

Ali ficou, no alto da árvore, aquele símbolo da vil traição.

* * *

Vinha do mar um cheiro activo. A lua enevoada fazia recordar qualquer paisagem outonal do continente. As águas serenas apresentavam a cor clara do chumbo cortado e exposto ao ar. Só o rumor das ondas, a espraiarem-se com doçura nos areais, cortava o silêncio daquela noite. Uma soledade magnífica envolvia tudo. Aparentava que a mais profunda paz banhava todo o mundo.

A Raimundo o panorama afigurava-se parecido com qualquer região de outras eras — eras da pré-história — o período Ordiviciano, por exemplo, ou antes, quando a vida ainda não surgira sobre a face do mundo e nem o mais pequeno insecto manchava as regiões virgens da Terra. Devia ter sido uma época de estranha beleza. Que regiões fa-
gigantescamente puras em que só o vento e o mar se
ziam ouvir em seus concertos de eternidade! O mundo se-
ria triste nesse tempo. Apenas a solidão e o incessante e
monótono movimento do mar. O vento passava como invi-
sível fantasma sobre os penedos e ramarias que jamais
nenhum ser vivo vira. Era o reino da soledade! Espectáculo
impressionante, de resto, onde as almas torturadas encon-
trariam o melhor refúgio.

Para trás dele ficava a feição absorvente da misteriosa
selva que é talvez a mais elevada expressão que em qual-
quer país tropical se pode apresentar aos olhos do aven-
tureiro. Vêm à memória as leis do sentimentalismo humano
quando através dos milénios, passeando sobre a cíclica
evolução do homem, os avós dos avós ensaiavam entre
rudes lampejos de inteligência e certezas de evocação, os
primeiros passos do ocultismo, bem presos à influência acre
da demonografia, por dentro do respirar da selva, aspi-

rando os odores de especiarias opiadas. Eram as invocações poderosas e solenes aos grandes ascendentes, às gerações do nobre sangue dos deuses. Invocavam-se as cinzas e sombras paternas para que com a sua experiência de habitantes dos altos reinos pudessem influenciar e guiar os mortais, pobres habitantes das terras por onde antes haviam andado também.

Pela praia estendiam-se em suave descanso os guerrilheiros. Embora perfeitamente protegidos das vistas inimigas, duas sentinelas, Abel e Ferreira, vigiavam nos pontos mais altos.

Miríades de estrelas coalhavam o céu. Não havia muito luar, todavia a claridade era assaz suficiente para se verem bem uns aos outros.

Amuraiba, qual gatinha enroscada, dobrava-se ao lado de Raimundo.

Lá em baixo, à beira-mar por vezes semeada de rochas onde as ondas se quebravam e dividiam em fundas sinuosidades, encontrava-se a jangada construída para abordar o submarino. Eles aguardavam, apenas, um sinal verde para logo se precipitarem mar fora ao encontro do «vaso» australiano. Uma luz verde surgiria — tal lhe fora dito pelo tenente Gonçalves — era o sinal para as guerrilhas australianas. Na tarde precedente haviam topado com os restos de um acampamento e ao seguirem a pista depararam com um espectáculo horroroso: os corpos calcinados de vários soldados australianos. Reinava ali a desolação e a morte. O suplício que lhes fora imposto tinha sido igualmente destinado aos bravos soldados de Raimundo: semi-fuzilados e queimados em seguida.

Uma onda de revolta e comoção sacudiu aqueles valen-

tes. Pobre mundo, pobre humanidade se o seu destino fosse cair sob a alçada de tais monstros!

Em vão procuraram algum que vivesse, mas os corpos tinham adquirido o frio da morte. Um rugido de furor cortou o silêncio espectral. Uma forma estranha lançou-se sobre Abel quando este tentava examinar um dos cadáveres. Era um cão!

Acolhido melhor do que supunha, vendo que nada tinha a temer, o animal deixou-se afagar soltando queixumes lentos. Uma perna fora trespassada por golpe de baioneta. Foi Laguinho que o tratou enquanto os outros cuidavam de enterrar os soldados que tão heròicamente haviam caído.

Depois experimentaram o cão excitando os seus dons naturais e obrigando-o ao silêncio como se esperasse inimigos.

Tudo correu bem, o animal — uma espécie de lobo da Alsácia — recebera esmerado treino militar.

— Entregá-lo-emos no submarino — decidiu o graduado. O murmúrio das águas mansas chegava até eles numa sinfonia de saudade.

Amuraiba meditava.

Uma coisa intrigava Raimundo: o seu soldado número doze nunca lhe contara os seus antecedentes.

— Eu creio firmemente — disse ela a certa altura — que a alma imortal. Há por detrás de tudo um véu de uma realidade palpitante, mas que não se deixa tocar.

O sargento fitou-a espantado.

— Onde foste tu ler isso?... mas acaso sabes ler?

Ela sorriu com um lindo trejeito.

— Tu encontraste-me prisioneira e desprezada. Ignoravas portanto que estudei numa missão onde o padre me ensi-

nou o que pôde. Conheço alguma coisa de Filosofia, de Religião, de Ciências físicas e químicas... Meu pai era branco, minha mãe nasceu em Timor — em Atsabe. Muito cedo fiquei sem eles e o padre recolheu-me carinhosamente, mais tarde, tinha eu quinze anos — hoje tenho dezassete — meu tio veio buscar-me e tentou apagar em mim os vestígios da civilização ocidental que possuia. Deus para mim há só um — é Maromac. Cristo foi um profeta — foi o Messias — nunca dele meu tio me apartou.

— Mas Amuraiba... — interrompeu o graduado — tu és semi-cristã, semi-pagã!?

Ela tornou a sorrir.

— Eu sou o que sou... embora tenha mais poderes do que aqueles que julgas. Podia dominar-te com as minhas evocações. Eu conheço o ocultismo. Mas quero que me ames por tua livre vontade... quero sentir crescer o teu amor como cresce a planta do milho e floresce a flor do cafezeiro.

A voz maviosa da mestiça subia em trepidações de sonho. Raimundo sentia-se profundamente infeliz. Amara uma mulher que o desconhecera, e agora, quando ele já morrera para esse sentimento pernicioso, surgia alguém a invocar-lhe os fantasmas do passado, a declarar-lhe numa inocência mística, numa simplicidade de alma pura, o amor que sentia por ele. Oh! pudesse amá-la! Se tal se desse, quando acabasse a guerra partiriam juntos para o continente: ela seria o tal anjo sereno que lhe afastasse os pesadelos de tantas emoções, lutas e angústias. E o nome dele, sempre nobre, sempre honesto, o seu nome de tantas gerações, passaria para um «bébé» rosado, um menino que ao crescer dia a dia, ao despontar para a vida, lhe fizesse esquecer as agruras da missão passada, embora, com

o seu nome de «Velúzio» estivesse sempre pronto, tal como o pai, a dar a vida pela Pátria imorredoura.

Fitou Amuraiba. Tinha os olhos húmidos. Mas logo o fantasma do passado lhe surgiu pela frente e, enorme e frio no suor de sudário, profetizou-lhe a inutilidade do seu esforço para esquecer a outra, bem como uma voz metálica semelhante ao vibrar do clarim lhe gritava aos ouvidos.

— A Pátria! Timor! Timor! Lembra-te!... Continua a luta como até aqui!

Uma chama de orgulho cresceu dentro dele. Timor precisava do seu braço, do seu ânimo, da sua vontade. Timor assemelhava-se a um náufrago perdido num oceano furibundo prestes a tragá-lo e cuja única tábua de salvação se resumia num punhado de portugueses prontos a morrer por ele.

Baixou-se para apanhar um punhado de areia. O frio que dela dimanava trespassou-lhe as carnes. Aquela areia, aquela terra, aquelas selvas, aqueles morros, aquele palpitar amantíssimo de vida natural, aquele povo heróico, fiel à sua bandeira, que, impávido, caía de pé sem um queixume ante o espanto dos próprios fanáticos invasores, bem mereciam o sacrifício e a vida de uma pequena e anónima guerrilha.

* * *

Sobre o negrume do mar envolvido nas sombras, pairou por segundos uma luz verde clara.

— Ei-los! — rugiu Laguinho.

E todos como um só lançaram a jangada. Apesar da ondulação ser fraca ainda lhes foi difícil afastá-la da costa. Tripulavam-na Raimundo, Laguinho e Mané.

Levavam o cão.

O mar como o céu era de um azul negro imaculado. A brisa trazia da terra os perfumes magníficos que eles tão bem conheciam.

As costas ficavam reduzidas a uma linha negra, ondeante e irregular.

Das bandas do oeste duas estrelas cadentes abriram o seio do céu.

O «chap-chap» do remo de Mané a bater as águas era o ruído mais forte que se ouvia. Só quando o submarino ficou mais perto é que o barulho da ondulação a lamber o casco enorme se juntou ao do bater do remo.

Negras figuras especadas no convés lançaram um cabo à jangada e os três portugueses entraram a bordo.

Foram conduzidos para o interior.

Um alentado capitão da marinha cofiava as barbas fartas.

— Sois?

— Portugueses, senhor capitão—respondeu Raimundo em inglês. — Pertencemos ao exército regular, mas retirámo-nos quando da invasão japonesa para podermos fazer a luta de guerrilhas. Somos onze e precisamos de armas, munições e fardas.

— Teve, por acaso, algum contacto com uma guerrilha australiana?

— Sim, senhor capitão, lamentàvelmente, porém, chegámos tarde. Morreram todos, assassinados friamente pelos japoneses. Apanhámos um cão polícia que os acompanhava, vamos deixá-lo a bordo, traz na coleira o número 358712 X-Sidney-12 de Infantaria.

Se a comoção afligiu o rude homem do mar ele soube ocultá-la aos olhos do português.

— Pode-me fornecer alguns elementos sobre as actividades japonesas?

— Consegui, de facto, coligir algumas notas sobre o que temos visto e o que temos feito. Estou disposto a transmitir tudo o que sei.

E em breves palavras colocou o oficial australiano a par de todas as actividades que desenvolvera bem como das posições nipónicas consideradas mais fortes.

— Esplêndido! — elogiou o capitão quando Raimundo terminou. — Portugal tem excelentes guerreiros, eu já o sabia.

E olhando o relógio de pulso fez compreender ao sargento que tinha de submergir.

— Voltarei cá daqui a três meses. Fixe bem: noventa dias decorridos sobre esta data procurarei estar nesta costa e nesta posição. Espero voltar a vê-lo. A menos que...

— A menos que?

— ... eu tenha submergido para sempre o que espero não se dará!

— Ou que eu... e os meus homens tenhamos desaparecido como elementos activos.

Um pálido sorriso deslizou pelo rosto do australiano.

— Vocês... — e acariciou a barba farta — têm sete fôlegos como os gatos.

— Farei o possível por estar presente, meu capitão.

E executando uma enérgica continência subiu ao convés e tomou lugar num dos barcos. A jangada foi abandonada.

A caminho da praia as embarcações avançavam ràpidas sob o impulso de fortes remadas. Sobre o dorso metálico do submarino distinguia-se agora, sòmente, o vulto avantajado do capitão e a silhueta do animal que haviam salvo.

Mau grado a ondulação junto à costa, o desembarque efectuou-se com certa facilidade. Eram ao todo dez volumes do comprimento dum homem normal embora mais estreitos. Logo que foram distribuídos pelos guerrilheiros iniciou-se a marcha para o interior enquanto o submarino, recolhidas as duas embarcações, desaparecia lentamente no seio do oceano.

Tal como as crianças em dias de anos querem a todo o custo conhecer o conteúdo dos embrulhos com que os presenteiam, assim aqueles bravos soldados ardiam de impaciência no sentido de conhecerem aquela dádiva do capitão australiano que se destinara à guerrilha massacrada.

O esconderijo foi ràpidamente atingido e Raimundo ordenou que com a «ferramenta portátil» tratassem de abrir uma vala suficientemente funda e larga para receber aquelas coisas.

Quatro caixotes continham roupas e botas, outros dois traziam cigarros, whisky, conservas e alguns livros. Os restantes quatro caixotes de tamanho um pouco maior, vinham cheios de pistolas-metralhadoras e de munições.

Nessa noite, ao jantar, houve conservas a acompanhar as galinholas bravas e todos beberam whisky puro para desenjoar da «tuaca». Também se fez larga distribuição de cigarros, mas quem os queria fumar tinha que ir para o «salão», ou seja, um buraco cavado na rocha e onde o fumo os não denunciaria.

Foi nesse escondido recinto que Sidónio tentou experimentar a pequena gaita de beiços que no seu dizer já estaria enferrujada.

— Baixinho, baixinho! — avisou Raimundo.

E certas melodias bem conhecidas dos metropolitanos

saíram daquele instrumento tocado por um homem cujo coração a nostalgia invadira.

— Essa é dos nossos avós! protestou Laguinho.

— É de sempre! retorquiu Ferreira que entoava a meia voz:

> Soldado que vais para guerra,
> ao deixares a tua terra
> o cantinho do teu lar...

Um bom fisionomista tiraria daquelas feições substância para um tratado.

A coberto do exterior, uma pequena lamparina de óleo iluminava-os numa fraca claridade colocando-lhes nas figuras as formas bizarras de quaisquer estátuas misteriosas de cultos pagãos.

Amuraiba repousava no seu esconderijo. Mané e Bóote faziam os quartos de sentinela. Todos os outros, no «salão de fumo», cediam à prostração em que os deixara o repasto, saboreando aquela apatia por entre o fumo azulado dos cigarros que numa indolência de espirais subia pelas paredes do buraco.

Num sussurro, a «gaita de beiços» continuava a embalá-los. Uma a uma desfilaram as melodias doces, alegres ou tristes, que de 1939 a 1941 tinham feito cantar Lisboa. Era o fado arrastado e sonolento, com aqueles lampejos de tristeza e aqueles arrancos de agonia que trazem à memória os bairros velhinhos da «moirama», dos «cavaleiros toureiros», das «Severas» e dos amores, uma visão do Tejo luminoso por entre as pedras cinzentas de casas solarengas ou de humildes e arruinadas habitações plebeias — uma travessa onde passeiam gatos e onde as peças de roupa bailam ao vento da Mouraria.

As feições daqueles valentes iam transmitindo toda a série de emoções que os banhava. O fumo chupado dos cigarros pouco saía das gargantas comprimidas e, espiral a espiral, ia surgindo pelas narinas numa lentidão que traduzia prazer.

Com as mãos cruzadas sobre o peito, recúbito na pedra fria, Raimundo fumava em silêncio.

Na gaita de beiços Sidónio encetara uma melodia muito linda, outrora em voga.

Raimundo ficou suspenso nos seus pensamentos.

— Caramba! Aquela música!

Quando lá fora só havia morros selvagens e florestas bravas, quando dois homens vigiavam a cada ruído e a cada sombra, quando a sua vida tanta transformação sofrera, é que se atreviam a tocar aquela música!

— Pára! — gritou surdamente. E um soluço subiu-lhe à garganta.

Dum trago emborcou o copo de cantil com whisky. Ergueu-se. À entrada da gruta lançou as mãos para a frente, apoiando-se. E ali ficou. Baixara a cabeça. Recordava não só Isabel, mas também os seus pais, outros tempos. Fazia naquele dia vinte e cinco anos.

A cabeça desceu sobre o peito. Chorava.

A comoção apoderara-se também dos seus homens. Abel pediu a gaita de beiços e lentamente, como que a murmurar, uma cantiga do Sul de Moçambique, uma cantiga de negros valentes do Zambeze substituiu as notas da canção de Raimundo.

E tudo passava num recordar dos moçambicanos — as noites enluaradas, as ribeiras prateadas, os olhos provocantes das moças negras donde adejavam mil anseios de amor.

A melodia perdeu-se nas últimas notas e entraram a falar de mulheres. Cada um recordava, à sua vez, as aventuras e os amores um dia tidos. Brilhava-lhes nos olhos a chama de uma saudade que se chama nostalgia.

Raimundo permanecia à entrada. As luzinhas das estrelas viam-se através da folhagem como a iluminação de qualquer cidade muito distante. Um espectáculo feérico queria ele em vez daquela opressão morfinizante — sempre igual, sempre triste, em que vivia. Também ele, afinal, conhecera outras mulheres, também ele, afinal, vivera as breves horas da adolescência. No entanto, quando elas já iam ficando no lusco-fusco do esquecimento, quando o crepúsculo de tempos passados já tombava ante a noite do olvido, ele não desejava recordá-las porque outra e maior era a sua recordação e a sua saudade.

Não! Aquele dia não seria passado como os outros. Tinha que beber, beber muito, beber até cair, expelindo pela boca dormente a frase do nobre Athos de Alexandre Dumas:

— Entra vinho! Descerra as amarguras do meu coração!

— Rapazes! Vamos beber a ração de uma semana! É tempo de festejarmos as nossas vitórias!

— Bravo!! responderam-lhe com entusiasmo aqueles rapazes para os quais a vida se limitava a lutas e sacrifícios— Que magnífica ideia! Dessas tem poucas o nosso chefe! e sorriam numa alegria trespassada de interjeições.

— Levem uma ração mais curta às sentinelas! E que se mantenham de olhos bem abertos! E tu, Sidónio! Toca as músicas que quiseres!

E parecia não ser falsa a alegria que dançava ali. Só Batista é que, fitando no fundo os olhos do graduado, abanou a cabeça pouco convencido.

— Alma mater! Que és tão exigente! Nem se pode apanhar uma boa «piela». Palavra que gostava de ficar a «cair».

— Guarda o teu latim para quando estiveres furado pela baioneta de algum nipão.

Laguinho olhou Ferreira com um ar tremendamente irado.

— Fica sabendo, pedaço de mamífero, que ainda não nasceu a mãe que há-de gerar o japonês capaz de me furar a carcassa.

E o álcool corria rápido pelas gargantas sequiosas.

Apesar de Raimundo desejar contemplar os seus soldados e a sí próprio com um pedacito de festa, não podia permitir exageros e, na necessidade de os evitar, foi, pouco a pouco, esfriando os entusiasmos.

— Juro! Berrava Sidónio — que dava cinco anos de vida para ver «lá» a pequena...

— Naturalmente ficavas parvo a olhar para ela — alvitrou Baptista.

— Isso parece-te! Vida minha! Que faria ela?

Ferreira tinha nos olhos o clarão de um misterioso sentimento.

— Olá! Que sentimentos perfumados te percorrem?

O segundo cabo dardejou sobre o seu sargento um olhar neutro. Sorriu.

— É que tenho, lá na terra, uma filhinha, deve ter hoje dois anos e meio. A mãe morreu pouco depois de ela nascer. A miudita ficou com a avó. Gostava tanto de a ver...

Raimundo meneou a cabeça.

— Ela está bem, com certeza...

— Bem sei, mas... nem um retrato decente possuo. Só tenho esta coisita.

E mostrou uma miniatura que tirou duma caixinha de aço.

Raimundo pegou-lhe com delicadeza. Representava um bébé de poucos dias cujos olhos mal se tinham aberto para o mundo.

À roda dos dois juntaram-se os outros.

— É muito bonita! assegurou Raimundo devolvendo o pequenino retângulo.

Embevecido, os olhos húmidos, Ferreira guardou-o religiosamente.

— Desculpem tê-los aborrecido, mas às vezes, vem uma saudade...

— Chora!!! Chora!!! Faz o que te digo!!!

Inclinado para a frente, Raimundo sacudia o açoreano.

— Chora!!! Ordeno-to eu!

E uma a uma as lágrimas romperam daqueles olhos receosos.

— Faz-te bem! Vá... agora bebe! Que diabo, esquece! Um dia voltarás a vê-la.

— Um dia! protestou Laguinho.

— Sim, um dia! Sempre essa esperança de um dia! — lamentou Sidónio. Começo a...

— Começas a quê?

— A estar farto! explodiu o outro.

— Eu avisei-te! Eu avisei a todos! Apenas me seguiram aqueles que quiseram. Lutamos pela Pátria ofendida. Por ela já morreu o nosso furriel João... É tarde para desistir, lembrem-se!

— Não assinei contrato!

Óbvio era que estava semi-embriagado. Nem um músculo se alterou no rosto do sargento, sòmente a sua mão conduzida para a frente por forte impulso acertou na face do soldado e fê-lo tombar.

— Foi merecido! — explodiu Laguinho. — Se não estivesse bêbado, rachava-o!

Mas já Sidónio, muito compungido, passados os vapores do álcool, pedia perdão ao seu graduado.

— Vai dormir! — disse-lhe este sem ressentimento.

E voltando-se para os restantes guerrilheiros afirmou:

— É um bom soldado! Merece o vosso perdão. Fraquezas todos as têm!

Os irmãos Santana ajustaram as armas aos ombros e sairam para substituir os postos de sentinela.

Bóote e Mané regressaram encharcados pela cacimba. Pelos capacetes, as gotinhas muito pequenas uniam-se aqui e ali formando uma gota maior que deslizava lentamente até cair.

Laguinho apoderara-se da «gaita de beiços». As notas da «Terra Amada» subiram no ambiente pesado que ali existia.

* * *

Quando a manhã nasceu já os bravos guerrilheiros pesquisavam havia horas. Um pressentimento muito íntimo avisava-os de que alguma coisa se preparava. Sabiam que não podiam contar com a inércia japonesa. A todo o custo os filhos do Império do Sol procurariam extirpar aquela raíz de resistência.

Durante todo o dia andaram sem colher qualquer resultado e, ao anoitecer, acharam-se à beira de um riacho perto do qual fácil seria encontrar terrenos bem ocultos.

Escolheram um despinhadeiro a quinhentos metros da corrente.

Pouco se ouvia o rumor desta. Um ranger contínuo quebrava o silêncio: era a chuva a cair sobre as folhas. De-

pois cessou e logo os céus se fecharam para se reabrirem num meigo luar.

— Ficamos aqui esta noite!

— Aqui não devemos ficar — propos Mané.

— Ora essa — estranhou o sargento. — Por acaso este despinhadeiro não apresenta extraordinárias condições para nos ocultar?

— Mané concorda; mas o meu sargento desconhece que este despinhadeiro está amaldiçoado!

— Amaldiçoado!

E Raimundo previu uma misteriosa narrativa.

— Caramba! E estudaste tu na Índia e viveste no Japão para ainda acreditares em maldições! Não passas de um supersticioso!

— Existe um espírito! — afirmou teimosamente o timorense. E acrescentou:

— Quando a noite cair me dirão se tenho ou não na boca as palavras da verdade!

* * *

Já a noite húmida, branca pelo luar, vinha a deslizar num sono e já o curso médio do céu se tocava de suave leite, quando o despenhadeiro se encheu de incertos rumores. Crescia, subia, rugia, o uivo triste do vento. Encolerizavam-se as ramarias batidas sem piedade pelo inimigo de eternas épocas.

— Demónio! — praguejou Ferreira — isto é, de facto, pouco recomendável para os nervos.

— O espírito habita esta região! — afirmou convictamente Mané. Quando era pequenino — poucas luas haviam decorrido sobre mim, o espírito raptou-me e foi ne-

cessário que os guerreiros de meu pai batessem todo o mato para depararem comigo, meio morto, à beira de um riacho.

Baptista piscou um olho malicioso.

— Que tal a raça do bicho? Nem os espíritos o querem!

A expressão profundamente ofendida do timorense desanuviou-se ante o sorriso do sargento.

— E como diabo te lembras disso? — *inquiriu* Sidónio — se apenas tinhas meia dúzia de luas ou lá o que é!?

— Porque me contaram! — explodiu Mané — ou acaso terei cara de mentiroso?

— Vocês ligam demais ao tal fantasma! — afirmou Raimundo. — Se é assunto para despertar o interesse dos turistas... está certo, agora, se na verdade vocês *acreditam* nele...

— Muitos já o viram!

— Quem?

— Meu pai, por exemplo, e eu próprio ouvi os silvos que costuma soltar.

Raimundo voltou a sorrir.

— Gostava de ver a criatura!! Talvez aguentasse um carregador de balas!

— Sacrilégio — gritou Sidónio com ironia — correr um fantasma à bala!

Sùbitamente todos se imobilizaram. Das ensombreadas árvores das vertentes escapara-se um estranho uivo.

— O espírito! — suspirou Mané.

Facto é que o rumor não tardou a repetir-se e que uma batida feita por Raimundo, Sidónio, Ferreira, Baptista e Laguinho não colheu quaisquer frutos. Homem ou fantasma, animal ou demónio desaparecera sem produzir vestígios.

Quando raiou a manhã, Raimundo chegou à conclusão

que a singular disposição de rochas daquela zona — rochas furadas e rendilhadas como que a fogo — podia ser o instrumento que, tocado pelo vento, criasse os temíveis ruídos.

Todavia, para que as consciências ficassem tranquilas, iniciaram uma exploração.

A região, ali, formava uma espécie de barrancos sucessivos, cobertos, às vezes, de uma vegetação exuberante.

Um rumor surdo veio de dentro da mata.

Os guerrilheiros entreolharam-se.

— É o espírito! — assegurou Mané.

— Qual espírito, qual nada... — retorquiu Raimundo.

— O meu sargento verá!

— É esse o meu desejo! O brincalhão é que talvez não goste porque ando com o desejo louco de apunhalar um fantasma.

Do escuro lugar vinha, nìtidamente, um gemer entrecortado.

— Minha Nossa Senhora! — murmurou Sidónio a quem a coragem começava a faltar.

Uma expressão intrigada afivelara-se ao rosto de Raimundo.

Havia ali um mistério que urgia despachar para o seio das coisas claras.

— Pode muito bem ser uma cilada! — alvitrou Laguinho. Vou ver o que é.

— Não! Fica! Vou eu...!

Com a pistola-metralhadora pronta, o sargento perdeu-se no escuro do bosque.

Longos minutos decorreram. Não se ouvia o menor ruído, apenas o cantar do vento passava pelas ramarias com um som áspero.

— Agora vou eu!

Mas, mal Laguinho dera dois passos, um grito horrível estrugiu na manhã calma.

— Pela minha alma! Que nunca ouvi grito tamanho!

E Laguinho precipitou-se para a frente seguido de toda a guerrilha.

Um rumor de luta vinha de dentro da mata.

— Parece que o espírito está aflito — rosnou Ferreira e, mais rápido que os outros, enfiou por entre as árvores.

— Venham! — gritou ele.

Não era preciso o convite porque todos os guerrilheiros já se encontravam na clareira.

Estendido no solo via-se o corpo de uma mulher ainda jovem — uma indígena. A «lipa» desfizera-se na luta que travara e o pobre corpo ultrajado, jazia, numa nudez lamentável. No peito, do lado esquerdo, tinha cravado um punhal.

— Chegámos tarde!

Amuraiba inclinara-se sobre o cadáver. Com um gesto meigo tirou a manta da sua mochila, envolveu o corpo e a um sinal que fez aos guerrilheiros estes trataram de abrir uma vala. Foi também Amuraiba que cerrou os olhos vítreos da vítima não secos ainda pelas lágrimas que vertera.

Agarrado por Raimundo e por Laguinho estava o vil nipónico que ultrajara e matara a pobre indígena.

Uma cascata de pragas e de imprecações saiu da boca de Mané e, sem que Raimundo ou Laguinho pudessem evitar, caiu sobre o prisioneiro pronto a esfaqueá-lo.

Com uma rapidez e uma força que ninguém lhe adivinhara, Amuraiba interpos-se.

— Não! Esse homem pertence-me! Sou eu quem o julgará!

Raimundo lançou-lhe um demorado olhar. Admirava imenso a coragem e a fria decisão com que ela procedia sempre.

— É justo!

E ante a resolução de Raimundo todos curvaram a cabeça. O que urgia era tomar as precauções necessárias. Aquele soldado não se devia ter afastado muito do contingente ou da guarnição a que pertencia.

Sepultado o cadáver com as cerimónias que Mané, Bóote e Amuraiba efectuaram, iniciaram marcha forçada em direcção ao refúgio. Os vestígios eram sempre apagados, ou propositamente, ou por seguirem pelo leito das ribeiras.

Uma raiva surda sacudia a guerrilha.

O nipão maldito tinha as horas contadas. A face impassível, os olhos quase sem brilho, não traduziam, porém, qualquer espécie de receio.

* * *

Num ramo curvo um pássaro de bela plumagem erguia seus cantos desencontrados. Sombrios pântanos cobriam o solo semeado de erva rasteira.

Estacaram. O sol do meio dia caía inclemente. Gotinhas de suor deslizavam pelas barbudas faces, das quais, há muito, se tinham despedido os últimos apetrechos de barba.

Amuraiba dava mostras de se encontrar iluminada por qualquer grande e misterioso sentimento. O negro azulado dos seus olhos, muito grandes, chispava na opulência da fúria.

— Mané! exclamou ela — quero que traduzas a este japonês tudo aquilo que te vou dizer.

O timorense deitou um olhar para o seu chefe que aquiesceu com um gesto.

— Diz-lhe! bradou a jovem mestiça — que nós os desprezamos muito. Diz-lhe que nunca, na vida, eles poderiam obter a conquista do mundo porque são muito cobardes e só avançam empurrados pela chama miserável do fanatismo. Recorda-lhe que ele matou, depois de grave ofensa, uma pobre rapariga que mal algum lhe podia fazer. Lembra-lhe, finalmente, que está nas nossas mãos e que vamos exercer sobre ele a nossa vingança.

Mané tudo lhe transmitia com a fidelidade que os seus rudimentares conhecimentos da nipónica língua lhe permitiam.

— Tirem-lhe a farda! — ordenou Amuraiba — e amarrem-no ao tronco de uma árvore.

A ordem foi cumprida em breves segundos.

— Ficarás aí! Ficarás aí e aí morrerás. Vai combinando com os teus deuses as cerimónias com que te hão-de receber.

Raimundo não concordava com aquela espécie de castigo. O seu crime fora medonho. Punível com a morte. Mas eles não eram selvagens, para impor suplícios.

— Eu sou, apenas, o soldado n.º 12! — respondeu Amuraiba — mandai pois!

Os olhos de Raimundo fitaram-se no fundo dos dela.

— Oh!... — mas o que Amuraiba disse a seguir ninguém pôde ouvir a não ser, talvez, o sargento, pois que empalideceu claramente.

Naquela ocasião Raimundo abandonou o local seguido dos seus homens. Uma ruga de decisão se lhe cavara no rosto.

Amuraiba ficara na clareira com o prisioneiro.

A marcha dos guerrilheiros prosseguia rápida. Nem uma só vez olharam para trás.

Não tardou muito que um tiro quebrasse o silêncio. Como se ele fosse um sinal combinado todos pararam. Amuraiba distinguia-se já, tomando o caminho para eles. Ao chegar junto de Raimundo os soluços sacudiam-na e apoiou-se-lhe no ombro direito.

— Bem quis ser má, mas não pude. Matei-o e cortei-lhe as cordas. Porque é que eu não tive coragem?

— Tu tens muita coragem Amuraiba. O que não tens é a peçonha da víbora traiçoeira. A imposição do suplício é um indício de cobardia porque só a sofre aquele que não tem defesa possível. Andamos muito misturados com esses pequenos tiranos, mas não podemos absorver-lhes os defeitos.

Nuvens pesadas dirigiam-se para ocidente obscurecendo a luz solar.

Como o dia ainda ia em meio trataram de comer a ração que conduziam. Logo que terminaram meteram-se a caminho para descobrirem o centro a que o soldado pertenceria.

Mané e Bóote, avançados como exploradores, não se demoraram a informar de que uma forte coluna nipónica se dirigia para o Norte apoiada por blindados.

Pela primeira vez se falava em tais engenhos de guerra e eles só podiam significar uma preocupação, cada vez maior, dos nipões, de descobrirem e darem caça aos terríveis franco-atiradores.

Foram seguindo sempre com cautela até que compreenderam serem inúteis os receios. Decididamente a força em questão demandava o Norte confiando seguir na peugada do inimigo.

Adquirida essa certeza puderam recuar para o sul.

Foi na altura em que descansavam sob as sombras de umas velhas árvores que Laguinho fez ver a Raimundo que precisavam de ter uma importante conversa.

— Há sete meses que estamos em operações.

— E isso que tem?

— Há duzentos e tal dias que os homens não conhecem outra coisa senão selva, ravinas, montanhas, areias.

— Há duzentos e tal dias que eu só conheço, precisamente: selva, ravinas, montanhas, areias.

— O meu sargento, para nós, é uma espécie de super-homem, não tem fraquezas humanas.

— Eu bem os avisei...

— Nenhum de nós está arrependido... o que pedimos é...

O olhar de Raimundo ergueu-se até ao cabo. Bailou nele uma expressão de severidade. Laguinho prosseguiu:

— O que pedem é... enfim, os homens só poderão combater bem desde que lhe sejam concedidas certas facilidades. Como eu, como eu sou, depois do meu sargento, o mais graduado, achei ser meu dever informá-lo do que pensam os homens. Eles precisam de conviver!

— Detesto a maneira como pronuncias essa palavra «conviver».

— O meu sargento também precisa de conviver. Ninguém pode dominar a natureza.

Raimundo sorriu:

— Estás como o traidor que enforcámos!

— Claro que o meu sargento é quem manda, mas os homens andam muito tristes.

— Tu próprio andas muito triste... não é?

— Com franqueza?... Ando sim, meu sargento!

— E eu estou alegre como um passarinho!

— Sempre o conhecemos mais ou menos assim, todavia, parece-me mais enfiado.

— Enfiado!? Que diabo de termos! Afinal que queres tu fazer? Que me propões?

— Mané e Bóote conhecem uma aldeia pouco distante daqui. Com certeza que nos receberiam.

— Lembras-te da última vez que quis que os rapazes convivessem? Fomos infamemente atraiçoados.

— Desta feita não acontecerá tal. O régulo é amigo de Mané.

— Que dirá Amuraiba?

— Nada! Amuraiba é o soldado n.° 12, apenas.

— Desconfiará...!

Laguinho encolheu os largos ombros.

— E se desconfiar? Não vamos fazer nada de mal. Vamos pedir em casamento algumas jovens timorenses. Lá as cerimónias que eles têm e a maneira como fazem e cumprem os contratos é que não nos interessa.

— Pelo que ouço, estás planeando o casamento de toda a guerrilha.

— Assim é, meu sargento. Não me atreveria, aliás, a fazer-lhe um pedido muito imoral.

— Mas este também é imoral. Vocês sabem que não dispõem da mínima parcela de liberdade. Efectuarão as cerimónias pagãs; para os indígenas tudo está legal; mas vocês próprios concordam que o que cometeram foi uma arrojada burla.

Laguinho ergueu desanimadamente os braços.

— Se não nos servimos das poucas facilidades que há no caminho da vida, então, mais vale morrer. O meu sargento

tem uma moral ocidental, os indígenas têm outra. Não me parece que façamos mal em viver a vida deles...

— E se, quando acabar a guerra, restar algum de vós, acaso estará disposto a continuar dentro da vida deles? Tens a certeza de que essas jovens indígenas, que vos conhecerão tal como os olhos conhecem o meteoro, se manterão fiéis a esses amores vertiginosos?

— Isso é transcendente para o meu pobre cérebro...

— Não digas asneiras! Sei que estudaste num seminário.

— Fui expulso!

— Não foi por devoção, com certeza.

Laguinho franziu a boca num rictus de ironia.

— Eu não era dos piores. Fui expulso devido à mais extraordinária ocorrência que se pode imaginar. Um dia...

Vinha até eles o rumor distante de qualquer ribeira e, por entre as fragas, ouvia-se o assobio da cobra atrevida.

— Um dia, eu tinha regressado de umas férias em casa de meus pais, um dos vigilantes foi dar comigo no jardim a ler um inocente romance de aventuras. Seguiu-se uma exaustiva participação...

Raimundo interrompeu-o:

— Que espécie de aventuras?

— Bom!... Talvez um pedacinho picantes...

— E depois?

— Recebi uma reprimenda de alto lá com ela e escreveram para a casa paterna. Desconheço quais as notícias que eles receberam, mas passados dias eu era objecto de uma vigilância verdadeiramente atroz, uma coisa impossível... Ora eu, nas férias, tinha falado bastante com uma bonita garota filha do farmacêutico e meus pais não viam com bons olhos tal aproximação. Tratei de ligar os factos e tirei a minha conclusão, muito lógica, por sinal: recea-

vam que eu me deixasse seduzir pelas fraquezas da carne e assim fosse um fácil alvo para os tiros desse arrebatador de almas a quem chamam «diabo» — para evitar tão terrível situação não acharam melhor remédio do que perseguir-me até às raias do exagero. Certa vez foram dar comigo com um frasquito na mão a murmurar raivosamente: ou ela... ou eu, ou ela... ou eu... Julgaram ter-me caçado em flagrante; ali estava o corpo do delito: um frasco de remédio que mal tomado provocaria efeitos mortais. Fui expulso, irremediàvelmente expulso. Disseram-me que se quisesse atentar contra a minha pessoa, o que seria atentar contra Deus, o fosse fazer bem longe de tal estabelecimento. É claro que não foi bem assim, mas foi o sentido que eu tirei das palavras dos dirigentes.

— Que diabo ias tu fazer com o remédio? Ias suicidar-te por causa de alguma rapariga, ou matá-la?

— Limpinho! Aí está. Foi esse o raciocínio deles!

— Não vejo outro!

— Confesso que seja difícil vê-lo, mas não é impossível. Eu queria, simplesmente, destruir uma maldita duma solitária que me atormentava a vida mais do que os padres. Uma amiguinha de infância tinha-me arranjado o remédio e ensinou-me a tomá-lo...

— A filha do farmacêutico?

— Sim!

— Deve ter sido uma cena pouco romântica.

— Mas eficaz. Eu regressei absolutamente convencido que quando voltasse a férias já não possuiria tão indesejável hóspede. Por causa daquelas palavras destrui a minha vida.

— Foi melhor assim, nunca darias um bom sacerdote.

— Talvez desse um regular, regularzito...

— Nessas cousas não há meio termo.

Seguiu-se um silêncio. Por toda a região o sol espalhava seus raios incandescentes. Uma fita de selva perdia-se no vasto horizonte. Alguns morros mais elevados apareciam com os picos rodeados de frondosas árvores.

— E quanto à nossa conversa de há pouco?

Raimundo suspirou.

— Diz aos rapazes que não me oponho a que visitem a aldeia.

Laguinho ergueu-se do local onde se sentara.

— All right! Vou dar a notícia!!

Com Mané à frente, a pequena força tomou o caminho desejado. Passada que foi a linha da selva notaram nos ares alguns pássaros negros, de longas asas, esvoaçando com lentidão.

Um mau pressentimento sacudiu aqueles que demandavam a alegria e a festa. Nem o mais insignificante ruído quebrava a tranquilidade da tarde.

Destacados os exploradores, começaram a progredir. Pressentia-se que qualquer cousa ia suceder.

Quando da passagem de um monte viram, por entre a ramaria de uma mata, certos e indistintos vultos, cousas oblongas, tombadas em terra.

A uma ordem de Raimundo correram nessa direcção.

A aldeia surgiu-lhes pela frente. Mas em que estado! Um silêncio mortal voejava como as asas de qualquer anjo maligno. Apenas o bordejar sinistro das aves de rapina quebrava a quietude em que a morte mergulhara a aldeia. Nem uma só cabana ficara de pé. O fogo consumira, havia pelo menos dois dias, todo e qualquer vestígio de vida.

Muitos cadáveres descarnados juncavam o solo e um cheiro pestilento notava-se, então, francamente.

Os maxilares dos portugueses contrairam-se à vista do espectáculo brutal. Para onde quer que as vistas se lançassem só divisavam a desolação e a carnificina. Uma criança de poucos anos notava-se espetada numa estaca como galinha para ceia. Jovens mulheres, só reconhecíveis pelo luzidio negro dos cabelos longos e soltos, apareciam despojadas das roupas e das carnes.

— Malditos! Malditos!

A coluna nipónica que passara para o norte deixara lamentáveis vestígios.

— E vínhamos nós para festejos...

E a voz de Laguinho tremia de comoção indescritível.

— Vocês podem querer outra cousa, podem desejar visitar outras aldeias, mas a minha vontade prevalecerá. Antes que a noite desça, atacaremos o campo de aviação de X... depois poderão festejar o acontecimento. Se morrermos, morreremos a vingar estes desgraçados! decidiu o sargento.

Voltando as costas ao fúnebre espectáculo Raimundo pareceu hesitar no caminho a seguir, obliquando, afinal, para noroeste.

* * *

«O Sol é o início cinemático e o fim último das almas — assim o afirmou Luís Figuier — Os raios solares fecundando a natureza, geram nas plantas germes de almas. A vida anímica tende a espiritualizar-se. Morta a planta, a alma ascende em ordem superior. As modalidades vegetativa e sensitiva da natureza são estádios de evolução espiritual através dos quais a alma se depura, desenvolve e ascende. A sua última étape animante é a vida humana.

Há outras depois até que finda a sua evolução se integra no grande centro — o Sol.»

O Sol — a grande estrela da vida! Como lá do ocidente onde se punha diamantizava toda a terra quer lambendo os contornos dos cabeços, quer dourando os cafezais, quer, subtil, penetrando pelas ramarias e iluminando o solo humoso!

O Sol estava fecundando a natureza; sob ele iam-se adivinhando as cores de cereja dos frutos dos cafezeiros e nutriam-se as largas folhas das bananeiras onde vermes se banqueteavam.

Flores, folhas e arbustos mortos cobriam parte dos férteis terrenos. Seria verdade que em alguma cousa contribuissem para a vitalização de um ser de ordem superior?

E de cada vez que Raimundo olhava para o Sol, ele aparecia mais rubro, cada vez mais rubro, espalhando pela imensidão um oceano de sangue.

Oh! que espectáculo fabuloso! Que visão apocalíptica!

Sobre a terra de Timor a cor vermelha pairava como lembrança das carnificinas medonhas que o invasor cometia.

A cada passo o Sol ia desaparecendo como que se afogando na terra e a cada passo, também, ia deixando à face dela a escuridão e a tristeza.

Eis que a última corzinha vermelha vai espairecendo no longínquo horizonte a saudade do país que abandona. E à medida que ela se vai tornando mais pequena, cada vez mais minúscula, Raimundo lembra-se do que lera: «A sua última étape animante é a vida humana. Há outras depois até que finda a sua evolução e se integra no grande centro — o Sol.»

As sombras desceram. Nem o mais pequenino rasto de

luz ficara. Naquelas regiões o crepúsculo é quase inexistente.

Do alto do cabeço Raimundo fez o sinal combinado e a guerrilha, pronta para a partida, colou-se a ele sem hesitações.

* * *

Havia luar — um luar frio, ácido, um luar sinistro semelhante ao luzir da espada em noites de espera. Ao relento vislumbravam-se as formas grotescas e duras de um depósito de gasolina, mais longe situava-se um pequeno campo de aviação.

Uma taciturnidade enorme adejava pela região. Nos céus sinistros bordejavam fragmentadas e pálidas nuvens.

A espécie de trincheira natural donde os guerrilheiros espreitavam, permitia que se avistasse o campo do inimigo. Todos muito juntos, os dez homens pareciam formar um corpo único. De quando em quando a lua mostrava a sua face vogando numa clareira do céu, livre das nuvens. Então eles uniam-se mais e quase se entranhavam pela terra.

Amuraiba ficara no esconderijo cuidando dum dos irmãos Santana que havia dias delirava nos braços da febre.

— Baptista! — sussurrou Raimundo.

Dentro de breves instantes o soldado ficou inteirado da missão que lhe fora destinada.

— Esta é a vida da Infantaria, meu rapaz. Arma entre todas gloriosa. Lembra-te que só podes contar contigo... a missão que te destino reveste-se de grande importância e dou-ta para recompensar o teu admirável sangue frio.

E Baptista atolhado de explosivos afastou-se rastejando. Como armas levava um punhal e uma pistola-metralhadora.

De espaço a espaço erguia a cabeça e olhava em volta. O mais pequeno deslize comprometeria a sua vida e a dos seus camaradas. Tinha que se deslocar de rastos numa extensão de mais de setenta metros. Então atingiria uma porção de terreno bastante acidentado onde fácil lhe seria deslocar-se mais à vontade. Sentia um frio tremendo por todo o estômago visto que ia absorvendo a humidade com que a noite polvilhara a terra.

Por vezes um habitante das matas lançava o seu brado. De resto, o silêncio era total. A pouco e pouco Baptista deixava-se penetrar de certo nervosismo, mas dominava-se logo num irónico afastar de receios. Encontrava-se sòzinho — essa era a realidade — se fosse surpreendido só poderia contar consigo próprio e assim, nesse temor, ia orando com um fervor que antes desconhecera.

Dez metros mais e poderia desempenhar a sua missão. Aquilo afinal parecia mais simples do que julgara... ah! eis que uma sentinela se projecta no espelho celeste. Só pelos infernos! Quando tudo corria tão bem! Que fazer? Parou. Nunca fora forte em resoluções rápidas. Aí repousava seu principal defeito como soldado de infantaria. A sentinela decidira colar-se ao solo. O maldito! Com que gáudio não lhe enterraria o punhal nas carótidas! O nipónico voltava-lhe as costas — umas costas estreitas e mirradas. Para onde vou? como vou? por onde vou? quando vou? Tais perguntas dirige a si próprio o infante consciente e calmo quando, debaixo de fogo, se tem de deslocar de «máscara» em «máscara» ou de «posição de fogo» em «posição de fogo». A situação aparentava ser análoga. Para onde vou? Ora essa, sem dúvida que vou para o objectivo. Como vou? Rastejando de novo. Por

onde vou? Pelo caminho mais bem protegido. Quando vou? Quando matar o nipónico. Isso era fatal.

Cinco minutos decorreram sem que a sentinela se mexesse. Baptista, apesar do seu sangue frio, começava a sentir uma agonia íntima.

Aproximou-se mais. Julgou não ter feito ruído algum, qual não foi o seu espanto, pois, quando viu que a sentinela se voltava como que mordida e, de arma pronta, ficava imóvel e meio agachada.

Pronto! Estava tudo perdido. Tornava-se necessário engendrar um novo plano.

A sentinela, altamente desconfiada, gaguejou qualquer cousa.

— Para o raio que te parta! — retorquiu Baptista e saltou de lado apanhando o nipónico pelo braço direito.

Um urro atroou os ares. Não tardou muito que berros guturais se elevassem na noite.

Alçando-se sobre o cadáver da sentinela, Baptista viu que na sua direcção corriam alguns soldados.

Levantou a pistola-metralhadora e rompeu fogo. No mesmo instante os guerrilheiros atacaram com inaudita fúria. Certo de que podia trabalhar à vontade, colocou no chão os explosivos, cavou um pouco o solo, cobriu de ramos secos e pedras o que preparara e ligando fogo ao enorme rastilho preparou-se para retirar. Mal dera dois passos quando uma sombra negra se projectou sobre ele. Num movimento instintivo o português ergueu o braço direito armado ainda do punhal com que cavara a terra. Um grito horrível lhe respondeu. Tinha atravessado a garganta do nipónico que o quisera surpreender!

Largando o punhal no corpo do japonês, Baptista correu ao encontro da guerrilha.

— Bravo! — gritou Raimundo ao vê-lo.

Mané gritava em japonês diversas frases para desorientar, assim, assegurava com quanta força tinha que se tratava de forças desembarcadas. A luta mantinha-se equilibrada porque os japoneses desconheciam a força dos atacantes.

— Ao depósito! — ordenou Raimundo.

E Bóote deslizando como um réptil chegou-se o mais perto que lhe foi possível e erguendo o braço musculoso lançou a granada.

Caíra ainda longe, mas logo os amarelos rebentaram com vivo fogo contra o lugar onde estivera o timorense. A guerrilha ripostou fortemente.

Bóote corria já no campo inimigo.

— Volta! — bradou o graduado, mas em vão, o timorense não lhe obedeceu.

— Cobrir a retirada daquele estúpido! — ordenou com voz trémula.

Desorientados pelo fogo os japoneses não acertaram no timorense e ele pôde lançar duas granadas contra a base do depósito.

Depois largou correndo. A terra abria-se em explosões e chamas.

Uma cortina de fogo elevou-se na noite parecendo querer submergir os astros e os céus.

Bóote, são e salvo, chegou junto dos seus camaradas no preciso momento em que os japoneses, dando pela sua presença, cavavam o lugar onde ele tinha estado, com as balas certeiras e mortíferas.

O depósito de gasolina passara a não existir. O líquido derramado corria em caudais de fogo e as árvores resse-

quidas, tocadas por aquele braço ardente, consumiam-se como tochas espalhando nuvens de fumo.

Mais cinco minutos decorridos e os explosivos preparados por Baptista entrariam a desorientar os amarelos. Precisamente com esse objectivo Raimundo os mandara colocar.

— Abriguem-se!

Mal proferira estas palavras quando uma granada de mão explodiu a menos de dez metros.

— Retirar!

Por entre o fumo avistaram alguns japoneses. O caso afigurava-se sério. Abel compreendera isso e parara abrindo fogo. Respondeu-lhe um tiro de pistola e os seus camaradas viram-no cair como morto.

— Raios os partam! barafustou Laguinho.

Era mister tomar uma resolução.

— Armar baioneta!

E aqueles que tinham espingarda colocaram os sabres num gesto sanguinário.

— À morte! À carga!!

Chegara a vez de, como soldados de infantaria, atacarem à baioneta.

O fumo impedia os japoneses de verem com nitidez, ao passo que os portugueses conheciam, mais ou menos, as posições adversas.

O corpo de Abel jazia, já, no meio dos inimigos e seus camaradas viram um japonês cravar a baioneta no corpo do valoroso negro.

Um urro de dor e de fúria saíu da boca dos guerrilheiros.

— À morte! À carga! — repetiu Raimundo.

— A eles! A eles! berrou Ferreira a todos os pulmões

enquanto a «Dreyse» conduzida por Sidónio em posição de fogo varria os adversários abrindo sangrentas clareiras.

Um só gesto. Um só sinal, e ei-los que carregam.

Então é que uma grande fúria se ateou na alma do mancebo, nem as suas faces necessitavam de lágrimas para exprimir a sua dor, e, esquecido da importância da sua missão e da salvação dos seus companheiros, lança-se do alto dum monte e ele mesmo a tiro e coronhada, exortando os seus homens com brados de: Timor! Portugal! — faz recuar ante si as espantadas hostes nipónicas.

— Agora!! Agora! — bradava ele — agora ó camaradas de sempre que eu escolhi como companheiros na última luta!

E com tanto ânimo se portaram, tão tesamente vibraram seus golpes, que os nipões procurando fugir ao corpo a corpo feroz, buscando em vão saber quantos os atacavam e quem eram, mal ocasião tinham de tomar suas armas para fazer fogo. Com tais soldados se movia a tremenda luta até que forcejando com toda a alma conseguiram tirar-lhes o corpo de Abel. Vivia!

Ainda não se tinham retirado do fogo e vista dos nipónicos quando Mané e Bóote fizeram estalar as granadas de fumo e explosivas.

Tamanha deve ter sido a confusão que nem um só soldado os pode perseguir. Além disso, o rastilho que Baptista armara havia chegado ao contacto do explosivo porque logo ao morteirete se calar, uma detonação medonha abalou os ares. Se os nipões correram foi naquela direcção e assim permitiram que os guerrilheiros, após três horas de marcha, atingissem o esconderijo.

A lua tombava por detrás dos penedos e a canção sau-

dosa do oceano enchia toda a costa duma poética melancolia.

Abel morrera! Constataram isso logo que o depuseram no solo e foi com uma lágrima amarga, com o coração apertado de tristeza, que Raimundo cerrou os olhos ao bravo vátua — olhos muito abertos, nos quais pairava talvez a saudade da sua terra natal, do luar do sul de Moçambique, quando, por entre as palhoças, as negras jovens dansam num arquear de ancas.

Durante toda a noite o velaram. A bandeira nacional cobria-lhe parte do peito e das pernas. As horas passaram no seu imparável caminhar e mal as primeiras luzes dançaram na abóbada celeste, os guerrilheiros começaram a abrir a cova para enterrar o herói. Sem querer, todos os pensamentos daqueles homens se tornaram comuns. Recordavam João — o bravo furriel que os salvara sacrificando-se — esse, jazia insepulto, talvez, sobre um pequeno monte árido do norte onde caira como um português que era.

Um largo e fundo rasgão na terra fértil de Timor seria o túmulo do guerrilheiro.

Nascera o dia. Colocado numa espécie de padiola que Amuraiba misericordiosamente construira, o cadáver de Abel tomara a rigidez da pedra. A sereníssima expressão das suas feições afigurava indicar um sono tranquilo.

Todos os guerrilheiros, imóveis, comovidos, as armas firmes onde a baioneta calada lançava lampejos à luz dos primeiros raios solares, prestavam a última homenagem.

— Repousa em paz, bravo filho de Portugal! Que à luz da eternidade possas dormir sereno oh! valente soldado africano, porque em nossos corações tu viverás sempre,

sempre, sempre, até que a última gota de sangue se gele em nossas veias! Não possuo livros religiosos para te ler uma oração, não quero, porém, sepultar-te sòmente com as minhas palavras. Vou-te ler a bíblia heróica dum povo que continuará imortal enquanto tiver filhos como tu; uma estância levarás como a última saudação da Pátria agradecida:

«Enfim que nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros;
Que em tal caminho, e em tanta desventura
Foram sempre connosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receberam de todo o ilustre os ossos.»

Dos «Lusíadas»

CAPÍTULO VII

Os dias e as noites iam-se sucedendo como páginas de um livro cujo fim não se adivinha. Por espaço de um ano *longo* e *difícil* eles vinham lutando naquele cenário de florestas e de morros, de cafezais, de arrozais, de mistério e solidão.

Mais do que nunca recordavam outros tempos de suas vidas, mas os sentimentos que galopavam dentro daqueles peitos valentes eram vagos e tristes. Sòmente espectros, gigantescos fantasmas, lhes passavam pela frente despidos já da sua verdadeira cor e do seu verdadeiro aroma.

A nostalgia começava a invadir os brancos como o rio cheio de mais transborda e inunda as margens.

Nessa guerra de extermínio que se desencadeara, Raimundo esquecia sempre as suas dores internas. Mas quando tudo serenava, quando nas selvas o que havia era mais uns corpos abertos a sangrarem de muitas feridas ou já secos e frios pelo hálito da morte, quando o suspirar da selva ou o correr da brisa era o único ruído que se ouvia, ele caía naquela meditação de «Eurico» que longas horas o prendia ao silêncio e à solidão.

Quantas vezes um nojo, uma agonia atroz o invadia?

Mas tal como o sol que vem do Oriente e de cima da terra levanta os véus negros da noite, também a imagem de Isabel vinha pairando sobre ele numa visão celestial e lhe afastava os sentimentos terríveis que o atormentavam.

Captivo de mil ideias, passava os incontáveis minutos da selva por entre o crepitar das balas e o remurejar maldito da saudade incontida.

Raimundo precisava de esperança.

Quem pode viver sem esperança? — pensava ele.

Noutras horas o brado da revolta era menos violento, a luz da razão mais clara e fria.

Isabel repousava nos braços de outro porque ela o quisera. O único remédio era esquecê-la. Entregar ao nevoeiro do olvido os factos de um passado que *morrera*.

E uma serenidade neurostizante seguia-se ao respirar opresso. Era a hora em que sobre a terra o Sol chapinhava num clarão de ouro, num luzir de pedras e de charcos.

A guerrilha ficara reduzida. Mais dois homens tinham caído para sempre.

Os irmãos Santana — Filipe e Bento — jaziam algures, em sepulturas de heróis.

Com intervalo de dias haviam morrido a combater valentemente. O primeiro recebera uma bala pelo peito ao tentar destruir um depósito de óleo perto de Soibada. A guerrilha estivera nessa altura na mais terrível situação, mas conseguira salvar-se mercê da decisão e pronto raciocínio de Raimundo.

Quanto a Bento, morrera agarrado à metralhadora ligeira quando um pelotão japonês lhes deu réplica. Datava também dessa altura a perda de uma tão importante arma.

Cada dia que passava, deixava em Raimundo os sinais indeléveis da violência e do sofrimento. A tantas recordações amargas vinham juntar-se as de seus bravos companheiros de luta desaparecidos para sempre — João, Abel, Filipe e Bento.

Raimundo encontrava-se no limiar de uma nova época. Se agora lhe dissessem que a guerra terminara e que ele podia regressar à terra mãe, de certo pediria um espaço de tempo para poder pensar, para acomodar e buscar suas antigas ideias e banir as de trezentos e tal dias de luta, de perigos e de mortes. Tornara-se outro. Tornara-se mais forte. Sob a camisa desbotada e remendada palpitavam músculos de Hércules. A vida da selva fizera dele uma espécie de animal selvagem. Porém, toda aquela luta brutal tinha um fim. O homem não pensa ùnicamente em si, mas também nos vindouros e no porvir. Que lhe importava que dele nada ficasse de humano se conseguisse algo de bom? No limiar escuro do presente nada vislumbrava no entanto, e todas as suas horas, sem ser as de luta, eram horas de monge em escondido mosteiro, horas de serena meditação repassada por vezes de uma fúria tremenda e de uma revolta sem nome. E tudo em silêncio ele sofria porque ia caminhando, fatalmente, para o desenlace.

A hora de libertação chegaria! Dava por bem empregado o sangue que tantas vezes fizera verter. Sangue que fora regar a terra ultrajada de Timor!

A bandeira verde e vermelha, altivamente conduzida pelos sete sobreviventes e por Amuraiba, cruzava triunfal as selvas e os morros da Ilha Verde e Vermelha.

Em todo o Timor os japoneses procuravam debalde caçar esses homens temíveis que odiavam mais do que tudo.

Expedições nipónicas batiam as montanhas, as selvas, as

plantações, na esperança de poderem caçar os patriotas. Matilhas adestradas tomavam parte nas pesquisas.

Raimundo pensava. O capote, de gola erguida, protegia-o das intempéries. A pistola-metralhadora, em bandoleira, tinha a coronha lascada e partida. O capacete de aço donde a tinta já fugia como a noite ao chegar a manhã, abrigava-lhe a cabeça das grossas bátegas da chuva que caía.

Pensava nas destruições e nas exacráveis violências que por toda aquela pobre terra os malditos invasores faziam. A virtude era para eles um mito, as leis internacionais — uma inutilidade, o patriotismo dos invadidos um mal nojento que se tornava necessário extirpar.

Outrora, em seus tempos de menino, odiara o *mal*, a luta, a morte. Nunca fora desses meninos diabólicos que arrancam as asas a moscas e mutilam os gafanhotos. Poupava os próprios insectos e seria um martírio destruí-los. Agora, porém, eram seres humanos que tombavam atingidos pelas suas mãos, eram homens que ele cortava a tiros de metralhadora ou esfaqueava com os punhais e os sabres experimentados.

Actuava à sombra da bandeira da Pátria e isso bastava para justificar todos os seus actos, mas repugnava-lhe sentir dentro do peito o rugir de uma raiva assassina.

* * *

Um ventinho rápido iniciou um bailado nas ervas rasteiras.

Nos céus mergulhados na noite não brilhava uma luz. A intensidade do vento aumentava de instante a instante.

Corria a época chuvosa.

Vamos ter tempestade — pensou Raimundo.

Da praia vinha o marulhar da água que, misturando-se com os outros sons, galga a encosta, atravessa a planície e precipita-se pelos recôncavos das serranias. Os coqueiros e as palmeiras que naquela costa sul cobrem grandes extensões, arqueavam-se e torciam-se sob a acção do vento danoso.

Quem subisse a uma altura e de lá olhasse a praia arenosa, mas coalhada de calhaus, e as águas do mar, verificaria que na bravura e entrechocar das ondas, quando se lançavam como repuxos para o céu, pairavam, por vezes, estranhas claridades. Relampejava sem ruído. Pedaços de árvores apodrecidas que o mar possuira e lançara à costa, voltavam a deslizar presos das líquidas garras e a tombar em cachões de espuma no seio temeroso das águas.

Era aquele um tremendo amanhecer. Uma orla de cor escura bordava no horizonte um pouco mais claro uma fita de estranho significado. Em menos de dez minutos um furacão varreria toda a costa.

Clarões sinistros reverberavam na terra e as dentadas costas resplandeciam na luz magnífica e terrífica do raio.

A atmosfera pesava e parecia querer esmagar o peito e impedir o arfar compassado dos pulmões.

As primeiras horas da manhã apareciam no meio das trevas quase profundas, por entre o rugir do insondável mar batido pelo trespassante vento e por entre o reluzir da espada do raio, lacerando a golpes de fogo as agitadas alturas.

Outras vezes dir-se-ia que o ar parava sobre a face da terra para logo a seguir, num concerto horrível de assobios e de gemidos, recomeçar a sua diabólica dança cada vez mais forte e mais medonha.

As palmeiras e os coqueiros empinavam-se como que presos de dor, para depois se torcerem e retorcerem num sacudir das doidas jubas.

Mané e Bóote havia muito tempo que não viam uma tempestade assim.

Sombras incertas passavam rápidas no firmamento que parecia uma braza viva de tanto espirrar fogo e luz.

De onde a onde, as alterosas ondas galgam as penedias mais afastadas da costa e dilatam-se pela terra fora engrossando as ribeiras perto.

Uma expressão indefinível de tragédia olhava do alto abrangendo a terra e os homens. O espectáculo, a um tempo maravilhoso e horrível, eriçava os cabelos àqueles valentes que os ventos soltos açoutavam bruscamente.

Abrigavam-se nas penedias procurando escapar às inclemências dos elementos em fúria.

— Maromac! — exclama Bóote.

— Huçu... Huçu... (implorar, implorar) — rogava Mané para Raimundo.

— Deixa! — rugiu o sargento — a terra precisava desta limpeza.

Todos se agarravam para não serem levados pelos ares.

Amuraiba acolhera-se perto de Raimundo e fitava-o com terror.

— Cuidado com as armas — bradava Raimundo — a cada tempo — lembrem-se do que elas representam para nós. Não deixem que a chuva estrague as munições.

O ruído da tempestade passou a ser ensurdecedor.

Talvez o mundo em breve se fosse despenhar das alturas — pensava Ferreira com um arrepio.

Durante três horas a tempestade não serenou e sòmente por volta das dez da manhã o vento diminuiu de intensi-

dade. Então a guerrilha seguiu para o interior procurando atingir o refúgio.

Viviam ali camuflados numa segurança relativamente grande. Havia algum tempo que só de noite efectuavam as suas incursões; é que os japoneses, furiosos com as actividades dos guerrilheiros, organizavam autênticas batidas a que eles escapavam como peixe por rede. Ignoravam os guerrilheiros que os japoneses iam sistemàticamente matando ou em campos de concentração ou fora deles, alguns portugueses; a isto não era estranha a actividade de Raimundo que provocava, sem ele saber, o abatimento de reféns.

O rádio que de tanta utilidade lhes era, ficara destruído num combate e eles tiveram que o abandonar. Afastados do mundo, sem qualquer meio de comunicação possível, Raimundo e os seus homens aguardavam havia tempo a chegada de algum submarino australiano. Se chegassem à fala poderiam receber algum vestuário, armas, munições, embora ainda tivessem muitas, bem como algumas informações sobre a forma como a guerra corria.

O vento soprava ainda, fugindo sobre a terra. Dos elementos em luta só a chuva cessara.

Fazia frio e, apesar de aqueles homens sentirem dentro do peito o ardor de uma chama, deixavam-se, mau grado seu, enregelar, num tormento de pouco vestuário.

Assim que chegaram ao refúgio, Raimundo distribuiu imediatamente uma dose dupla de aguardente.

Todas as munições e mantimentos ou se guardavam em caixotes enterrados, ou em troncos de árvore, ou seguramente escondidos nas ramarias altas.

—E a tempestade não passa — lamentou-se Laguinho

que, como os outros, não tinha um pedaço de roupa enxuto.

— Cleur bairac! (dura muito) — profetisou Mané.

Segundo Raimundo a tempestade era-lhes muito útil. Pistas antigas ou modernas, trilhas de selva ou cabeços de monte com vestígios deles, jaziam sob as águas das chuvas ou das ribeiras e os nipões não se podiam aproveitar delas. Infelizmente Amuraiba não trazia capacete porque os guerrilheiros não possuiam nenhum sobresselente e o de Abel havia-se perdido. Por isso os seus longos cabelos escorriam água sem que ela quisesse aceitar o de qualquer dos homens de Raimundo ou o deste próprio.

O esconderijo situava-se não na selva insuficientemente espessa para os encobrir, mas em penedos e penedias algo arborizadas.

A fisionomia das costas do sul da ilha de Timor denuncia uma maior prodigalidade da natureza na concessão de encantos e de riquezas. Por ali se estendem terras e terras onde as plantas crescem numa ânsia de reprodução, onde as vertentes a caminho das planícies afogadas pelo verdejar das ramarias, cantam numa sinfonia de fertilidade, arvoredo basto que se espalha ora pelos vales e encostas ora formando matas cerradas, ora colocando aqui ou acolá a graciosidade de massiços pequenos e artísticos. A água numa abundância de paz, corre em todas as direcções. Vistosos e imensos mostram-se os férteis campos de milho olhando na distância as várzeas do arroz ou a beleza das plantações de coqueiros.

As vertentes encaminhadas para o sul cobrem-se de vegetação tropical abrigando esplêndidas e variadas essências. Por ali se podem colher magníficas madeiras como o pau-ferro e o pau-rosa. As encostas mais perto da beira-

-mar pareceram aos guerrilheiros tristes e hostis, mas nalguns pontos deixavam-se seduzir pela beleza apática daquelas zonas tão pouco pisadas pelo branco.

Algumas ribeiras descem vertiginosamente a caminho do oceano arrastando para ele as folhas verde-carregado das matas.

De Novembro a Abril sopram ventos SW e de Maio a Setembro ventos SE. Eram estes últimos que increspavam, então, as faces diversas do panorama sul de Timor.

Do esconderijo de Raimundo avistava-se o mar cinzento rugindo e erguendo-se em castelos de ondas como se quisesse tragar a terra.

— A tempestade vai serenando — animou Sidónio.

— *Rai nácdóco!* — gemeu Mané.

— Anh? — interrogou Raimundo.

— A terra treme! — repetiu o timorense.

— Era o que faltava! — protestou Laguinho.

Uma calma esquisita ia, a pouco e pouco, substituindo o rumor da luta natural. Um silêncio de mau presságio descia das alturas. A atmosfera pesava toneladas. O céu, de uma cor cinzenta escura, repassava-se de tons negros-esverdeados. O vento sumira-se. As folhas mal buliam sob a fraca brisa. Um calor insuportável que se diria vir do solo, arqueava as ervas rasteiras.

— Maromac! Maromac!

E os dois timorenses rojaram-se ao solo implorando as divinas graças.

Raimundo e os outros permaneciam serenos.

Um relâmpago capaz de cegar uma pessoa cortou a penumbra natural.

— Maromac! Maromac!

Ruído estranho iniciou-se ao longe. Som cavo, sinistro, arrastava-se como as correntes de um fantasma.

— Que é isto?

— A terra treme! Já o sinto! — gemeu Bóote.

Nesse instante todo o terreno foi abalado como se algum escolho maior do que Timor tivesse chocado contra as suas costas.

Um espectáculo horroroso corria naquela zona sob a acção fatal dos agentes internos e externos da natureza.

O mar afastava-se alternadamente da costa deixando à mostra superfícies antes submersas e a seguir, formando uma coluna de água, lançava-se com tal ímpeto contra ela que as ondas turbulentas batiam e entravam para além das plantações de coqueiros.

Fendas e gretas surgiam por todos os lados enquanto também se davam afundimentos bruscos e deslizamentos superficiais da crusta. Cada guerrilheiro só se podia preocupar consigo próprio. Tal era o ruído do mar que as ordens de Raimundo se perdiam no ar saturado de explosões subterrâneas.

Por toda a parte a terra se rompia como colcha velha arrepanhada pelos lados. Jactos de água, lodo e areia subiam a grande altura para tombarem no solo convulsionado onde se sumiam como que por encanto.

Amuraiba seguia Raimundo que procurava conduzir a salvação. Em toda a zona havia desolação e ruína.

Eis que eles estão agora prestes a desaparecer. Apoiados sobre um dos bordos de uma fractura querem saltar para o lado de lá quando esse bordo se eleva e o outro se afunda engolindo pedregulhos e coqueiros e deixando depois o terreno liso a tremer e a cobrir-se de pequenas pregas.

Tombados no solo, ergueram-se para fugirem mais uma vez.

Sùbitamente a terra deixou de tremer.

Pálidos, hirtos, os olhos horrorizados pela grandeza daquela manifestação, os guerrilheiros regozijam-se por verem que todos estão vivos.

Alguns segundos mais tarde a terra voltou a ser sacudida embora com menos intensidade, porém, afastara-se o perigo.

O vento zunia de novo arrastando areias e pedaços de árvores. Tanta quantidade de detritos transportava que em poucos minutos os guerrilheiros teriam ficado sepultados se não se tivessem abrigado atrás de penedos bastante altos.

Os lábios gretavam-se e uma secura de garganta endoidecia-os. Dos olhos inflamados jorravam lágrimas impossíveis de estacar.

A força destrutiva do mar não diminuia e Raimundo calculou a velocidade do vento em perto de duzentos quilómetros por hora.

Os relógios haviam parado e ninguém fazia ideia das horas que fossem.

Lá para a tarde a tempestade afastou-se um pouco e eles buscaram alimento. Convenciam-se de que tão próximo os submarinos australianos não voltariam à costa e como não tinham uma maior necessidade deles internaram-se na direcção do norte.

Ao passarem por algumas aldeias admiraram-se por verem poucas ou nenhumas habitações destruídas e poucos ou nenhuns vestígios do sinistro.

Decerto o sismo tivera o seu epicentro no mar e atin-

gira Timor especialmente naquela ponta onde tinham estado.

A avançada prosseguia com lentidão e cautela quando as primeiras mensagens da noite iniciaram a sua chegada mal o Sol desaparecera no ocidente.

Cumpria escolher local para a noite.

O tempo serenara, todavia, às últimas luzes da tarde que morria numa precipitação tropical, eles verificaram que dos vales subia um estranho pó como fumo transportado pelo vento.

Aparecia no ar algo de malignamente belo. Uma visão de morte pairava sobre a terra. Lembrava algum recanto de região lendária queimada pelo fogo dos céus.

Ao longo do vale subia, então, aquela poeira que se diria querer obscurecer o mundo. Rajadas de vento cortavam as faces como lâminas afiadas.

Os lábios e os olhos dos guerrilheiros pareciam roxos sobre a pele gretada.

O prado que corria no fundo do vale via-se coberto de pó e de areias.

Grossas nuvens deslizavam compactas e o céu ora tomava a cor de cinza, ora a de violeta carregada.

O verde das plantas parecia enegrecer-se.

Apesar de tudo combinaram abrigar-se no fundo do vale.

Como fantasmas saídos da imensidão dos tempos eles mergulharam no pó e no nevoeiro terrível que se desprendia dali.

Em baixo a visibilidade melhorara. Rochas vulcânicas formavam sob o eixo do vale um espectáculo estranho lembrando figuras agachadas sobre qualquer evento que se desdobrasse no solo vestido de erva rala.

A vegetação primava pela sua ausência e apenas algumas moitas cobriam aqui e ali os recantos mais escondidos. Notavam-se alguns vestígios do sismo. Materiais provenientes da desagregação de rochas preexistentes espalhavam-se como restos de um exército em retirada. Fendas largas, onde alguns filões eruptivos provenientes de solidificação de magmas deixavam uma amostra do sinistro, rasgavam o ventre do vale.

Numa das referidas moitas abrigaram-se os guerrilheiros.

Ferreira cavou um pouco com a pá portátil para proteger a «Dreyse». Foi então que recuou com a repugnância da carne viva que toca na carne morta.

— Está aqui um morto!

Raimundo correu logo. Via-se um braço desnudo sair de uns arbustos. Tomou-lhe o pulso. Frio, mas palpitava...

Após muitas fricções e goles de «rum» fizeram-no regressar à vida.

Era um timorense. Raimundo deu-lhe logo uma manta para se cobrir porque não tinha uma única peça de roupa.

Decorridos curtos minutos o Timorense aparentava possibilidades de esclarecer a sua estranha situação.

— Quem és tu?

O desgraçado contou a sua história. Partira da região em que corre a ribeira Caraúso em busca da guerrilha do Sargento Raimundo que devia andar por aquelas zonas. A tempestade surpreendera-o.

— Somos nós!

Vinha da parte do tenente Gonçalves. Com um gesto receoso levou as mãos ao cabelo bizarramente arranjado donde tirou um papelinho dobrado.

Rezava assim:

«Estive prisioneiro em Hatu-Lia com o casal português que afinal não partiu naquele dia e depois se viu impossibilitado de seguir em virtude de os barcos terem ficado retidos.

Conseguimos fugir com um capitão australiano. Tem sido um horror. De Dili pouco ou nada resta. O ferro e o fogo varrem esta desgraçada terra. Contemplamos o cadáver de quatro séculos de construção. São uns monstros. Matam os homens e violentam mulheres e crianças. Fugimos para proteger a nossa compatriota. É lisboeta e vivia para os seus lados e... talvez você a conheça — chama-se Isabel Mendonça...

Raimundo cambaleou e largou o papel.

Há mistérios na vida em que compreendemos que somos apenas rodas, peças movidas pela mão do destino.

O homem é um ser que pensa e crê, um tem mais imaginação, outro menos, mas nenhum poderia supor que Isabel estivesse naquela terra varrida pela maldição onde cada obstáculo era um abismo e cada sombra uma traição.

Por mais loucos que fossem os seus sonhos nunca poderia sonhar que Isabel estivesse a seu lado separada por um ligeiro tabique, ouvindo a melodia que fora deles, na derradeira tarde que ele vivera em Dili.

O papel continuava:

... Um cabana abandonada fornece-nos abrigo durante o tempo em que Juliano procura obter contacto consigo. Creio estarmos a liberto desses malvados japoneses. Deus permita que você esteja onde eu suponho, se assim for, Raimundo, venha depressa, não olhe à nossa salvação, porém sòmente à da pobre senhora. — (a) **Gonçalves — Tenente.»**

Um frémito impossível de descrever percorreu todos os guerrilheiros e no meio daqueles alcantis desertos onde a voz dos animais irracionais é quase tão rara como a do homem, onde a erva daninha mal cresce, as notas vibrantes do Hino Nacional romperam ao encontro da noite que descia.

Heróis do mar, nobre povo
nação valente e imortal

Como um só homem aquele punhado seguiu o timorense que disse chamar-se Juliano.

Em menos de duas horas podiam atingir o objectivo.

Como a noite de negras vestes não permitia grande visibilidade, toda a guerrilha seguia junta formando um todo. No entanto, todos os sentidos daqueles homens trabalhavam inteiramente dispertos.

Os passos daqueles valentes cortavam céleres a distância que os separava dos fugitivos apesar de muitas vezes terem que diminuir a velocidade para atravessarem um terreno pantanoso ou para escalarem um monte.

O vento corria ainda sobre as suas cabeças, mas seco e regelado. Não topavam com ninguém naquelas paragens.

Em vezes anteriores, quando das avançadas ou retiradas, avistavam muitas aldeias indígenas, umas ainda de pé, outras arrasadas, planificadas, queimadas pelos invasores que de qualquer modo pretendiam quebrar a fidelidade indígena por Portugal, pela Pátria. Mil vezes valentes, esses portugueses de raça malaia caíam no seu posto, impassíveis, serenos, sem abjurarem a sua terra e as suas convicções.

O exemplo grandioso dos timorenses, o seu heroísmo

gigantesco, a firmeza das suas ideias, ficará para sempre, como o padrão imorredoiro da sua temível valentia e do seu sagrado amor pela Pátria.

Nomes como D. Cipriano, D. Aleixo, D. Jeremias, Talo Bore, Nai Chico, D. Moirà de Sá, seu filho e tantos outros, são nomes que vão enfileirar junto dos daqueles que durante mais de oito séculos de história têm construído com lágrimas, com sacrifícios, com sangue, mas com heroísmo esta terra amada de Portugal, Pátria das Pátrias, que amamos, não porque é rica ou porque é grande, mas sim porque é nossa.

Antes que decorressem três quartos de hora a guerrilha chegaria ao seu destino.

Em vão Raimundo pretendeu afastar *Amuraiba. Ela* aguardaria em local prèviamente combinado. Negou-se terminantemente. Venceria com eles ou morreria com eles.

À medida que avançavam para o norte a vegetação ia-se tornando mais rara e os morros levantavam-se no caminho como sentinelas da noite. O assobiar do vento de encontro a eles produzia misteriosos sons que faziam lembrar a flauta de qualquer estranho encantador.

Uma ânsia antes desconhecida dominava aqueles homens afeitos já a toda a casta de emoções e a todas as angústias. Pela primeira vez, porém, iam em socorro de alguém que muito precisava deles.

Aos pensamentos patrióticos de Raimundo outros se vinham juntar. Que tremenda maldição, que tamanha honra; agora não só a Pátria, mas também a mulher amada sofria as brutalidades dos invasores, agora não só Portugal como Isabel reclamavam a sua luta, o seu braço, o seu valor de herdeiro das gloriosas tradições daqueles que governaram o mundo. Vozes oprimidas criavam fôlego

para gritarem pela presença daqueles homens que conduziam a bandeira portuguesa.

Mas não eram só eles os combatentes. Todo o Timor lutava, de Norte a Sul, de Oeste a Leste, desde a fronteira holandesa à ponta extrema oriental. Em cada coração português ardia uma chama, em cada recanto daquela terra o simples povo ou a classe elevada dos régulos e dos fidalgos indígenas tombava com a honra intacta e o coração cheio de virtude e de alegria.

Era aquela a hora em que no continente e em todas as colónias lavrava a revolta contra os nipónicos assassinos. Eles não estavam sós. Milhões de votos os acompanhavam.

— É além — mas...

O espanto apoderou-se de todos. Havia luz na cabana.

— Foram aprisionados! — murmurou Raimundo.

Dezenas de pragas ficaram sufocadas nas gargantas.

— Vencer ou morrer! — propos o sargento. — Vamos a isto!

CAPÍTULO VIII

Vinha do lado de fora o áspero ranger da chuva sobre as largas folhas tropicais.

Pela única janela existente na barraca de madeira entrava o perfume da floresta e o ruído da água a escorrer pelas plantas.

Mesmo com imagens poderosas aqueles indivíduos que ali dormiam não podiam negar a sua condição miserável.

Ela — ainda linda no aurífero tom do seu cabelo e nas doces pálpebras descidas — não podia ocultar os sofrimentos tremendos que tantos meses de campo de concentração lhe tinham dado.

O marido parecia mais velho dez anos do que quando o tenente Gonçalves o vira pela primeira vez. Quanto a este restava um homem escaveirado pelas agruras e queimado por interior febre. O australiano — Capitão Sidney — trazia no rosto, igualmente, os estígmas do sofrimento.

Dos fatos restavam fragmentos em que mesmo com muito boa vontade não se podia adivinhar os restos da vestimenta feita por e para seres humanos. Pelos dorsos dos três homens cruzavam-se os vergões de várias chicotadas.

Isabel nada sofrera porque fora destinada ao serralho

do Major Maru que chefiava o campo de concentração de Hatu-Lia. Escapara até ali devido às influências de um oficial alemão que acidentalmente se encontrava em Timor, mas Maru não deixaria de a exigir quando lhe fosse mais agradável, para depois a entregar ao gáudio da soldadesca.

Aproveitando uma explosão que se dera próximo, devido a um ataque de bombardeiros australianos, eles fugiram numa avançada para o interior, obliquando sempre para oriente e sul na direcção onde o oficial australiano esperava a chegada de um submarino. Eles tinham caminhado já oitenta e sete quilómetros.

Guiava-os um timorense fiel.

Atingido aquele rincão perdido do mundo, abrigados na velha barraca que servira a caçadores acidentais, julgaram-se ao abrigo dos japoneses e mandaram o timorense em busca da guerrilha que os poderia guiar e proteger até à costa.

Gonçalves calculara que Raimundo devia, naquela data, achar-se nas costas do mar de Timor no ponto que a carta indicava.

De quinze em quinze dias aparecia um submarino australiano.

Havia possibilidades de lá o encontrarem. Possibilidade remota, é certo, mas a única com que podiam contar.

E o timorense fora enviado para o sul enquantc eles ficavam na mais ténue esperança e cruel espectativa.

Na selva, após o breve crepúsculo, quase inexistente, a noite iniciara a sua queda num céu golpeado e trespassado de sombras.

— Precisamos de fazer alguma coisa — disse a meia voz o tenente Gonçalves.

Todos os quatro compreendiam que era preciso fazer alguma coisa, a dificuldade estava, precisamente, em saber o quê.

Não tinham armas, não tinham fatos. A mais extrema fraqueza era patente. Só no rosto de Isabel pairava um resto de claridade.

— Enfim! — gemeu Gonçalves — gostava de poder actuar.

— O melhor agora é ter paciência — retorquiu Gastão.

— E se...

Nos olhos passou uma sombra de horror.

— E se somos apanhados?

Olharam para Isabel.

— Tenho pena, mas coragem... matar-me-ei.

O australiano assoou-se comovido.

Era um latagão de trinta e poucos anos.

— Madame, matarei todos os que puder! — afirmou.

E exibiu a faca enorme, a única arma que possuiam.

Gonçalves foi à janela.

A chuva cessara como que por encanto, uma suavidade de templo pairava na selva.

Os três homens arrebitaram as orelhas. Afigurara-se-lhes que alguém deslizava lá fora.

Duas horas decorreram num ambiente de peso. O jantar constava de frutas e de uma ave morta por primitivo sistema.

Uma modorra doentia invadia-os.

Deitaram-se no chão e ali ficaram num espasmo.

Eis que de súbito a porta se abre com um ponta-pé e dez ou doze homens entram de roldão.

Ninguém falou.

Lanterna poderosa que um oficial japonês colocara na mesa tosca iluminou o ambiente.

Sidney saltou para receber logo uma coronhada que o estatelou desmaiado. Gonçalves erguera-se a custo.

— Tenente! (Era a patente do japonês) — pode matar-nos mas não sairemos daqui.

Falara em francês. O oficial era um antigo conhecimento do campo de concentração.

Um olhar sádico mirou o português dos pés à cabeça.

— Por hoje não! — respondeu — sòmente àmanhã. Entretanto eu e os meus vinte homens abusaremos da vossa hospitalidade. Dentro de dez dias teremos regressado e a senhora fará parte do serralho do Major. Antes porém...

— Bandido! — rosnou Gastão erguendo-se.

— Antes porém...—continuou o outro com um olhar glacial — terá a honra de pertencer a um tenente do exército Imperial.

Isabeu sorriu docemente. Tinha guardado a faca do capitão Sidney.

— Amarrem-nos! — rugiu.

Os três homens foram ligados a traves que suportavam o tecto da barraca e Isabel amarrada a uma cadeira mutilada.

Os vinte nipónicos abrigavam-se sob um velho telheiro que a selva invadira.

* * *

Por cima dos barrancos e da selva um vento agreste nasceu assobiando. Os soldados japoneses sentavam-se falando. Não tinham colocado sentinelas. Na barraca brilhava uma luz forte.

Um estrondo esquisito cortou a calma dos ares. Ime-

diatamente os soldados se ergueram e o oficial surgiu à porta da barraca.

Em breves instantes quinze homens se lançaram na escuridão enquanto os outros ficavam de sentinela à barraca.

Uma esperança tremenda invadira os prisioneiros.

O tenente nipónico olhou-os cìnicamente.

— Não vos deveis alegrar. Deixei a curta distância trinta homens. Foi decerto algum deles que disparou a arma a um macaco... não há possibilidades desses malditos guerrilheiros andarem por aqui.

Assim era. E que poderiam fazer onze homens ou quantos restavam, contra a força que o tenente comandava?

O oficial japonês aproximou-se de Isabel e cortou-lhe as cordas que a prendiam.

— Vem! disse ele em mau francês.

— Os três amarrados espumavam de raiva e de impotência.

Isabel fitou-o bem de frente. Quis servir-se da faca, mas tão fraca estava que ela lhe tombou das mãos.

Impassível, o tenente fitou-a e com um pé afastou a arma.

— Maldita! Cadela branca! — E agarrando bruscamente a linda portuguesa apertou-a contra si.

— Por piedade! — gemia Gastão — por piedade... mata-me no maior dos suplícios, mas não lhe faças mal.

Como única resposta recebeu um escarro na cara.

Isabel já não podia lutar. O tenente dominava-a como a um passarinho. E ante os três homens furiosos e semi-doidos o inevitável ia consumir-se, quando a porta se abriu e num bafo de frio e de chuva entrou um homem. Era alto e forte, a farda tinha largos rasgões. No rosto contraído lia-se um ódio mortal.

— Raimundo! — gemeu Gonçalves — louvado seja Deus!

Isabel desmaiara.

Agarrando pelos ombros o oficial japonês, Raimundo cuspiu-lhe no rosto e assentando-lhe um terrível murro na face assombrada projectou-o para longe. Mané, Bóote e Laguinho tinham entrado.

Em breve, o orgulhoso nipónico, inerme, ficou diante deles tremendo de raiva.

— Ousais bater num oficial do Exército Imperial Japonês?

Raimundo não o compreendeu, mas atribuindo-lhe o estado lamentável em que Isabel se encontrava socou-o de novo. O japonês tentou agarrá-lo, porém recebeu um passo rasteiro que o estendeu.

Fora Mané. Flegmàticamente cuspiu o betel que mascava.

— Temos de nos apressar — ordenou Raimundo. E prepararam tudo para a retirada.

Logo os prisioneiros foram soltos.

Isabel que continuava desmaiada foi carregada por Bóote.

— Que se faz a esse? — E Gonçalves apontou o tenente.

— Mata-se! — decidiu o sargento friamente.

Então o nipão ergueu-se e projectou-se contra Raimundo. Erguia a faca que Isabel deixara cair. Parado o braço em pleno golpe, o nipão tentou um truque de luta japonesa com o outro que tinha livre, mas pareceu que Raimundo se tornava maior, um gigante, que se erguia tremendo. O braço esquerdo subiu como um aríete.

Ouviu-se um estalo e, qual manequim, o tenente japonês caiu pesadamente.

— Os meus parabéns! — disse admirado o capitão

australiano, que se debruçara sobre o agredido — os meus parabéns, o homem está irremediàvelmente morto.

O que se passara para Raimundo aparecer ali tão providencialmente?

O estrondo ouvido fora provocado pelos guerrilheiros. Assim que a maior parte dos japoneses se afastou, atacaram as cinco sentinelas e calaram-nas para sempre com os golpes silenciosos e mortíferos em que já eram peritos.

Não tardariam os nipões a regressar e resolveu Raimundo que se dividissem em pequenos grupos que se encontrariam, ao amanhecer, no refúgio. Raimundo, Isabel e o marido tomaram uma direcção. Bóote, Ferreira, Laguinho e o australiano seguiram noutra. Gonçalves, Mané e Baptista noutra ainda, seguidos dos restantes.

A tempestade voltara a cair sobre a região. Era um concerto pavoroso que a cada instante aumentava de intensidade. O vento em turbilhão soprava sobre a terra e revolvia as selvas desde os recantos mais profundos arrancando e arremessando longe árvores e arbustos. Troavam os céus e todo o ar brilhava trespassado de relâmpagos.

A tempestade que se soltara, embora fosse terrífica e a cada instante lhes mostrasse a morte iminente, havia-os salvo das garras amarelas. É que o rugir enfurecido da natureza apagava toda e qualquer pista e tornava inútil a perseguição.

Os quatro grupos obliquavam para um só objectivo — o esconderijo da guerrilha, situado a mais de vinte quilómetros.

Poucas horas depois do ataque todos estavam presentes menos Raimundo e o casal.

Uma séria inquietação começou a dominar os guerrilhei-

ros. Mané e Bóote partiram em busca, mas ao cabo de algumas horas regressaram sem proveito.

Que se passara?

Envolvidos pela tempestade, os três portugueses tinham ido dar a um monte onde encontraram reentrâncias. Aí esperaram pelo serenar da natureza.

Gastão minado de febres caíra em estado de coma.

— Horrível terra! — gemia Isabel a cada instante — horrível terra!

Raimundo não dissera ainda uma meia dúzia de palavras. Cingia-se à sua missão experimentando o suplício de Tântalo a martirizar-lhe a sede ardentíssima de falar à mulher que amava. Não sentia o mínimo gozo em a ver ali, feita em farrapos, arrastando umas horas miseráveis, ela que fora a grande causa de todas as suas dores, a mãe cruel de todas as suas mágoas. É que naqueles olhos ainda formosos pairava como que uma sombra de amor, um remorso incontido, como que um último e breve esforço para mostrar àquele que a amara o arrependimento da vida passada.

— Esta horrível terra, minha senhora, é Portugal! Por esta horrível terra lutámos há um ano e por ela já morreram três amigos meus, por esta horrível terra, minha senhora, estão os restantes dispostos a morrer.

— Oh! Raimundo, como é cruel! Então agora eu para si sou minha senhora? Não sou como antes, apenas Isabel?

Lá nas alturas as nuvens tornaram-se menos compactas e através delas filtrou-se um raio de sol.

— O «ontem» morreu, o que existe é o «hoje». Bem vê que me não ficava bem estar a tratar intimamente, no meio da selva, uma senhora casada tendo a seu lado o marido quase morto.

Ela suspirou fatigada.

— Você sempre foi um puritano, Raimundo! Não vive no mundo.

— O que é cada homem? Impossível sabê-lo! A senhora chama-me puritano, outros me chamarão devasso. Além disso, mudei muito.

— Já não me ama?

A fronte do sargento carregou-se extraordinàriamente.

— Creio que não — murmurou num sopro — tornei-me materialista. Só creio no que vejo. Acreditei no vosso amor e falhei porque o não via. Hoje quero matéria e factos. Eu próprio sou produto de uma evolução animal.

— Ah! Não posso acreditar, Raimundo! Você não podia ter mudado tanto... Ah! Raimundo, se soubesse como eu o amo!

— Só agora?

— Amei-o sempre, mas a ausência forçada, a raridade das suas cartas...

— Metade das quais a sua mãe apanhava... ah! mas deixemos isto! É tudo tão piegas!

— Estou velha e feia por isso me despreza.

Raimundo comoveu-se. Por largos minutos esteve bebendo aquela imagem que ele adorara mais do que a vida.

— Não diga tolices!

— Porque não ouve a voz do coração? Partiremos para a Austrália. Depois tratarei do divórcio.

— Perdão, minha senhora, faz as coisas depressa demais. Quem lhe disse que eu era de acordo?

Isabel recuou como que assombrada.

Implacável, Raimundo prosseguiu:

— Outrora trocou-me por seu marido porque eu estava longe, agora como ele se encontra ausente, em estado de

coma, deseja trocá-lo por mim. Não minha senhora! Nunca tive o menor geito para «bibelot».

O sol já brilhava esverdenhando a floresta até aí envolvida num manto opaco de nevoeiro matinal.

— É justo! — gemeu Isabel — é justo que eu sofra as suas afrontas. Mas dê-me uma esperança...

Um avião começou baixando depois de surgir detrás da selva.

Logo Raimundo agarrou Isabel e escondeu-se com ela o melhor que pôde.

A frondosa cabeleira, ainda formosíssima nos seus reflexos dourados, repousava sobre o peito do sargento e ele sentia-lhe o coração a palpitar...

Uma comoção indiscritível sacudia-o como a um barquito apanhado pelas vagas.

Ela envolvia-se nele num abraço de ternura e as bocas chegaram-se fatalmente e uniram-se num beijo.

Com um suspiro eles separaram-se.

— Isabel, eu afinal já não posso passar sem isto. Mesmo que casássemos, a toda a hora eu teria diante de mim estes cafezais, estas selvas, estes morros, estes homens em sangue. A cada hora eu me levantaria do leito, sonâmbulo, aos gritos de fogo e de morte. Não, Isabel! A guerra torna os homens diferentes, além de que, amo outra...

— A indígena! E Isabel levou as mãos ao peito.

— Não! Não! Amo a minha Pátria pela qual estou lutando.

— Oh! Raimundo, mas milhões de portugueses amam a sua Pátria e não estão aqui a lutar.

Porque não podem! Eu porém, estou cá dentro. Esta

ilha tem vivido comigo histórias horríveis. Ficarei até ao fim.

— Dá-me outro beijo, Raimundo.

O sargento olhou para a sua frente e disse:

— Creio, minha senhora, que podemos já passar; o solo está quase seco. A tempestade afastou-se.

— Amor, amor, meu amor! Sou tão tua e tu não o pressentes! Não podemos lutar contra as fatais leis do destino. Eu amo-te! Tu amas-me. Lembras-te da nossa música?

Ele bem a ouvia. Aquelas notas compassadas, prenhes de melancolia e de saudade.

— Beija-me!

— Não, Isabel! Tens ali o teu pobre marido. O infeliz rapaz não fez mal a ninguém. Respeita-o.

— Oh! sim! Estou louca. Estou-me a oferecer!

Um sorriso terrível pairou nos lábios do graduado.

Não podia gozar aquela hora porque a amava profundamente e o seu amor demasiadamente elevado tinha a pureza magnânima de qualquer devoção mística. Não a podia ter porque contra tal pugnava a mais elementar lei moral, e, ele sabia que se muitas vezes a moral não se coaduna com as realidades práticas, tem, no entanto, regras cuja imposição surge ao espírito independentemente da ameaça de qualquer sanção.

Urgia recomeçar a caminhada. O peso do doente dificultava a marcha, contudo eles prosseguiram infatigàvelmente. Ao anoitecer ainda cinco quilómetros os separavam do refúgio da guerrilha. Atravessado um braçado da selva rala, estacaram perante um pedaço mais exuberante. Viram bem, no cimo de uma escondida árvore, surgir uma palhoça. Na verdade os timorenses servem-se, por vezes, das árvores para nelas erguerem suas originais habitações.

Como lá do alto deve ser encantador o mundo! pensava Raimundo. Que fragilidade e que poesia emanava daquele pequeno lar! Talvez que um dia tivesse sido um ninho de amores. O abraço selvático das plantas envolvia-a e sustinha-a. Constituia um óptimo refúgio. Não tardaram em escalar até à pequena habitação. Após difíceis tentativas lograram deitar Gastão numa pequena esteira que descobriram. Ele causava sérias apreensões a Raimundo. Por duas vezes vertera da boca sangue negro!

A manhã foi chegando num absorvente renascer.

Isabel velara durante toda a noite enquanto Raimundo fazia a sentinela.

O problema mais grave a resolver consistia no transporte do moribundo, sim, moribundo, porque para Raimundo ele já não teria salvação. Urgia, porém, alcançar a farmácia portátil.

Isabel aproximou-se...

Lenta, embora seguramente, o ruído do despertar selvático daqueles locais ermos subia com a toada melancólica das manhãs orientais.

Uma a uma as palavras iam saindo da boca da jovem repassadas de um lamento indescritível:

— Desprezaste as recordações.

— Pelo contrário, não vivi o prazer amoroso, todavia a recordação me chega. E não te quero confundir com ela. A recordação é pura e elevada até ao dia da traição infame. Só até aí devo respirar, depois devo escarrar. A única paixão da minha vida foste tu — morreste! Em cada momento as pessoas deixam de ser o que eram antes e, o que tu eras antes, morreu! Deixa-me assim! Sou feliz! Extraordinàriamente feliz. Como disseste eu não vivo no mundo, pairo nas estrelas a meio caminho da mentira e do

ideal. Não poderei atingir este porque não sou santo, não atingirei a outra porque não quero, e, neste mundo de vilezas e de fraqueza, a vontade é, talvez, o único refúgio seguro. «As recordações são como os ecos das paixões — disse Chateaubriand — os sons que se repetem, tomam pela distância algo de impreciso e de melancólico que os torna mais cativantes do que a voz das próprias paixões». Deixa-me pois com os sons que se repetem. Que de real apenas haja em mim a vontade de continuar a lutar por esta terra que me recebeu quando naquela em que nasci apenas havia o lodo, o pó, a traição! Se recordo a terra natal? Oh! sim! quem a poderá esquecer? Amo a minha Pátria e tudo o que se prende com ela. Acaso notaste que também as aves que voam no espaço regressam aos ninhos e as rudes feras suspiram pelos covis? Quanto daria por regressar? Eu sei lá! Mas não posso! Não quero! Aqui sei que sou útil e a nossa utilidade deve ter sempre alguma aplicação, eu dou a minha à Pátria porque digam o que disserem, Pátria há só uma e se nos esquecem os homens não nos olvida ela, porque ela é — a mãe comum de todos nós!

* * *

Já o sol tinha percorrido metade do seu caminho quando chegaram à vista do refúgio. O acolhimento dispensado foi verdadeiramente apoteótico.

Só Raimundo aparentava melancolia difícil de definir. Defeitos de educação? Atavismo? Luta contra o materialismo que ameaçava invadir o mundo? De facto este constituia um dos grandes problemas da sua vida. Toda a actividade humana seria produto de fatais arranjos celulares? Era a ideia apenas um reflexo da matéria—única realidade? Quisera que não!

CAPÍTULO IX

A missão da guerrilha tornara-se difícil com a presença daqueles que salvara. Uma imobilidade exasperante forçava-os no refúgio a dois quilómetros das costas marítimas. Durante todas as horas do dia uma sentinela vigiava as águas, pronta a comunicar por meio de sinais com a outra sentinela, a qual, colocada mais adiante, exercia as funções de estafeta.

Todos os ex-prisioneiros melhoravam *ràpidamente* e só Gastão perfazia o seu terceiro dia de estado de coma. Se Isabel era o seu anjo tutelar, a todos admirava, no entanto o extraordinário desvelo com que Raimundo e Amuraiba o tratavam também.

A Raimundo ele inspirava comiseração. Pobre rapaz! Habituado a todos os confortos da civilização que o dinheiro lhe tornava fáceis, apreciador dos bons momentos do viver, devia ter passado as mais estranhas e tormentosas horas.

Serenava-se a floresta. Por cima dela passarocos de vistosas plumagens cruzavam o alto céu. Feneciam as últimas horas da tarde. Num tufo de plantas, Raimundo espreitava com o binóculo a posição da sentinela-estafeta. Junto

do sargento, o tenente Gonçalves ia falando com lentidão como que a desfiar as contas do rosário de qualquer conversa há muito desejada. Estranha é a calma que sucede às grandes horas de luta e de sofrimento! Nem os rostos se encrespavam na recordação dos factos idos!

Gonçalves queria ficar com a guerrilha. Raimundo possuído da perfeita confiança que lhe dera o comando da mesma, por espaço de mais de um ano, diligenciava recusar.

— Com três motivos, meu tenente: primeiro porque eu sou livre e não tenho mulher nem filhos que chorem a minha morte; em segundo lugar porque amo a minha missão de comandante e não a quero perder; terceiro porque o meu oficial, cansado e doente, só daqui a muito tempo estaria apto para o combate. Não se ofenda, peço-lhe. Sei que seria um óptimo combatente, que as suas acções ofuscariam as minhas, porém, gosto da minha missão e lamentaria ter de deixar de dirigir estes homens a quem tanto quero.

— Você é um mentiroso — retorquiu-lhe o tenente a sorrir. Você quer recambiar-me para a paz enquanto um punhado de valentes luta por mim e por todos os portugueses.

— Muitas luas seriam precisas para que o meu tenente pudesse combater. Peço-lhe que parta no submarino e leve consigo Amuraiba — essa querida companheira de luta. Quando Timor for liberto ela regressará para uma melhor vida.

— Vá descansar — disse o tenente — eu fico de vigia.

Do alto daquele cabeço, vestido de exuberante floresta, avistava-se o mundo em redor. Quase toda a guer-

rilha fazia sentinela. Uns a norte, outros a sul, outros a oriente e a ocidente.

— Raimundo!

O sargento voltou-se.

Muitas vezes ele pensava que quem visse uma vez os olhos daquela mulher jamais os poderia esquecer. Eram os olhos de uma incontida doçura, duma indizível e mística beatitude. Julgar-se-ia poder ver através deles todas as claridades de uma alma aberta.

— Raimundo!

— Isabel, que tem? Diga, por Deus...

Tombara-lhe nos braços.

— Raimundo! Meu marido morreu!

Imagine-se um falcão voando altivo cujo peito é atravessado pela flecha de um caçador — paira um pouco e abate-se depois. Assim Raimundo encheu o peito de ar para logo deixar vergar os ombros num peso lamentável.

Quisera tudo menos aquela morte!

— Quanto lamento, Isabel, quanto lamento!

* * *

E ali ficou, num túmulo razo, aquele que conhecera as glórias da vida, as alegrias da abastança, os gorgeios suaves do amor. Tivera a suprema consolação de se saber salvo e àquela a quem dera o nome, mas pouco durara essa alegria, visto que, durante a fuga, perdera a noção de tudo para não mais a recuperar.

Os dias e as noites continuavam a passar. Isabel sentira secar pouco a pouco as lágrimas de saudade pelo esposo.

Manhãs de frescura vindas das bandas do mar numa

acariciante e nevoenta mensagem do alvorecer ou noites longas, doces e perfumadas deixando sobressair ao luar magnífico os contornos das selvas, dos cafezais, ou dos morros altivos, ou clarões de sol, triunfante, até que se dirige afinal para o poente, aureolado de sangue e de ouro, ou o esfumado tom, as sombras misteriosas, a penumbra crepuscular — essas eram as horas que eles viviam.

Uma admiração extasiada percorria os protegidos dos guerrilheiros.

Se era certo que aquela estação se apresentava magnífica, a vida não deixava de ser monótona, e o que seriam as tremendas horas do inverno rugidor que eles mal tinham sentido, mas que tão mal os deixara? Um campo de concentração é um lugar horrível mesmo que se tivesse estado sob protecção, como acontecera com eles. Bem tinham visto matar tantos portugueses e conduzir outros ao mistério do desaparecimento, mas aqueles homens vivendo ali em ânsias, em perigos, conduzindo aquela bandeira já rota pelas balas e pelas chuvas, aqueles homens que, sem esperança de qualquer recompensa, aguardavam tranquilos a morte e se atiravam, até, para ela, com o fim de dignificarem a terra que lhes dera a luz, assombravam-nos pela coragem fria, pelo espírito de sacrifício, pelas privações, pelas indiferenças do gozo da vida. Quão fácil seria terem embarcado no submarino e irem para a Austrália!

— Esta é a nossa vida, o nosso caminho! — retorquiu Raimundo a uma frase de elogio que o australiano lhe dirigira.

— Sim! — ajuntou o tenente — é um caminho longo e difícil, um caminho que nem todos trilham... — é o caminho dos heróis!

* * *

— Porque não vens tu connosco? Tu e os teus homens? No continente não há guerra, no nosso Portugal... Poderás esquecer as angustiantes horas da vida actual! Porque razão só vocês é que lutam? Não há tantos outros portugueses? Porque não emprega o nosso governo a força?

— Que ideia! Esqueces a Alemanha? Acaso querias também a guerra a incendiar a nossa terra desde o Algarve ao Minho? Que se poderá fazer? Nada! As circunstâncias impedem que se tirem as coisas a limpo. Como poderíamos fazer um desembarque nestas costas? Os ingleses dar-nos-iam protecção marítima? Que esquadra nos apoiaria? Quanto tempo seria preciso para treinar um corpo apto a combater um inimigo fanático, guerreiro e prático? Não, Isabel, só nós é que poderemos desenvolver uma actividade proveitosa e por isso temos de ficar. Nós constituímos um corpo de patriotas a quem os instintos vingativos não são estranhos. Temos visto muito, sofrido muito, e esta terra tem sofrido connosco. Um dia chegámos à beira de uma aldeia: dela restavam cinzas. O próprio ar clama vingança. Ficaremos!

— E julgas que quando regressares te aguardam recompensas?

— Não luto por elas! Sei que a humanidade possui uma tendência hereditária para o esquecimento.

A noite vinha para eles caminhando num céu polvilhado de fragmentadas nuvens.

Tomaram a refeição antes que escurecesse por completo e, como de costume, iniciaram a marcha para a costa. Assim faziam todas as noites. O submarino havia de aparecer e, se surgisse de noite seriam nulos os esforços da primeira sen-

tinela visto que Raimundo proibira os sinais luminosos. Cumpria, pois, irem todos para a praia quando as noites invadissem a terra e o mar, porque as horas escuras fruiam de uma notável preferência por parte dos submersíveis encarregados desse género de missões.

Entre Raimundo e Gonçalves seguia Isabel a quem a morte do marido tornara diferente. Não mais os seus olhos de formosíssima expressão se tinham voltado a erguer para os mortais como no tempo longínquo dessa adolescência em que tanto fora querida.

Falavam da terra que tão longe sentiam.

— Como passaram vocês o Natal?

Pelo Natal, eles, guerrilheiros, organizaram um pequeno festejo a que não faltaram uns doces preparados por Amuraiba. Depois todos recordaram Natais passados e alguns tinham chorado, é verdade, tinham chorado! O homem, por mais valente que seja, é um animal e, como tal, sujeito às fraquezas da sua sensibilidade.

Meigas ondas beijavam as areias. O céu opaco e fechado apenas deixava passar, de espaço a espaço, o brilho melancólico de qualquer estrela. A cacimba ensopava-lhes os fatos numa fresquidão que atingia os ossos.

* * *

Adormeceram sob os olhos vigilantes das sentinelas. Feito o primeiro quarto de sentinela, Raimundo preparou-se para repousar também.

Tremendo sonho dantesco o veio então sacudir. Eram mil sombras, mil aragens de fogo a vogarem ao seu lado por entre terríveis e estridentes ruídos que o prendiam num turbilhão de fúrias. Em doidas espirais, mil medonhos es-

pectros delirantes de raiva rodeavam-no embrutecidos, tecendo martírios perante o vibrar do rijo chicote que subia e descia, ateado o seu bailar pela excitada fúria de mil algozes ensanguentados. De mistura, estranhos cânticos trepavam pelos ares num choro faminto como os gemidos de uma multidão de fantasmas há muito presos ao elo de uma só cadeia: a maldição. Sobre o dorso nu dos mortais assentavam em curvas de sangue os chicotes impiedosos e imundos. Os raios do sol em fogo faziam, da esplanada imensa em que o castigo se gerava, o palco satânico de qualquer espectáculo mefistofélico, donde se avistavam os espectadores impassíveis e frios — os milhões de astros que na «grandeza azul» vivem — e entre os quais não menos frio e impassível permanecia a terra mãe e madrasta.

Um algoz imaterial, trespassável pela vista, mas medonho na visão agarrou Raimundo pelos cabelos e levou-o através do éter num conduzir possante e majestoso enquanto as suas pernas bailavam como peças de roupa soltas ao vento dum saguão. Tentou resistir, porém as adversas tagantadas rodopiaram sobre o seu corpo forte num espirrar de sangue. E a redobrada fúria do fantasma levou-o, mais rápido, pelos ares fora.

Situava-se, sem dúvida, na fantástica região astral, região povoada de sombras que segundo os ocultistas pode ser observada pelos videntes e pelos possessos.

No cimo dum monte escalavrado ele viu, mal coberta de roupas, a formosa Isabel — os olhos pisados e o corpo coberto de nódoas negras encheram de fúria o pobre prisioneiro do fantasma e, num esforço épico, soltou-se do aperto fantástico e cobrindo o corpo da mulher amada voltou-se para o espectro. Logo ele se encolheu num mir-

rar de formas, a boca sangrenta abriu-se num esgar, os dentes podres tombaram como peças de jogo abandonado, o tom verde do rosto tornou-se mais carregado e dos olhos esburacados rolos de sangue e matéria correram num caudal.

Raimundo despertou. Sobre a terra a luz solar ainda não bailava, só uma ténue claridade se elevava das bandas orientais.

CAPÍTULO X

— Quem vem lá?

À pergunta sussurrada por Mané respondeu o sargento. Permaneciam na praia dormindo nos abrigos eventuais.

Mistérios do Oriente! Que extraordinário silêncio! Só a vaga doce e sonolenta subia lentamente para tornar a descer num murmúrio de misteriosa suavidade. Mistérios do Oriente! Como eles perpassam na música imorredoura do mar, naqueles subtis perfumes desprendidos dos recantos mais profundos das selvas, dos cafezais, dos palmeirais.

— Que tens tu?

Raimundo bem vira, bem sentira vibrante a tristeza de Mané.

— Sonhei a noite passada com um corvo voando num céu vermelho, num céu de sangue.

Um trejeito de ironia passou pelos lábios de Raimundo.

— Que significação tem?

— Pode ter várias! Para mim significa desastre, morte.

— Vês alguma maneira de fugir ao desastre, à morte?

— Não!

— Tens medo?

— Mané não treme! A sua vida pertence à missão que o meu sargento comanda.

— És um bom rapaz!

E a mão direita de Raimundo caíu sobre o ombro do franzino, mas valente soldado.

A uma ordem do sargento reuniram-se os guerrilheiros.

O louro sol mal rendilhava a terra com o seu ouro.

— Tenho uma proposta para vocês!

Parecia que dificilmente as palavras lhe saíam da boca.

— Lutamos há um ano. Quem quiser pode seguir no submarino. Abandonamos esta terra que em nós confiou, todavia já demos a nossa contribuição. Aqueles que acharem bastar essa contribuição podem seguir para as suas terras. Mané, Bóote e Juliano ficarão na terra natal. Eu ficarei com eles. Laguinho, Ferreira, Sidónio, Baptista podem partir.

— Não partiremos!

— Talvez em breve a nossa boa estrela nos abandone!

Sidónio quase obrigou os outros a calarem-se para ele falar.

— Não partiremos! O nosso furriel João, Abel e os Santanas também não podem partir.

As lágrimas assomaram aos olhos de Raimundo. — Vocês são uns valentes! Qualquer de vocês é dez vezes melhor do que eu!

Da beira-mar veio um berro. O australiano gritara.

Sob a suave vestimenta matutina brilhava, ao largo, uma luz verde.

Logo a pequena jangada pilotada pelo capitão Sidney se fez ao mar. Ele ia sòzinho falar ao comandante do submarino.

Voltou pouco depois. A alegria brilhava-lhe nos olhos.

— Podemos ir todos! — bradou — regressar à Austrália querida!

— Amuraiba!

Os dois afastaram-se um pouco. A coberto das vistas Raimundo começou a falar.

— Partirás no submarino!

A moça lançou-se-lhe aos pés.

— Matar-me-ei!

— Não, Amuraiba! Tu vais ser boazinha. Tu partirás. Um dia, quando a guerra acabar, tu voltarás a Timor. Então eu prometo levar-te até Portugal europeu. Peço-te, Amuraiba! Agora não é o sargento que dá a ordem ao soldado número doze e... tu disseste amar-me...?!

— Sim! Amo-te!

— Pois bem. Pede-te o homem que tu amas. Partirás?

Chorava a jovem mestiça. Custava-lhe abandonar o homem que tanto adorava.

Fixou-o na menina dos olhos.

— Amas-me?

Ensombreceu-se o rosto de Raimundo.

— Neste momento?

— Não respondas, então. Amar-me-ás um dia?

— Sim! Suponho que sim.

Sobre o seu peito inclinou-se a belíssima cabeça de Amuraiba. Os soluços sacudiam-na.

Ele passou-lhe os dedos trémulos pelos cabelos.

Pobre pequena! Ele tinha o vago pressentimento que nunca mais a veria.

— Ao embarque! — gritaram da praia.

Duas embarcações do submersível estavam prontas a receber os passageiros.

— Adeus meu tenente! Proteja Amuraiba e reconduza Isabel aos seus.

Uniram-se num abraço.

Jamais Gonçalves voltara a falar em ficar. Só podia servir de empecilho. Um escarro sangrento avisara-o dos resultados do mau tratamento que sofrera no campo de concentração. Talvez no continente se conseguisse curar.

Isabel fitou Raimundo de frente enquanto os outros procediam ao embarque. E Raimundo falou como na conclusão de uma conversa:

— Uma cousa te posso assegurar: não te esquecerei. Entraste demasiado na minha vida para dela poderes sair. Lembras-te daquele pedacinho da «Eneida» de que tanto gostavas e que decorámos?

Isabel levou as mãos ao rosto enquanto Raimundo murmurava com voz mal segura:

«Enquanto os rios correrem para os mares, enquanto as sombras das árvores percorrerem os vales dos montes, enquanto o céu alimentar os astros, sempre a tua honra, o teu nome e louvores lembrarão, quaisquer que sejam as terras que me chamem».

— Oh! meu Deus! meu Deus!

O sargento baixou o olhar até ela.

— Não mais te verei! Palpita-me!

— Sim! Todos temos a nossa hora — respondeu o graduado — já meu avô dizia que o homem só tem uma cousa certa: a morte!

Do submarino faziam repetidos sinais.

Raimundo ajudou Isabel e ela entrou também.

— Raimundo!! Lembra-te de que nunca te esquecerei. Permita Deus que esta luta maldita acabe breve. Talvez possas voltar para aqueles que te amam...

Que magnífica expressão dansava agora no rosto do graduado. Que tamanha confiança em si ele adquirira! Sabia não voltar a ver aquela mulher e, todavia, como um ser superior, deixava-a afastar-se para sempre.

Ferreira correu ao barquito. O tenente Gonçalves sorriu-lhe recebendo o relógio que o guerrilheiro mandava à filha. Como piedosa recordação, estivera ele para dizer, porém conseguira vencer o fatalismo.

Não seria possível desprenderem-se aqueles olhos...

Amuraiba bem os via e chocou-se.

— Até à vista, Raimundo!

Que melhor recompensa poderia Raimundo esperar de Amuraiba do que aquele olhar de inaudita fidelidade.

— Até à vista, Amuraiba!

Isabel erguera-se:

— Adeus!

E, como uma flor cujo caule quebram, ela tombou nos braços do capitão Sidney.

Sob as fortes ramadas o barquito afastou-se.

Qual estátua da fatalidade, Raimundo ergueu o braço em continência no que foi imitado por toda a guerrilha, depois ficou dizendo adeus como que a medo.

Do barco, Amuraiba era a única que não lhe respondia, mas quando o bojo negro do submarino os começou a receber foi ela a última a entrar, e por uns segundos, a sua silhueta formosa, os seus cabelos vogando ao vento, o seu ar altivo, mostraram-se qual visão de excelente beleza.

Na praia uma comoção se apoderara dos guerrilheiros. Amuraiba representava muito para aqueles valentes e alguns não tiveram vergonha de deixar deslizar grossas lágrimas de saudade.

O sol subia lento.

— E os dias vão-se sucedendo aos dias! — murmurou Sidónio.

Raimundo não lhe respondeu. Fitava o periscópio que, finalmente, se afundou nas ondas verdes.

Havia mais de dez minutos que o submarino desaparecera e eles continuavam na beira-mar. O cinzento do mar tornava-se verde após a acção do sol.

— Inimigos!

O brado fora soltado por Bóote colocado um pouco mais à retaguarda. Raimundo inteirou-se do que se passava.

— Rapazes! — e a voz não lhe tremia — Estamos perdidos!

O horizonte perto era negro de tropa.

Um sorriso cobriu-lhe os lábios.

— Cem para matar oito! Que valentes!

Correram para um buraco esperando logo as balas inimigas. Mas mais que certos da vitória eles não dispararam.

Ombro a ombro, compondo um círculo, estacaram dentro do fosso, de armas aperradas.

— Porque não foram vocês? — gemeu Raimundo — porque não foram?

O silêncio pesava como chumbo. Embora pálidos todos pareciam resolutos.

Dos japoneses destacou-se um emissário com uma bandeira branca.

— Uma proposta... não aceitaremos, mas enfim, é legal ouvi-lo. Cuidado com as traições!

Pararam a quatro metros: um capitão e um sargento. Um antigo conhecimento. Nada mais nem menos do que o capitão Kyoto por eles julgado morto. Fora-lhe provei-

tosa a fuga! O Exército Imperial ia, finalmente, apanhar aqueles heróis.

Vinham propor a capitulação e era tudo.

Raimundo negou e inquiriu da razão de não terem impedido a partida dos fugitivos. O oficial sorriu cìnicamente e retorquiu que apenas ele e os seus homens lhe interessavam e que naquela altura ainda não tinha acabado o cerco e queria ter a certeza de os apanhar entre ele e o mar.

— Estamos a câmbio alto! — chasqueou Raimundo.

E pediu ao japonês que se retirasse.

— Why?

— Because you are very tiresome!

O outro empalideceu horrìvelmente.

— Do you want, or no?

— No!

Raimundo sabia que se se entregassem seriam fuzilados, preferiam morrer sim, mas devagar, como D. Sebastião.

Então os nipónicos afastaram-se com passinhos miúdos.

— Meus amigos! — disse Raimundo — É o fim! Podemos dar boa tarde ao mundo e adeus à vida. Morramos com a consciência do dever cumprido, morramos alegremente por esta bandeira.

E espetou no chão a baioneta. Na espingarda, presa à coronha, flutuava ao vento o galhardete daqueles heróis.

— Que quem tiver o azar de cair nas mãos deles meta primeiro uma bala na cabeça.

O inimigo preparava-se para o assalto. O cerco tinha sido completado. De todos os lados avançavam com lentidão, mas com firmeza. Queriam, decerto, apanhá-los

vivos, porque uma granada seria suficiente para os aniquilar.

Brilhavam lágrimas nos olhos dos franco atiradores cuja missão ia em breve terminar.

A bandeira parecia mais bela do que nunca. Um ventinho agudo fazia-a vibrar sobre a terra timorense pela qual dansava a clara luz do sol.

— Bóote! e Raimundo sorriu — faz o gosto a ti próprio! Toca a fogo.

E a corneta brilhando à luminosidade daquele dia derradeiro atroou os ares com o sinal da violência.

Que empolgante espectáculo o de aqueles homens, bravos como só eles, as armas em riste, aguardando a morte que sabiam certa, enquanto o seu corneteiro, como em batalha de igual para igual, dava o sinal de fogo!

Troaram tiros dos dois lados.

A corneta calou-se. Bóote caiu rasgado por muitas balas. Baptista foi o segundo a tombar sobre a metralhadora-ligeira. Laguinho tomou-lhe o lugar e rangendo os dentes continuou o fogo. Raimundo que parecia invulnerável fazia proezas de valor.

— Vivos! Vivos! berrava o capitão.

Todavia os soldados nipónicos baqueavam, inexoràvelmente, sob as balas dos guerrilheiros.

Em menos de dois segundos Juliano e Sidónio cairam feridos. Raimundo correu para eles. As balas choviam. O primeiro morrera quase logo, mas Sidónio ainda vivia.

— Posso tratá-lo por tu? perguntou o ferido ao seu sargento.

— Sim! Sem dúvida!

— Pois bem. Vai continuar a luta. Zangaste-te um dia por eu me encontrar desgostoso. Peço que me desculpes.

Morro contente. Nenhum dos nossos compatriotas fez o que nós fizemos. Ah! morro... Meu Portugal querido... vai ficando tão longe... tão longe...

A pistola-metralhadora de Raimundo cuspiu lume sobre um grupinho que avançava sorrateiro. Laguinho que o julgara perdido deu a «dreyse» a Ferreira e correu para ele. Uma bala atingiu-o no peito, mas antes de cair para sempre teve tempo de soltar uma praga e de matar o nipónico que o apanhara.

O cheiro a pólvora sufocava! Endoidecia!

Por entre o fumo Raimundo viu Ferreira inclinar-se sobre a metralhadora.

— Morres, meu amigo?

O outro sorriu.

— Todos morremos! Todos morremos! Ninguém fica na terra eternamente.

Uma careta de dor torceu-lhe as feições morenas. Com um gesto brusco tirou do bolso o retratinho da filha e finou-se olhando-o longamente. Mané já estava ao pé dele para o substituir no fogo. Raimundo encarregou-se de o municiar. Entretanto, ia embebendo em petróleo a bandeira que os acompanhara nas suas lutas.

Mané torceu-se com um berro. Uma bala atravessara-lhe os pulmões.

— Timor ressuscitará! gemeu o timorense olhando o seu sargento. — Grande foi a nossa honra! Fomos os últimos a cair por ele. Obrigado, meu sargento! Foste um grande combatente desta terra onde nasci!... Adeus, agora que nada mais posso fazer por ela.

Raimundo ficara sòzinho. Ao seu redor jaziam os corpos sangrentos daqueles que um dia tinham sido os seus soldados.

O quadro era de beleza arrepiante. No meio dos mortos, meio oculto pelo fumo, Raimundo acabara de ensopar a bandeira no líquido inflamável.

Confiantes, os nipónicos avançam precedidos pelo capitão já ferido num ombro.

— Rende-te, cachorro! — bradou o japonês.

Estava a menos de dois metros. Raimundo pegou fogo à bandeira e logo uma língua de fogo a lambeu.

— À carga! — rugiu o português, e atirando-se contra o peito do nipónico cravou-lhe a espingarda armada de baioneta. Dezenas de balas vieram ferir aquele corpo nobre. Raimundo chegara ao extremo do caminho dos heróis!

O nipão morria com a espingarda espetada no peito estreito e, na coronha da arma vingadora, num clarão de fogo, ardia aquela Bandeira na qual luziam as letras da divisa dos heróis que tinham morrido tão bem: «E julgareis qual é mais excelente, se ser do mundo rei se de tal gente».

A vida e o tempo nunca param: e, ou indo, ou estando, ou caminhando, ou parados, todos sempre e com igual velocidade passamos.

(P.^e^ ANTÓNIO VIEIRA)

Timor foi liberto em Setembro de 1945. Havia dois anos que Raimundo e os seus heróis tinham caído para sempre. Se alguém os esqueceu, esse alguém não foi com certeza Amuraiba. As recordações daqueles dias do passado acompanhá-la-iam toda a vida. E hoje, como sempre, ou nos pontos mais ermos da selva ou nos píncaros mais solitários das montanhas ou à margem das ribeiras, em suaves manhãs de verão, em esplêndidas noites de magia tropical em que o perfume das selvas é mais profundo e mais ardente, ou mesmo quando ruge a tempestade destruidora, a doce indígena, educada e livre, passeia na contemplação desses lugares onde viveu os mais terríveis, mas também os mais formosos dias da sua vida! Quantas vezes, dos seus olhos tão belos, as lágrimas deslizam serenas! É que recorda esse homem a quem tanto amara, esse herói que pelos seus sagrados ideais tudo tinha sacrificado. Certo

era que ele desaparecera para todos os tempos, porém a ela parecia-lhe que, eternamente, a sua presença e a dos seus homens pairaria sobre as terras ardentes de Timor, a 125 graus de Longitude Este e a 8 graus de Latitude Sul, num extremo do Arquipélago de Sonda.

FIM

EM PREPARAÇÃO:

"Sob o Vôo das Gaivotas"

um livro de Contos
que inclui: «TERRA
LIVRE», o qual, no
Torneio Literário
«Chama de Maio»
de 1949, obteve o
primeiro prémio
da sua categoria.